

Nho Bento

Rosário

de

Capia'

11-7

2. B. 1009



NHÔ BENTO
(JOSÉ BENTO DE OLIVEIRA)

ROSARIO
DE
CAPIÁ

(POEMAS CABOCLOS)

1.ª EDIÇÃO

CAPA DE A. ESTEVES
ILUSTRAÇÕES DE
BELMONTE, A. ESTEVES, BILÚ, AMARO
E NINO BORGES

1946

ÍNDICE

	PÁG.
Rosario de Capiá	1
Alma Praiana	14
A Menina dos óio do Brasi	16
Doce de Cidra	19
Carro de Boi	23
Óio Grande . . . Óio Piquêno	26
Falá a verdade nunca foi pecado	29
O que eu quero pedi	36
O milagre da Santa	39
Caváco de Páu	44
A Bregãha	47
Água de Cachuêra	50
O Brasi me chamô !	53
Casevé	57
O Presente	60
Prô Dono da Pensão	63
Diz que as istrêla	74
Paixão de Caçadô	79
A Búcha	84
Sabiá-Colêra	87
Mundo Torto	91
Istrelinha do Trêm	101
A istrada, o brêjo e a ponte de um páu só	104
Cêgo de Amô	109
Foi castigo	111
Bicho não come !	114
Não viu o véio	118
O lubisóme	121
Cismando atôa	124
Três Caravêla	126
Ribeirãozinho	131
Sangue pró Brasi !	137
Fitiçaria	139
Neste Mundo não ha nada prefêito !	142

IMPRIMIU
 "GRAPHICARS - F. LANZARA"
 SAO PAULO - RIO
 1946

Si as istrela fosse minha	Pág.
Éta Amô !	147
Tá pértinho de nós !	151
Frô de ispinhêro	153
Frozinha do mato	157
Casa de mé	160
	162

NHÁ CHIQUITA

Se eu soubésse cantá	166
Pasto Sêco	167
Quatro Oio	168
Cumo cheguêi	170
Santa Crúis	172
Bêra Córgo	174
Mãi d'Água	177
Cumbêrsa fiáda	179
Fogo apagô	181
Assumbração	183
Réstinho de alegria	185
A Sorte	187
Páu piúca	189
A riqueza da Sodade	192
Três Bêrsinho	193
Inté as pedra se incôntra	196
Oração de cabôco	199
Vocabulário	203

PREFÁCIO



OI em casa do Cicero Marques. Certa noite vi lá dois estranhos, um gordão e moreno a quem davam o nome de Nho Bento — e era de fato um perfeito “Nho”, bonachão, sossegado. Outro, um chatola, foi-me apresentado como Pagano. Eu podia pensar tudo daqueles dois homens, menos que fossem dois verdadeiros e grandes poetas. Em certo momento Cicero pede a Nho Bento que recite um dos seus poemas. Nho Bento levanta-se e limpa o pigarro — e eu suspiro por dentro, preparando-me para a séca. Esses tais recitativos de encomenda são em geral uma estopada que a gente tem que engulir de cara amavel, com palminhas no fim e pedidos hipocritas de “Recite outra...”

Mas a minha surpresa foi grande. O homem pôs-se a dizer, com uma expressão, uma verdade e uma propriedade inexcitáveis, os melhores poemas caipiras que ainda ouvi — ricos de imagens novas, de modismos, de mil particularidades que no momento eu não podia analisar mas me *enlevaram*, como igualmente enlevaram a todos os presentes. Cicero olhava-nos orgulhoso — o orgulho dum empresario feliz. “Eu não dizia?” era a sua expressão ante o nosso espanto. E quando entre palmas Nho Bento terminou o seu poema, o “Recite outro!” foi geral e sincerissimo, porque versos como aqueles são como bombocados que um não contenta.

E depois de Nho Bento levantou-se Pagano e tambem disse emocionantemente varios dos seus “poemas negros”, tão pitorescos e doridos. Foi uma das mais belas noites de minha vida, essa em que travei conhecimento com dois extranhissimos poetas, desses que não fazem invocação a Apolo, não entram nas academias, mas enchem a alma do povo e imortalizam-se de verdade — como o grande Catulo.

Discutiu-se depois a publicação dos poemas de Nho Bento e com prefacio meu! Pobre de mim! O menos critico dos

homens, o mais sem jeito, e virado “prefaciador oficial” de livros, como antigamente havia na roça aqueles “oradores oficiais” das festinhas de família...

Mas como eu já havia jurado aos deuses pôr fim a essa função prefaciadora venho hoje declarar em publico e razo que não, não e não. Não faço o prefacio pedido, não só para não ficar mal perante os deuses, como porque acho difficilimo fazer um prefacio decente para um livro excepcionalmente bom, sincero, leal e de tanta beleza rustica como este de Nho Bento. Não o faço porque iria naufragar — e onde já se viu naufragio de motu-proprio ?

Este nosso país é um assombro. Nascemos aqui, vivemos e morremos aqui e não o conhecemos. Conhecemo-lo tão pouco que quando appareceu o primeiro retrato *d'après nature* do jéca foi um espanto geral, e uma celeuma que durou anos e ainda é debatida. E' que ninguem sabia como era o jéca — e sabem quantos jécas ha neste país ? Milhões. Talvez 15 milhões, isto é, a terceira parte da nação ! Mas esses milhões de nacionais vivem de tal modo segregados da civilização das cidades grandes e pequenas, tão alheios á cultura geral, que somos etnograficamente um balde com dois terços de agua e um de azeite — coisas imisturaveis.

Temos duas civilizações, ou, melhor, duas “culturas”: a cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem ! e a “cultura local”, filha da terra como um cogumelo é filho dum pau podre, desenvolvida pelos homens do mato — o caboclo, o caipira, o jéca, em suma. Como o jéca nunca leu nada nem escreve, a sua cultura se foi fazendo ao tipo primitivo, por lentas acessões e restritas experiencias locais — e com a transmissão sempre oral. O assunto é grande demais para caber num prefacio; exige livros, já que se trata dumja “cultura” de 15 milhões de seres humanos. Mas cumpre-nos aqui considerar a galope um dos aspectos dessa “cultura”: a lingua, pois foi na lingua do jéca que Nho Bento nos encantou.

Essa lingua descende da que os portugueses introduziram e que alijou a lingua geral então existente nestes territorios: o tupi-guarani. Ficou a lingua portuguesa sendo a lingua ge-

ral do Brasil e até hoje o é. E por que o é ? Por que aprendemos o português de duas maneiras: de ouvido e de leitura. Se o aprendessemos só de ouvido, como acontece com o jéca, a nossa “lingua geral” estaria hoje tão distanciada da lingua portuguesa que um português não a entenderia. O que conserva as linguas e impede que caminhem com velocidade excessiva pela tentadora estrada da evolução, é a escrita.

Mas como o jéca nunca soube ler nem escrever, a evolução da lingua portuguesa em sua boca se fez a galope. Nho Bento em seus poemas fixa muito bem a lingua falada do jéca — e antes que me esqueça: por que os nossos filologos não extraem a gramatica dessa lingua do jéca ? Que interessante seria !... Quanta “mutação” vocabular, quanta variação da sintaxe, da prosodia, de tudo!... Troca do “b” pelo “v”: “cumbérsa”, “bérso”, “cuvéрта”... O “lh” substituido pelo “i”: “abéia”, “páia”, “máia” (malha)... O “ou” reduzido a “ô”: “fumô”, “bôtô”... Quantos aspectos !

Deviamos fazer a gramatica da interessantissima “lingua do jéca” como os francêses fizeram a gramatica da “lingua de oc”; e deviamos ensinar essa gramatica nas escolas, lado a lado com a gramatica portuguesa, em vez de torturar as pobres crianças com o terrivel e inutil latim do senhor Capanema. Ficariamos assim educados em duas linguas, a geral, ou portuguesa, e uma lingua auxiliar, a do jéca. Que vantagem haveria nisso ? Oh, grande: — podermos falar gramaticalmente com os 15 milhões de jécas que ha no territorio brasileiro.

A evolução dessa lingua é curiosissima e inteligentissima, como todas as evoluções não atrapalhadas pelos bréques dos artificialismos. A forma escrita das linguas é um artificialismo tremendamente embaraçador da evolução natural das linguas. Tão emperrado, que no inglês a lingua falada está p'ra cá, e a escrita está p'ra lá. Mr. Churchill escreve “enough” e diz “inãt”. O jéca teve a felicidade de não saber ler nem escrever, de não se preocupar com a Academia de Letras, de usar dos jornais unicamente o papel — e graças a isso “evoluiu” a lingua portuguesa só de ouvido e sempre de acordo com as injunções da “lei do menor esforço” e da “lei da melhor compreensão”. E como suprimiu besteiras inuteis ! Os verbos, por exemplo. Nós, por causa da tirania da escrita, ainda estamos com tantas

variações pessoais como as tinha o latim. Dizemos: Eu tenho, Tu tens, Ele tem, Nós temos, Vós tendes, Eles têm. Ha um grave defeito aqui. Se o pronome já indica a pessoa do verbo, por que indica-la novamente com a variação do verbo? Redundancia, bobagem — perda de esforço. O jéca, muito mais economizador de esforço, porque vive na maior das penurias, diz Eu tenho, Vancê tem, Ele tem, Nós tem, Vancês tem, Eles tem.

O inglês tambem diz: *I have, He have, We have, You have, They have* — e tanto o jéca como o inglês exprimem perfeitamente a “pessoa que tem”, sem estarem latinescamente variando o pobre verbo.

Ha uma estranha aproximação do inglês com a lingua do jéca, a ponto dum meu amigo, o visconde de Sabugosa, achar que essa lingua deriva do inglês e não do português, como o saudoso Alvaro Guerra supunha. O jéca forma os seus plurais com a mesma intelligencia e economia do inglês; diz, por exemplo, “as casa”, “os home”, “as muié”, em vez de dizer redundantemente como o português, “as casas”, “os homens”, “as mulheres”. O inglês diz, “the houses” (o casas), “the men” (o homens), “the women” (o mulheres) — a mesma coisa que o jéca, só que invertido. Se pondo apenas o artigo no plural a frase fica perfeitamente clara, para que botar no plural tambem o substantivo? pensa com muita razão o jéca — e o inglês faz o mesmo raciocínio quando pluraliza o substantivo e não mexe no artigo.

Tudo isto eu diria no prefacio ao livro de Nho Bento, se fosse escreve-lo. E acentuaria que o mesmo direito que tiveram os portugueses de corromper o latim e transforma-lo em lingua portuguesa, temos nós, letrados, de corromper a lingua portuguesa e transforma-la na “lingua brasileira”; e tem o iletrado jéca de “evolui-la” em outro rumo. Mais cientificamente, podemos dizer que a lingua portuguesa no Brasil está sofrendo duas variações: uma lenta, da gente que sabe ler e escrever; e outra rapida, da gente da roça segregada do urbanismo, do livro, do jornal e do radio — o abençoado jéca que tem a sorte de não ler os jornais do governo nem os da opposição e de não ouvir a “Hora do Brasil”.

Quem condena como coisa “errada” o modo de falar ou a lingua do jéca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação

duma lingua são fenomenos naturais, e não ha erro nos fenomenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de tontamente condena-las, pois condena-las equivale, por exemplo, a condenar os aneis de Saturno em nome dos planetas que não possuem aneis; ou as caudas dos cometas em nome dos astros surras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capia que vêm nuas.

O latim barbaro dizia, ou devia dizer, *Oculavit ad Me.* (1)

Por uma serie de corrupções que os filologos de bom faro rastreiam, esse latim deu em Portugal a variação: **OLHOU BEM PARA MIM.** Houve melhoria de expressão; o “bem” está acentuando o modo de olhar.

O jéca ainda melhorou mais a frase e diz, como vemos no “Doce de Cidra”, um dos poemas de Nho Bento: **OLHÔ BEM N’EU.** O pobre jéca, sempre de estomago vazio e na embira, forçado a levar ao maximo de suas consequencias a lei do menor esforço, suprimiu o inutil “u” do “olhou” e dispensou a variação pronominal “mim”, já que só com o pronome “eu” ele (e todo mundo) se arranja perfeitamente bem.

Mas como tratar dum assunto tão suculento e longo dentro da curteza dum prefacio? Só no que diz respeito ao setor “lingua do jéca”, como Nho Bento a fixou em seu livro, teriamos de escrever um volume de 600 paginas.

Bem: e quanto teriamos de escrever sobre o merito dos poemas — o merito poetico, o merito emotivo, o merito humoristico, o merito pitoresco, o merito beleza? Livros e livros... E querem que tudo caiba no coitadinho de um prefacio...

Não, Nho Bento, não posso fazer o prefacio que você quer. Ha coisas demais em seu livro e

Quem de tudo qué sabê
acaba, não sei proquê,
maluco que inté dá medo
fazendo as conta nos dedo
sem nunca podê acertá.

O poema em que estão estes versos abre o livro e tem o nome de “Rosario de Capiá”. Que linda obra prima de obser-

1. Informação do meu distinto e sabio amigo Fernando de Azevedo.

variações pessoais como as tinha o latim. Dizemos: Eu tenho, Tu tens, Ele tem, Nós temos, Vós tendes, Eles têm. Ha um grave defeito aqui. Se o pronome já indica a pessoa do verbo, por que indica-la novamente com a variação do verbo? Redundancia, bobagem — perda de esforço. O jéca, muito mais economizador de esforço, porque vive na maior das penurias, diz Eu tenho, Vancê tem, Ele tem, Nós tem, Vancês tem, Eles tem.

O inglês tambem diz: *I have, He have, We have, You have, They have* — e tanto o jéca como o inglês exprimem perfeitamente a “pessoa que tem”, sem estarem latinescamente variando o pobre verbo.

Ha uma estranha aproximação do inglês com a lingua do jéca, a ponto dum meu amigo, o visconde de Sabugosa, achar que essa lingua deriva do inglês e não do português, como o saudoso Alvaro Guerra supunha. O jéca forma os seus plurais com a mesma intelligencia e economia do inglês; diz, por exemplo, “as casa”, “os home”, “as muié”, em vez de dizer redundantemente como o português, “as casas”, “os homens”, “as mulheres”. O inglês diz, “the houses” (o casas), “the men” (o homens), “the women” (o mulheres) — a mesma coisa que o jéca, só que invertido. Se pondo apenas o artigo no plural a frase fica perfeitamente clara, para que botar no plural tambem o substantivo? pensa com muita razão o jéca — e o inglês faz o mesmo raciocinio quando pluraliza o substantivo e não mexe no artigo.

Tudo isto eu diria no prefacio ao livro de Nho Bento, se fosse escreve-lo. E acentuaria que o mesmo direito que tiveram os portugueses de corromper o latim e transforma-lo em lingua portuguesa, temos nós, letrados, de corromper a lingua portuguesa e transforma-la na “lingua brasileira”; e tem o iletrado jéca de “evolui-la” em outro rumo. Mais cientificamente, podemos dizer que a lingua portuguesa no Brasil está sofrendo duas variações: uma lenta, da gente que sabe ler e escrever; e outra rapida, da gente da roça segregada do urbanismo, do livro, do jornal e do radio — o abençoado jéca que tem a sorte de não ler os jornais do governo nem os da opposição e de não ouvir a “Hora do Brasil”.

Quem condena como coisa “errada” o modo de falar ou a lingua do jéca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação

duma lingua são fenomenos naturais, e não ha erro nos fenomenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de tontamente condena-las, pois condena-las equivale, por exemplo, a condenar os aneis de Saturno em nome dos planetas que não possuem aneis; ou as caudas dos cometas em nome dos astros suras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capiá que vêm nuas.

O latim barbaro dizia, ou devia dizer, *Oculavit ad Me.* (1)

Por uma serie de corrupções que os filologos de bom faro rastreiam, esse latim deu em Portugal a variação: OLHOU BEM PARA MIM. Houve melhoria de expressão; o “bem” está acentuando o modo de olhar.

O jéca ainda melhorou mais a frase e diz, como vemos no “Doce de Cidra”, um dos poemas de Nho Bento: OLHÓ BEM N'EU. O pobre jéca, sempre de estomago vazio e na embira, forçado a levar ao maximo de suas consequencias a lei do menor esforço, suprimiu o inutil “u” do “olhou” e dispensou a variação pronominal “mim”, já que só com o pronome “eu” ele (e todo mundo) se arranja perfeitamente bem.

Mas como tratar dum assunto tão suculento e longo dentro da curteza dum prefacio? Só no que diz respeito ao setor “lingua do jéca”, como Nho Bento a fixou em seu livro, teriamos de escrever um volume de 600 paginas.

Bem: e quanto teriamos de escrever sobre o merito dos poemas — o merito poetico, o merito emotivo, o merito humoristico, o merito pitoresco, o merito beleza? Livros e livros... E querem que tudo caiba no coitadinho de um prefacio...

Não, Nho Bento, não posso fazer o prefacio que você quer. Ha coisas demais em seu livro e

Quem de tudo qué sabê
acaba, não sei proquê,
maluco que inté dá medo
fazendo as conta nos dedo
sem nunca podê acertá.

O poema em que estão estes versos abre o livro e tem o nome de “Rosario de Capiá”. Que linda obra prima de obser-

1. Informação do meu distinto e sabio amigo Fernando de Azevedo.

vação da natureza agreste e correlacionamento com a emoção humana! O capιά é um capim alto que dá como semente umas contas azulegas muito lustrosas e duras, com as quais na roça se fazem os rosarios. Parece que já nascem para isso, pois apresentam um furinho dum extremo a outro, muito proprio para receber o fio de linha. Para o bom Bernardin de Saint Pierre os melões tambem nascem com a casca dividida em go-mos para nos facilitar o cóрте das fatias. Nho Bento começa o poema figurando à margem dum córgo uma touceira de capιά que ali nasceu e ali vive a ver "a agua correr o ano inteiro sem parar". O meio de com aquelas contas azulegas fazer um rosario

é só a gente passá
um fio de linha no meio,
pra mode enfiá as continhas,
com jeito, pra não errá...
Quando o fio tivé bem cheio,
cô'as conta tudo juntinha,
tambem tá prontinho e feito
um rosarinho perfeito
de contas de capιά...

Só isso. E' assim que na roça as meninas ou a mulher do jéca fazem os seus rosarios, muito mais bem vistos no ceu do que esses rosarios de luxo das damas ricas das cidades. Nho Bento dá alma ás contas de capιά e mostra-as no seu convívio com as aguas do córgo.

Mas, como eu ia contando,
as conta de capιά
azuzinha, bonitinha,
quando elas fica quietinha,
paradinha na varinha,
tão vendo o córgo passá.

"Paradinha nas varinha", isto é, nos caules do capim, como pedantemente nós, letrudos, dizemos. E agora vem a filosofia do poeta: o córgo é a vida que passa; e as contas presas ali no caule ficam

guardando pra não perdé
o que as agua mexerica,
o que o corgo vai dizendo,

se coçando, se lambendo,
ispaiando os mixirico,
regatero que nem mico,
pulando que nem saci!

Mas a agua que corre tambem tem seus sofrimentos, a coi-tadinha; e

passa as veis triste, calada,
não canta, não diz nada,
só geme co'a dô que tem...

Oh, o choro das aguas que passam! E' dor que as contas do capιά não contam para ninguem; guardam consigo; não contam mas a gente

...adivinha
proquê o jeito das continha
ademóstra sem falá...

Pois foi observando as contas de capιά ás voltas com as aguas do córgo, "olhando, sem piscar, paradinhas e quietinhas, tudo que se passa", que o poeta 'maginou e 'garrou o

...cumprimisso
de ponhá num fio de linha,
prá mode ficá bem juntinha,
minhas contas de capιά —

isto é, as recordações de sua vida, seus amores, suas mudanças de terra, tudo que viu e aprendeu do seu posto de estacionamento á beira do corgo da vida. E Nho Bento compõe um poema dos mais realmente poeticos que possam existir. As principais contas de capιά de sua vida ele as enfileira ali, sobretudo a profunda afeição pela doce creatura que o botou no mundo —

Aquela que só aconselhava
inté quando ralhava.

E um dia o bom filho, já na idade madura, sentiu em si a eclosão do poeta; organiza então um rosario com as contas de capιά de sua vida para da-lo de presente á sua mãezinha já no ceu.

No fim, quando enfiei a conta que fartava
pra sê a urtima conta infitada no fio,
meu coração tremendo se ria e chorava
e se assombrava inté co isso tudo que viu...

Meu pensamento então foi longe e me largô.
Levô o fio de linha e as conta que enfiava,
foi no ceu campeá minha mãe donde tava
deu de presente a ela o rosário e vortô...

O prefacio teria de historiar esse comprido poema, e todos os outros, e acentuar-lhes as belezas ingenuas; só assim ficaria o leitor com uma ideia aproximada da significação do livro de Nho Bento.

Quanta coisa linda esse livro nos vai deparando! Quanta continha de capiá no rosario de cada poema! Um deles me parece talvez o melhor da coleção — “Ribeirãozinho”.

Aquela caboca ladina e facera
que um dia, na estrada,
parô na portera,
me oiando incantada,
gostando de mim;
aquela caboca que eu sendo tão feio
me achava bonito, vestindo um pareio
de rôpa de brim...

Aquela caboca que espia o que eu faço...

Aquela caboca que insina eu cantá...

Aquela caboca que sempre me espia
falou que eu devia
oiá o ribeirão,
ponhando tenção
no que as aguas fala depressa, correndo.

E o poeta descreve o ribeirão cujas aguas passam resmungando “que nem gente véia”.

Oiando bem nele, de olho istanhado,
é que a gente pesca o que vai fazendo
o ribeirãozinho que passa correndo,
artêro e assanhado,
que despois, parado,
cochila e descansa
taliquá criança
que quando parece que cai de cançera
tá logo assuntando quarqué brincadera.

E quem poderá pintar melhor a travessura das aguas em seu eterno defluir?

Quando ele esperneia que nem cabritinho
pregando pulinho
rasgando a ropinha de escuma que fica,
é mesmo a criança levada e curica
que brinca e que canta
desde que levanta...
Que atrépa nas arve que nem serelepe
que se desimbesta pró riba do estrepe
côs dois pés no chão;
que máia o dedão
nas pedras da estrada,
se rindo, zombando, fazendo caçoada
porque não ha nada
que faça pará
criança levada
quando qué reiná...

As aguas que passa ligeira, pulando,
é iguá co'as criança quando tão brincando
de “mestre mandá”... de “tempo será”...

E Nho Bento vai por aí alem, “creando”, creando coisas ineditas em nossa literatura, tão simples, tão ricas de sugestão e beleza campestre.

E as aguas vão indo,
correndo e sumindo,
aluindo os barranco, mexendo as pedrinha,
fazendo fosquinha,
taliquá criança
que mexe com tudo que topa e que ascança,
fazendo micage, ponhando defeito
co'a gente mais veia fartando o respeito...

Todas as nuanças da agua que flue são lembradas no poema de Nho Bento.

Ele não esquece das flores que caem n'agua:

E as frô, despencando,
vão se debuiando

* no ribeirãozinho,
os gaio das arve largando sozinho
que nem fio ingrato
que esquece do trato
que teve do pai ...

Ponhando sentido nas frô, quando cái,
quarquê comparança
se fais co'a esperança
que a gente pissuiu
e se consumiu ...

É afinal as flores vão virando babugem e param na escuma
dos poços remansados. O poeta conta isso assim:

E quando o corguinho, decerto cansado,
cochila, parado,
as frô que caíram
que se consumiram,
que também parô,
mas mudô de cô
de tanto rolá,
dá pena se oiá !

Tá tudo juntinha,
tudo agarradinha,
que nem se conhece ...
Vendo elas parece
que a escuma vermêia
que deixa elas feia
é que nem as cova mostrando os ossinho
de um corpo de anjinho

.....
Tá tudo quietinho
Inté os passarinho
cumbersa baxinho !

Como fazer prefacio a um livro dum diabo assim ? Impossível. Ficaria grande demais e não diria nem metade do que a obra merece.

Não cabe á critica julgar Nho Bento. Isso está feito pelo juiz supremo: a enlevada expressão de encantamento de todos quantos o ouvem recitar. Diante desse enlevo, que vale a apro-

vação dum critico ? E como é disputado Nho Bento ! Todos o querem. Solicitam-no de todos os lados, para todas as festas como Catulo em seu periodo aureo.

E vendo isso, e comparando o enlevo que seus poemas nos provocam ficamos a imaginar que neste país de duas "culturas" tão diversas, a letrada e a iletrada, talvez seja a iletrada a mais interessante, a mais original, a mais rica em poesia. Pelo menos a poesia que nela existe é local, inedita, nascida aqui mesmo como os musgos, as avencas, as orelhas de pau. A outra cultura é, e sempre foi, de importação. Importou no começo a arte e a poesia do "reino"; depois importou-as da França; depois passou a recebe-las do mundo inteiro; e quando nasceu por lá a bobagem do Marinetti, nossa culturinha litoranea, bobinha, bobinha, começou a marinetizar — e até hoje anda nisso em varios setores, como no da pintura, sem jamais conseguir que ninguem se interesse pelo que o jéca chama "porcaria".

Como prefaciari o livro de Nho Bento se esse livro é um formigueiro de sugestões mais inextinguivel que certos formigueiros de sauva ? Quanto mais a gente mexe nele, mais sauvas saem — e como botar todas dentro dum pobre prefacio de uma duzias de paginas ?

Não, meu caro Nho Bento. Prometi um prefacio para seu livro, não nego, mas é que não o havia lido ainda. Agora que o li, rôo a corda. E não, porque um prefacio decente teria que sair do tamanho dum dicionario. O melhor, em vez de prefacio, é dizer uma coisa só ao leitor:

— Amigo, leia Nho Bento e aprenda; fique sabendo que poesia da verdadeira é isso. O resto que anda por aí é "intellectualismo versificado", lindo ás vezes, mas com muito pouca verdadeira poesia dentro — e poesia local, original, inedita, nenhuma — salvo nos livros de Catulo. Leia o "Rosario de Capia", se quer tomar um banho de imersão em poesia pura e travar relações com a lingua do jéca — muito mais interessante e inteligente que esta nossa lingua de letrudos.

Monteiro Lobato

ROSARIO DE CAPIÁ

Ispiándo o córgo passá,
oiándo as água corrê,
as môita de capiá
dão contínha tudo iguá,
o ano intêro, sem pará ...

E' só a gente passá
um fio de linha no meio,
pra móde infiá as contínha,
cúm geito, pra não errá ...

Quando o fio tivé bem cheio,
cô'as cõta tudo juntínha,
tambem tá prontínho e fêito,
bonitinho e por iguá,
um rosarínho prefêito
de conta de capiá ...

Despóis a gente vái indo
mexendo as conta cô dêdo,
coçándo élas e bulindo,
ponhando bastante tino
pra ispeculá os segrêdo
que cada contínha conta !

As vêis dêixa a idéia tõnta
prôquê não é bão mexê,
pensando que é brincadêra ...

distino é que nê m bêspera
dêssas bêspa bem treçoêra,
que quanto mais se iscugíta
mais dêxa as pessoa afríta,
gramando a dô do ferrão,
se ispojando intê prô chão,
gemendo pra não chorá ...

Quem de tudo qué sabê,
acaba, não sei proquê,
maluco que intê dá medo,
fazendo as conta nos dêdo
sem podê nunca acertá,
noite e dia, a vida intêra,
cismando sem descançá !

Mas côm o eu ia contando,
as conta de capiá
azuzínha, bonitínha,
quando êlas fica quiétinha
paradínha na varínha,
tão vendo o córgo passá ...

O córgo é a vida ... E êlas fica
guardando, pra não perdê,
o que as água mixirica,
o que o córgo vái dizendo,
se coçando, se lambendo,
ispaiándo os mixirico,
regatêro que nem mico,
pulándo que nem sací !

As água tambem — coitáda ! —
passa ás vêis triste, caláda,
não canta, nem não diz nada,
só geme co'a dô que tem ...
Intão nas ponta das vára
as conta nunca se infára

de iscutá o chôro e os gemído,
de tremê, cô êco tremido,
sintíndo a dô que não sára
do córgo que êlas qué bem !

Ê dô devêra' tão doída
que dêxa as água sintída,
iscumándo intê de tônta !
Ê dô tão forte e tão brába,
que amóde que não se acába ...
— Ê dô que as conta não cônta !

Não cônta, mas se adivínha;
proquê o geito das contínha
ademóstra sem falá ...

Oiándo o rosário e vendo
a gente vái maginando,
e a gente vai cumprendendo,
acertando e soparando
os maió do mais piquêno,
e os melado dos vinêno
das cônta de capiá ...

Iguazínha co'a fumáça,
no céu volteando passa
uma núve atropeláda,
que o vento, dando risada,
judía e assópra a coitáda,
que nem frô que se despêna,
que é grande e fica piquêna
de tanto se despená ...

Pois as contínha azuzínha
— as conta de capiá —
óiam na água do córguinho
as núve se arretratá ...

Élas óia, sem piscá,
paradínha e bem quiétinha,
e vê tudo o que se passa
co'a núve que nem fumáça,
que se isfiápa, e se iscangáia,
que se atropéla e se ispiáia,
que nem rosário que a linha
rebênta, e ispiáia as contínha
pra nunca mais se incontrá !

Foi maginando tudo isso
que eu garrêi o cumprimísso
de ponhá num fio de linha,
pra móde ficá juntínha,
minhas cõnta de capiá
que eu colhí no capiazêro
que dá capiá o ano intêro ...

Élas, cõs óio azuzínho,
tiveram vendo o córguinho,
ispiándo iguá passarínho
— tié sangue, ô sabiá —
que ispiá atráis dos ramínho
pra vê as cõisa e falá
quando eles garram cantá ...

.....

Eu fiz este rosário iscoiêndo e ajuntando
as conta de capiá que achei na minha vida ...
As contínha que tão no rosário fartando
eu sei aõnde guardei; élas não tão pirdida !

Só eu sei aõnde tão guardadínha e iscundida,
pra nunca se perdê, nem í se ademudándo,
e guardá intê a cô de quando foi colhída,
cõ'a casquínha azuzínha ainda alumiándo !

Não ha dia nenhúm que eu não óie as contínha,
iscuitando o que diz minhas conta miudinha,
e ás vêis tão grande intê que nem no mundo cábe ...
Ispio úma por úma e bêjo élas, rezando,
dizendo "Amêem Jisúis" tremêndo e saluçando ...
— Proquê chóro ? — Não sei ... Só meu coração sabe!

Quando a primêra vêis saí do meu lugá,
cô coração tiníndo de isperança e fé,
pra móde campeá
um trabáio quarquê pra fazê e pra ganhá,
proquê pra sustentá
tudas bõca que havia
na irmandade nóssa e na nóssa famia,
só Deus Nosso Sinhô
via como meu pái suô e se cançô,
eu fiquei tão frissúra e com tanta aligria,
que amóde que dormía,
que sonháva bonito, pinotiáva e se ría,
e que sonhando assim eu era intê capáis
de não acordá mais !

Eu que nací pra sê
andêjo como quê,
fui apertando as mão dos meu parente,
me adispedíndo dêles tão contênte,
que amóde que fiquei malúco sem sabê !
Garrei a maginá
que eu ía conheçê ôtros lugá,
corrê mundo, viajá ...
Nem não sabia certo o que eu pensáva ...
nem não sabia certo o que eu dizia !

Naquêla hóra só o que eu maginava
era que a minha sorte me chamava e dáva
o que o meu coração sempre pidia !

Mas na primêra vórta do camínho,
eu que ía regatêro, cumbersándo,

taliquí piriquíto, no bando gritando,
de repente fiquei
quiétinho, caladínho,
sem podê adisfarçá
a dô que no meu peito veio me intalá ...

Fui incurtando o passo, intê parêi,
abaxêi a cabeça prô chão e chorei !

Ê que eu era criança e só intão ahí
direitinho intindí
que naquêla casinha pôvre e barreáda,
que intê hoje tá lá, na beráda da istráda,
arguêrn tinha ficádo
enxugando, gemendo, os óinho moiádo,
e tremendo a boquínha de tanto rezá !

A boquínha pidía a Santa Crúis,
pidía o Bão Jisúis
e a Nossa Sinhóra
da Bem Aparicída,
pra móde me abençoá,
e me ajudá
naquêla hóra
da minha dispídida ...

E pra móde ajeitá e alumiá tambem
a minha vida,
sempre prô lado certo e prô lado do Bem !
Oiêi do arto do morro a casinha rudeáda
dos arvorêdo grande e das arve copáda
— guapiruvú, coquêro, tamanquêra,
o pé de tamarindo, o páu dáio, o jambêro,
e o chapéu de só mais pra báxo da istráda ...
Tambem os cajuêro, as laranjêra,
amexêra, jaquêra, guaiavêra,
e o pé de capêva ispitchádo e comprído ...

Lá de cima, ispiándo, eu ponháva sintído,
oiándo as arve, minhas companhêra,
que eu via élas tudos santo dia,
que intê de ôio fechado eu cunhicía !

E os arvoredo amóde que tambem me oiáva;
que la de báxo, adônde qu'êles táva,
eles tambem me ispiáva ...
E tambem que nem eu, parádo no caminho,
eles trimía as fôia chorando baxinho ...

Meu pái, que me leváva pra imbarcá,
me abraçô quando víu que eu garrei saluçá,
e pra me cunsolá foi me dizendo,
falando devagá, côs óio ardêndo:

— “Sêje um hóme de bem e cumpra o que ocê tráte;
Nossa Sinhóra do Monte Serráte
ha de le acompanhá ...”

E fômo indo, nós dois, múdo e triste pra istrada,
compasseándo um suspiro com cada passáda !
Mas aquêla falinha,
que em rôda do fogão,
lá na cozinha
da casa barreáda e pôvrezínha
nóis iscuitáva — êu côs meus irmão —
insinando pra nós tê sempre devoção,
nunca saía do meu coração !

Aquêla fála que só aconceiáva
intê quando ralháva;
aquêla fala amóde que me acompanhô
que nem um bêja frô,
que viesse avoándo,
me seguindo e rudeándo,
falando em minha orêia, rismungando,
que nem vento nas fôia, assuspirando :

“Meu fío, eu fico aqui rezando prô seu bem;
só mãi sabe rezá prôs fío que éla tem !”

Foi longe da minha casa,
foi longe da minha gente,
foi longe do meu lugá,
que eu maginei que tivésse
tudo de bão que eu quizesse ...

Mas me acordei de repente
co'a sodade que nem braza
me queimando sem pará,
e vi tudo deferênte !

Proquê as cõisa que eu ganhava
não era o que eu cubiçáva
que um dia a sorte me dêsse ...

Me enganáram, fui lográdo,
só proquê fiz o pecádo
de andá iscuitando a isperança
que cantava pra eu dormí,
que nem quem nína criança ...

Um dia eu ponhei sentido
e ví o que eu tinha pirdído,
malúco de tê trocádo
o mais bão cô mais pió,
pensando que éra mió ...

Me aconteceu cô distino
iguazinho, taliquá,
cô aquilo que foi se dá
nos tempo que eu fui miníno,
que sem sabê breganhêi
um pião de laranjêra
boníto, que intê cantáva
quando na róda rodáva,
por uma coisínha atôa,
sem valía, uma porquêra
que nem siqué porveitêi ...

Breganhei cô uma fiêra
tão feia e cheia de nó,
que arrependido piquêi !

E' ansim que uma pessôa
sem querê vira em bocó !

Desde ahí quando acuntéce
cõisa tórta prô meu lado,
meu coração, discunfiádo,
logo alembra e não isquêce
da bregánha do pião ...

Então eu cumpáro a vida
cô uma fiêra comprída,
cheia de nó impelotado,
côs pedacinho imendádo,
tá má trocído e ajuntádo
que se arrebênta na mão !

.....

As noite cõs dia foram se trocando,
os dia e as semána foram se impilhando,
intê que chegô
o dia mais triste que eu tive na vida,
proquê nesse dia foi que se acabô
a maió isperança que eu tava ajuntando ...

Eu sempre isperava que um dia pudêsse,
iguá cõs miníno que sái do lugá
adõnde eles náce e adõnde eles créce
e aprende a falá,
tambem eu vortá
de póрте talúdo,
ja hóme barbúdo,
pra móde abraçá
a minha véinha,
que em tudas cartinha

que ela me iscrívia,
tambem me dizia
que sempre pidia
pra Deus dá um geitinho de eu logo vortá
prô nosso lugá,
pra móde eu vê éla, e éla me vê,
e pra eu recebê
tambem um abraço, cheio de amizade,
que a tár de sodáde
ja tava aprontando pra móde me dá...

Mas a minha sorte
fêis trato cô a morte
de acabá a isperança tão grande e tão forte
que naquele dia sumiu e se perdêu !

Inté me arripia
quando me arrecórdo que naquele dia
eu tava cuntente...
Nada me dizia
que a noticia triste viésse, trelênte,
robándo o que eu tinha guardado de meu,
deixando eu chorando
com tudo que veio de longe cantando,
amóde que dando risada e pulando
co que acuntecêu...

Inquánto a tristeza devéra me moía,
inté parecia
que tudo que tava me vendo e rudeándo
de cuntentamento cantava e se ría,
fazendo fósquinha da minha agunía !

O só istraláva
de quente que táva;
os gáio das arve mexía cô vento;
inté os passarinho
tavam baruiênto,

cantando lá longe, cantando pértinho,
fazendo caçoída proquê se perdêu
a coisa mais bôa que a vida me dêu:

— “Não é prô seu bico o que ocê sonhô !
Pêrda as isperança, tudo se acabô !
A morte levô !
Sua mãi morrêu !”

Uma somána interinha
tudas lagrima que eu tinha
eu chorei sem descancá...

Um dia, cô peito arfando,
quando fui me consulándo,
na hora justa que eu parei,
oiêi prô céu e jurei
de infia num fio de linha
tudas conta de capiá
que eu ajuntásse e guardásse
prô tudo os lugá que andásse,
dônde a sorte me apinchásse,
que nem raminho decêndo
na agua do córgo corréndo...

Fui então pegando e infiaúdo
minhas continha guardáda,
uma co'a ôtra ajuntada,
que nem lagrima rolándo
dos óio que tão pingándo,
que fica impapuçadinho,
incharcadinho e miudinho,
vermeio inté de chorá...

Foi saluçando e rezando
que eu fiz este rozarinho
pra levá no céu, avoándo,
campeá minha mãi pra dá !

De uma em uma infiei as cõnta de capiá
pra dá pra minha mãi que nem que fõsse o abraço
que eu fazia tenção de dá, e não pũde dá,
que nem frũita que o vento arrancásse do ingáço
quando táva querendo garrá a indevezá...

Minha mãi vái gostá do rozarínho déla
que eu fiz cô fio de linha e as conta que arranjei,
taliquá se eu ficásse drênto da capéla
rezando os oração mais bonita que eu sei!

Ela vái vê nas cõnta tudo o que nóis tinha:
os santo da parêde; a rõda de mandiõca;
o póte; os tipití; o fõrno de farinha;
o tácho; o côco d'agua; o pilão e a ingenhõca...

Num capiá se inxérge, taliquá um retrato,
a patrõna e a ispingarda sempre imparciáda,
que o meu pai, quando vinha de caçá no mato,
ponháva élas a par, num prégo pinduráda...

A prênsa de espreme os tipití de massa;
o valo; a pimentêra; os bando de saira;
as linha de pescá de vinte e cinco braça
e o baláio cô bêço infeitado de imbirá...

O facão; a intrepára; os rêmo da canõa;
o fêixe de parminha bênta; o saquitê;
a cúia; o caramújo e a istêra de tabõa
incostada num canto, inroladínha, em pé...

O gaiolão quadrado; o sabiá-galínha;
o "Sarilho" dormindo no portá da casa;
o machête de Paulo; a cabra de Santinha,
e um galo no terrêro saquiáiando as aza...

Meu pái picando fumo e despõis ispaiando
o fumo que picava na táboa incardida,
e cô tição de fogo em riba, sapecando,
fazê ispaiá no á uma fumaça ardida...

Despõis ele pitando: a tragáda que dava
ajeitando co'a únha a braza do tição;
e a tõsse que ele tinha depois que tragáva,
fazia ele perdê quásê a suspiração.

Titíu Pedro chegando devagá, mancando;
na estrada o Xavié falando cô João Rosa;
Tíu Cazúza tambem, se rindo, vinha entrando,
falando em inleição, em vóto e em Rúi Barbosa...

Tia Jana, tia São, tia Antõnha, Tia Mainha,
tia Maria André, "Tia do Hóme", tia Chica,
as feição déla, a fala, e o geito que élas tinha
no rosario que eu fiz tuda essas coisas fica...

Proquê nos capiá tudo isso eu fui lembrando,
de uma em uma enfiando as conta sem pará,
vendo as coisa passada, triste e suspirando,
meu coração virando em conta de capiá...

.....
.....
No fim, quando infiei a conta que fartáva
pra sê a úrtima conta infiáda no fio,
meu coração tremendo se ría e choráva,
e se assombrava intê cô isso tudo que viu...

Meu pensamento intão foi longe e me largô...
Levô o fio de linha e as conta que infiáva,
foi no céu campeá minha mãi dõnde táva,
dêu de presênte a éla o rosário e vortô...

ALMA PRAIANA

*(A São Sebastião, minha terra muito amada,
aos meus conterrâneos e à minha gente)*

Nasci a beira mar, unindo os meus vagidos
ao clamor das marés, nos dias de tormenta,
e adormecendo a ouvir os soluços perdidos
das ondas mansas — voz que eternéce e acalenta ...

Rústica habitação tive por agasalho:
piso de chão batido e paredes barreádas,
casa de pescador, sem forro nem soalho,
oculta entre o verdor de palmas e ramadas.

Pobre, porem feliz, á sombra do meu tétó
muitos anos viví, sempre ao meu lado tendo
nos conselhos de um pai o dedicado aféto,
e um coração de mãe meu conforto tecendo !

O mar era-nos como esplendido celeiro
que a provisão do lar, generoso, ajudava,
farta contribuição nos dando o ano inteiro,
pródigo como quem não medía o que dava !

Na convivência ingênua e simples do praiano
atravessei da infância a quadra amêna e calma,
brincando junto ao largo e indomito oceano,
e de lindas manhãs enchendo a vista e a alma ...

Depois, quando atingí a idade adolescente,
e de sonhos urdí a encantadora têia,
na praia eu ia achar a amiga e confidente
a quem tudo eu contava, escrevendo na arêia ...

Foi vendo e ouvindo o mar, compreendendo-lhe em tudo,
que o caráter fixeí desde quando criança,
ao feroz estrugir do vagalhão sanhúdo,
ou ao dolente arfar das ondas, na bonança !

Desse modo, amoldado aos fluxos e refluxos,
e aos fremitos sem fim do oceânico instinto,
é que sorrió, canto, ou me exalto aos influxos
das varias emoções que pela vida sinto !

Nasci a beira mar; não sou de "serra acima",
como o meu povo diz numa frase singela ...
Herdei a mansidão do mar que a praia amima
e o seu louco furor nas ânsias da procéla !

Com ele eu aprendi a ser poeta, ouvindo
o seu poema eterno, angustioso, egoísta,
soluçante clamor de um desengano infindo
que nutre a inspiração e o seu ardor de artista ...

Eu sou como o oceano ... Como o oceano eu vivo
entoando a canção que o destino me inspira ...
De mil desilusões tornado-me cativo,
E da vida, no entanto, exaltando a mentira !

Fingindo acreditar no sonho mais ardente
que em doce e amiga voz ao coração gorgéia,
pra vê-lo, depois, findar-se, inglóriamente,
como a espuma do mar que se desfaz na arêia ...

A MENINA DOS ÓIO DO BRASÍ...

Como tudo mudô !
como se deferenciô
o São Pólo que eu ví ha muitos ano atrás,
que eu conheci quando éra ainda rapáis !

Os trólinho passáva ...
as muiê cós vestido grandão faceráva ...
e inté se via róça de verdade
no meio da cidade !

Hoje o que a vista ascânça e tóma pé
só inxérga chiminé
e fumáça no á,
que qué dizê trabáio ...
Trabáio do cabôco que acertô o atáio
pr'ônde déve passá,
pra móde chegá lógo e não se destraviá !

O pólista não gosta muito de brinquêdo ...
Tá sempre meio azêdo,
mas trabáia devéra !

As vêis de uma tiguéra,
duma capuêra atôa,
fáis da noite prô dia a roçáda mais bôa !

Amóde inté que Deus fáis a róça crecê
sem a gente inxérgá ... sem o pólista vê !

Como tá deferênte o São Pólo de agóra !
Só se vê sobradão grande, que vai-se imbóra ...
Os tá de arranha céu, cheio de jinélinha,
que de noite parêce o céu co'as istrelinha
cumbersando cuntente cós letrêro
que se acênde e se apága, regatêro,
brincando de iscondê e dançando o catíra,
pra nunca se isquecê do São Pólo caipíra !

São Pólo mudô muito ! E' taliquá c'úm hóme
que a gente vê criança e que despóis se sóme,
e quando ele aparêce de novo pra gente,
vem rico, bem vestido, deferênte,
ja formado dotô, trazendo em cada mão,
lumiándo no dedão,
um anelão de ôro cheio de briánte !

Quando garro alembrá no São Pólo de dantes ...
Quando garro alembrá no São Pólo que eu ví !

Um córguinho passando mesmo ali
ônde prantaram agora um jardinzão bonito,
cúm barranco de grama verde e cúm parmito,
e prô riba fizéram essa ponte grandôna,
bonita e compridôna,
taliquá pratelêra entupetáda,
cheiinha de brinquêdo pra criançaáda ...
— Bonéquinha e carrinho pintadinho ...
Cô de chumbo, azuzínho, amarélinho,
que a gente ás vêis não pôde nem contá !

Dá inté pra assombrá !
São Pólo deferenciô ... más ainda é o São Pólo !
Ainda é o mesmo pai que carréga no cólo
os fio que ele tem, que abençôa e que abraça,
apontando no á um pendão de fumáça,
se rindo sastifeito e falando baxínho:

— “Eu vim de longe ... vim devagazinho ...
Ja fui búgre do mato que um padre insinô ...
Ja fui nêgo cativo que suô e trabaiô ...
Fui tropêro que nunca se assustô no atáio,
que nunca se arripiô cùm medo do trabáio !”

“Hoje sô o que sô ... óio a rôça prantáda,
óio as parma das mão suáda e calejáda;
óio nas prantação, óio em tudo o que eu fiz,
e intê chóro contente de sê tão feliz !”

“Cóio o que a rôça dá e descanço no acêro,
sastifeito de sê um cabôco brasilêro !”

“Me orgúlho de inxergá, taliquá minhas pranta,
o Brasi intirínho que acórda e alevanta,
o Brasi que trabáia e canta sastifeito

que nem meu coração saquaiándo em meu peito !”

Pensando bem São Pólo não mudô;
crecêu e se ispaiô,
mas não ficô mudádo,
proquê ninguem sopára o que ele tem guardado !

Nem não pôde mudá; tem que sê o que foi !
Não escúita chiá mais o carro de boi,
nem o báque da trópa fazendo tropé,
mas o que foi, ainda é !

E' o mesmo cabôco brasilêro
que nem foi de primêro,
que nem morrendo qué saí daqui !

Por isso ele as vêis canta alegre e sastifeito,
proquê sabe que é bão, que é o braço dirêito
e a menina dos óio do Brasi ! ...

DOCE DE CIDRA

Eu trúxe pra mecê este docinho,
impetecádo ansim, imbruiadínho,
nesta páia de mio ...
E' só mecê pegá, afroxá este amarriô,
abrí a páia dele justo bem no meio,
ferrá os dente e cumê !

E' bão doce de cidra !
E este doce veio
lôco pra móde vê
bem pértinho a boquinha de mecê,
só pra móde adoçá sua boquinha,
boquinha de bunéca, ô de pombinha !

Tóme ! Garre ele logo na sua mão ...
Mas antes de cumê
magíne bem o que ele qué dizê !
Fáis de conta que tô le dando o coração
que intê se açucarô ...
doce de tanto amô !

Próve como ele tá mais bão que rapadúra !
Ói só que gostusúra !
Espremente, pra vê,
se não é taliquá que eu dêsse pra mecê
meu coração judiádo de cabôco,
que véve que nem lôco,
que nem cavallo que não dá baxêro
pra quarqué cavaiêro,
só pruquê ele ja sabe que iscoiêu
o dono mais mió que aparecêu !

Eu sei que mecê vai gostá quando cumê
o docinho que eu truxe pra mecê ...

Ah, quem déra que eu fôsse esse docinho,
iguazinho co'ê, direitinho,
pra mecê nunca mais me chamá eu de azedô
que nem mecê chamô ônte, de minhá cêdo !

Coma o seu doce, vá ! Apínche fóra a páia,
proquê quem não ajúda, não trapáia !
Desimbrúie ele ansim, devagazinho,
ademánche com jeito este nózinho,
púxe a páia pra cá ... pra lá, despóis ...
taliquá com nós dois
que primêro se oiêmo ...
despóis se cunhecêmo ...
despóis mecê se riu ... eu se rí, regatêro ...
mecê ponhô ni mim seus ôinho mortêro ...
e intão desimbruiêmo a páia direitinho,
taliquá tô agora le ensinando
como deve fazê pra í desimbruiándo
essa páia que tá rodeando o seu docinho !

O amô pra sê bão, pra sê doce devêra,
doce mais doce ainda que o melado,
não deve andá correndo, atrupeládo,
iguá côs pinto quando vê quirêra ...

O amô só póde sê um doce bão,
iguá doce de cidra, ô doce de mamão,
quando fica guardádo e amarradinho,
que é pra gente í tirando a páia cúm jeitinho ...

Desse jeito o amô fica mesmo um doção !
Proquê sinão,
ele garra a melá
que não dá nem vontade de pegá ...
Inlambúza co'as mão
é é capáis de azedá !

Eu não queria nunca que mecê pensásse
que o meu amô um dia se azedásse ...
Nem não quíria que mecê dissêsse
que o doce que eu le truxe se azedô e não présta ...
Proquê mecê bem sabe, se eu pudêsse
fazia todo o dia sê dia de festa,
só pra móde arranjà e trazê pra mecê
um docinho de cidra pra mecê cumê !

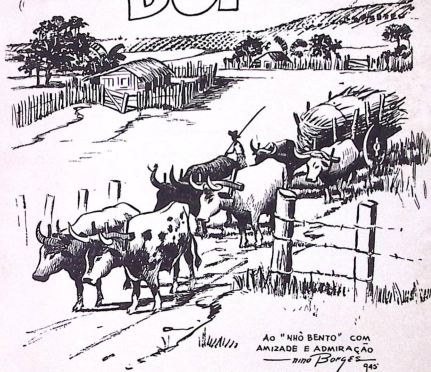
Foi ansim que eu pensei
de falá pra mecê, mas não falei,
tudo derêito taliquá pensei,
na hórinha que le dei
um docinho de cidra guardadinho
numa páia de mío, e amarradinho,
taliquá um coração drênto do peito ...

Mecê cumê, nem disse se gostô ...
Se riu, agardêceu,
oiô bem n'êu,
abaxô-se de banda, isticô seu bracinho,
garrô uma frô de talo compridinho,
e ponhô a frô drênto da minha mão,
me dizendo co'a fala amolicída:

— "Tóme, guarde esta frô
que eu tô dando pra ocê,
que é pra nunca dizê
que eu sô ingrata e malagardecída ...
Co'êsta frô tô pagando o seu docinho ...
Proquê este amô prefêito
tambem é o coração
que eu ranquei do meu peito,
pra dá ele interínho só pra ocê !"

Pra me dá o que me deu,
falando o que falô,
decêrto ela gostô
do doce que cumêu !

CARRO DE BOI



AO "NHÔ BENTO" COM
AMIZADE E ADMIRAÇÃO
— Bino Borges — 945

Carro de Boi

CARRO DE BOI...

(Para o Nino Borges)

Chi...nhé... la vái gemendo e chorando o coitado...
assombrando as perdís no varjão succgado,
o meu carro de boi...
Eh, traste bão! Não sei se o Antóninho Guinélo
não me bóta a perdê o "Barroso" e o "Marmélo",
sem sabê como foi!

Ele é carrêro bão... Mas porem cada quá
aquilo que pissúe é mió de zelá
que um istranho quarqué!
E os meus boi são iguá co'as criança teimósa:
garram a se fazê de luxênto, de prósa,
que nem fáis as muié!

Oi, credite, não é farófa, não... pois eu,
quando o defunto Ambrósio este carro me deu,
— ele era meu avô!
Em dois mês eu ponhei a perdê o "Maravía"...
Ficô tão presepêro o diánho, que um dia
mandei prô matadô!

Boi de carro é o capêta em figura de bicho!
Cada quá tem um sésto, um custúme, um capricho,
que a aguiáda não tira...
Eu ás véis pégo a ri, quando má comparando,
vejo eles taliquá co'as muié... tudo ingáno...
farsidáde... mintira!

Eu não carrêio mais... Larguei mão desta vida...
Eu não só mandrião... mas quem é que duvída
que a gente não se mata,
quando garra alembra que foi carreando, foi
indo e vindo a lidá cùm meu carro de boi
que eu cunhicí a ingrata ?

Taliquá cõs meu boi... Tão mansinha, ela ás vêis
pegava a me dizê que eu era como o rêis
não me alembra mais dônde...
Pra mim ela era santa... era Nossa Sinhóra...
Era a Víge do Céu que no céu mesmo móra
e nas núve se iscõnde...

Eu tinha dois prazê de vivê... O primêro
era o trabáio meu... Como é bõ sê carrêro
quando a gente é feliz !
O ôtro éra... Pra quê íde agóra alembra ?
O que passô, acabô... não diânta chorá...
Lôco quem se mardíz !

Mas pensá que eu pirdí tudo de bõ que eu tinha...
que de geito nenhúm ela ha de sê minha,
me fáis quâse morrê !
Pruquê fui me ingraçá com aquéla muié,
pra despõis saluçá de agunía, que inté
as vêis nem sei praquê !

Ocêis não tem ponhádo arreparó... Mas quando
o meu carro de boi vai no atáio, rolando,
léva meu coração,
retaiádo de dô, que inté suspira e trême...
E o póvre grita, chóra, e se amuffina e gême,
— não é mentira, não !

Barnabé ! — êta nêgo vadiu... anda, anda,
vá vê o que acutecêu cõ Tónico Miranda,
não veio trabaíá...
Fale cõ Bartazá: diga pra ele que aquilo
té mesmo cunvinádo... ele que entrégue... o Nilo
despõis vái lá pagá !

Chi...nhé... La vai gemendo e chorando o coitádo...
Assombrando as perdis no varjão sucegado,
o meu carro de boi...
Deus não ha de querê que o Antoninho Guinélo
vá me ponhá a perdê o "Barroso" e o "Marmélo",
sem sabê como foi !...

ÔIO GRANDE...

ÔIO PIQUÊNO...

Ôio grande... ôio piquêno...
Tô só vendo
quá dos dôis vai me prendê !
Um é como a lua cheia,
que crarêia...
Mas o ôtro é bão como o quê !

Ôio grande, ocê percúra,
máia e fúra
o cérne de um coração...
Mas ocê, ôio piquêno,
tem vinêno...
Ê pió que a tentação !

Ôio grande, ocê parece
que intê crêce
que nem frô de girassó...
Mas o ôio piquinininho
— êta, oínho ! —
ôio de cobra cipó !

Tô doente, amalucando,
e pensando
que ôio que vô iscoiê...

Ai, minha Nossa Sinhóra !
E agora
o que é que eu pósso fazê ?

Mió é largá mão disso !
É fitiço
que os dois quérem me ponhá...
Ôio grande, — ôio de bóde ! —
Ocê póde
me oiá, intê se invesgá !

Ôio miudínho de gato
lá do mató,
não diánta ocê oiá pra mim !
Ói, oínho, ocê me pága...
Bóto praga
pr'ocê ficá grande, ansim !

O ôio grandão me júdia
tudo os dia
quando me encontra na istrada...
O miudinho me pinica,
despóis fica
duêndo que nem facáda !

Si Deus não me castigásse,
e gostásse
de eu ficá mesmo cós dôis...
Tambem tô muito assanhádo !
Ê pecádo...
Eu vô prô inferno, despóis !

Quá, ôio grande, ocê é fêio...
Eu tô cheio !
Vá oiá pra sua avó !
e ocê, ovínho de ôio,
— é caôio ! —
dêxe eu quiêto que é mió !

Mas cumé que eu vô ficá
sem oiá
quando os dois ôio me vê ?!
Tô pirdido, Santa Crúis !
Bão Jisúis !
No que é que fui me metê ?!

Mió mesmo é querê bem
como quem
não tá com muita vontáde ...
Sêja oínho, sêja oião,
tudo é bão !
Não se iscóie a qualidade ! ...

FALÁ A VERDADE NUNCA FOI PECADO ...

Filiz de quem tem boca pra falá ...
É tão gostoso a gente cumbersá !

Falando, cumbersándo, se intendendo
numa prósa dirêita,
a vida inté se infêita
que nem as pránta que tão frorecêndo !

Quando a gente cumbérsa sem brigá,
tudo o que a bôca ajunta pra falá
o pensamento adóça cum meládo,
açúca ô rapadura,
de cana bem madúra,
que de tão doce fica inté injuádo !

Cumbersándo direito a gente aprênde !
Se sabe as coisa, se bregánha e vende
o que as idéia tem na pratelêra,
sem se gastá um vintem,
nem se ganhá tambem ...
É pau a pau: — não féde nem não chêra !

Mas o que a gente aprende cumbersándo
é taliquá como quem tá viajando,
vendo uma coisa aqui, vendo ôtra lá ...

Inté as coisa mais véia
fica nova na idéia,
pra gente sempre tê o que contá !

A fala é tudo ! Mas ás vêis a gente
tambem fica istufádo de contente,
filiz, como quem vai no céu a pé,
vendo uma cabocrinha,
alegre e bonitinha,
que dêxa a gente meio sarambê,
sem sabê se ela é santa, ô se é muié !

Quando ela óia na gente, invergonháda,
rindo, sem dizê nada,
ela acérta, praquê se rindo diz:

“Ocê no mundo é o hóme mais filiz !”

Eu tenho um cáuso ansim na minha vida ...
Cada vêis que me alêmbro, uma ferída
me arremórde e remói meu coração,
praquê garro a lembrá
no que perdí pra nunca mais ganhá,
que nem furtúna que fugíu das mão !

Nóis se gostava tanto, tanto, tanto,
que as núve, a lua cheia, o só e os santo,
lá no céu dõnde tão,
oiávam nós, cuntente como irmão !

Cada vêis que eu oiáva néla eu tinha
prô pagamento uns óio de rolinha,
e uma boquinha rindo, tão contênte,
que saquaiáva o coração da gente !

Mas um dia,
— não sei praquê siría ! —
não me oiô como oiáva tudo o dia !

Foi mixiríco que iscuitô, decérto !
Não queria me oiá,
cortava o atáio pra não me incontrá,
e eu, perto déla, era um cachorro pérto !

Uns cinco dia a fío
não me oiô, nem se ríu,
e me largô duênte de sintído !
Bem quâse uma somána
andô mais brába que uma tatorána ...
De cara fêia, séria, deferênte,
que nem que eu me virasse, de repente,
num istrânho quarqué desconhecído !

Tá pra nacê o papúdo
que comprênda mesmo tudo
o que as muié ás vêis qué ...
Deus fáis élas desse géito,
que é pra não havê sojêito
que pôssa intendê as muié !

Póde sê o hóme mais brábo,
tê parte inté cõ'o Diabo,
conhecê réza e mandínga ...
Pérto de um rabo de saía
vira canfrô, se atrapáia,
e largá o côro e a catínga !

Intão se um hóme é puxádo,
que nê m pôtro má domádo,
pro barbicácho do amô,
toda a brabêsa se amança ...
E a gente vira criança
brincando de pegadó !

Os hóme fáis çaçoáda ...
mas as muié são danáda
pra descaderá cùm hóme !

A gente zomba, caçõa,
mas élas gruda as pessõa
que inté um cristão pérde a fome !

E os hóme pensa que é forte !
— Ferramenta pérde o córte,
maiándo as vêis num cipó ...
Inté as pédra mais dura
a agua que é móle, fúra
sem fazê força maió !

Só eu sei o que sintía
vendo que éla não queria
oiá se rindo pra mim ...
Cheguei a falá sózinho,
preguntando prós caminho :
— praquê éla ficô ansim ?!

De noite, quando deitava,
meu pensamento avuáva
e carregava cô sono ...
O que é que teria havido
pra me dexá ansim perdído
que nem cachorro sem dono ?

Decérto a irmá cô cunhado
ja andavam discunfiádo
que nós se queria bem,
e obrigaram éla a fazê
desfêita pra eu me esquecê,
e ela se esquecê, também !

Um dia, de tardezinha,
éla, pageando a sobrinha,
veio vindo, devagá,
como quem conta as passada
que vai dando numa istrada,
sem tê prêssa de chegá ...

Veio vindo, veio andando,
prô meu lado se incostando,
e quando parô de andá,
tava tão perto de mim,
que eu vendo éla perto ansim
nem queria acreditá !

Meu coração deu um saquáio,
que nem laranja no gáio
que o gancho púxa e não tira ...
Quiz falá, pirdí o jeito;
fiquei mudo e tonto, feito
quem tá sonhando, ô tá gíra ...

Quando a coráge foi vindo,
e foi me vortando o tino,
eu escreví, pra éla lê:

— Não merêço esse castigo ...
Ocê se zangô comigo ?
Queria sabê proquê ...

E os meus óio, que nem dois perdiguêro,
foram campeá os déla, tão ligêro,
pra módê dá um abraço,
que oiándo néla ansim, naquêla hora,
era o mesmo que vê Nossa Sinhóra
cô filhinho no braço !

Oiáva firme néla ... Ela tambem
não me tirava os óio, como quem
matasse a fome e a sêde
me oiándo só ansim, sem dizê nada,
taliquí uma santa pinduráda
num quadro da parêde ...

Mas nisso as feição déla foi mexêndo,
iguazinho uma frô que tá nacêndo ...
Foi frangíndo a boquinha,

inté que eu ví, chorando de contente,
ela rindo pra mim, mostrando os dente,
linda que nem rainha !

Se a lua cheia, pra infeitá as feição,
quizêsse cobiçá a satisfação
que eu sentia nessa hora,
me dando de presente uma metade,
pra móde alumiaá minha sodade,
eu dizia: — “Vá imbóra!”

Se o vento que é danádo, e pereréca
quizêsse aqueles óio de bunéca
pra achá o que perdeu,
quando anda arremexêndo, amalucádo,
inté os gáúo que tão no chão pinchádo,
eu dizia: — “Já é meu !”

Se o só quizêsse a risadinha déla
pra ponhá como infêite na capéla
que nas núve ele armô,
me prometendo me fazê criança,
pra nunca se acabá minha esperança,
eu dizia: — “Não dô !”

Inté Deus, néssa hora, se chegásse,
me pedindo pra mim que eu breganhásse
cô céu tudo istrelado,
a boquinha de santa que se ria,
inchendo a minha vida de alegria,
eu dizia: — “Obrigado !”

Proquê vendo éla ansim, me oiándo e rindo,
se infeitáva de frô o meu distino,
que nem que éla me désse
um diamante mais maió que o só,
e uma furtúna ainda mais maió,
que as maió que aparéce !

Proquê me oiándo só, sem dizê nada,
me ponhô minha vida assucegáda,
me fazendo alembrádo
que túdo o ôro que ainda o chão guardáva,
ajuntado num monte, não pagáva
o que éla me dêu, dádo !

É tão bão contá as coisa, cumbersá,
tudo o que a gente tem pra se alembrá,
que acuntecêu cô'a gente,
que nem sonho que acaba de repente,
proquê o que é bão tem mesmo que acabá ...

Este cáuso que agora tô contando,
na minha idéia as vêis fica maiándo
que nem um passarinho,
que tá preso, e se bate, o póvrezinho,
pra vê se iscápa e sai prô á, avoándo ...

Só agora eu conto, meio invergonhado,
proquê não posso mais trazê guardado,
me ponháva malúco ...

Não fáis má que me xinguem de cadúco ...
Falá a verdade nunca foi pecádo ...

O QUE EU QUERO PEDÍ...

*(Ao amigo bonissimo e conterraneo illustre
Dr. Manuel Hipolito do Rego)*

Num domingo que eu tive lá n'ím Santos,
mexí e arremexí prô tudos canto,
andando sem pará,
desde o tá de Gonzaga inté a Ilha Pruchá ...

Ranquêi o sapatão, ranquêi as mêia,
e afundei o pelão, mariscando na arêia,
— inté virei galinha! —
campeando conchinha pra infeitá
o presépe que tô cúm vontade de armá
agora, prô Natá ...

O Minino Jisúis vái ficá sastifêito!
Quando ele oiá em ródá e vê tudo derêito,
tudo bunito, tudo infeitadinho,
inté vái dá risada, assanhadinho,
meio malúco de cuntentamento ...

Ele vái me dizê:

— "Tóque, nhô Bento!
Ocê é cabôco bão ...
Dêixe apertá sua mão!"
Me péça o que ocê tem mais vontade de tê,
Que eu falo prô Nhô Pai mandá traze pra ôcê!"

Oia eu atrapaiádo! O que é que eu vô pedí?
É capáis de eu ficá ingasgado e tussí
que nem ás vês eu fico ...
Más se eu pudé falá, vô pedí pra sê rico ...
Pra tê tanto dinhêro,
que inté sêje percíso ispaiá no terrêro
pra móde tomá só!

Ahi então vô passá do bão e do mió!
Compro uns déis fazendão,
mando prantá argodão
e tratá das criação ...
Vô andá bem vistido, na pumáda,
arranjo umas quinhênta namorada!
Lavo meus pé só cúm agua de chêro
dêssas uma que gasta os fazendêro!

E o meu trabáio é só í contando as péle,
que nem fazia o tá de Róque Féle!

Mas tô pensando má! E si eu ficá duênte?
Qu'é que adianta o dinhêro quando a gente
não póde aporveitá?
E se as praga baté no agordoá?
Se tambem, prô castigo, tudo o gado
fô morrendo pestiádo?

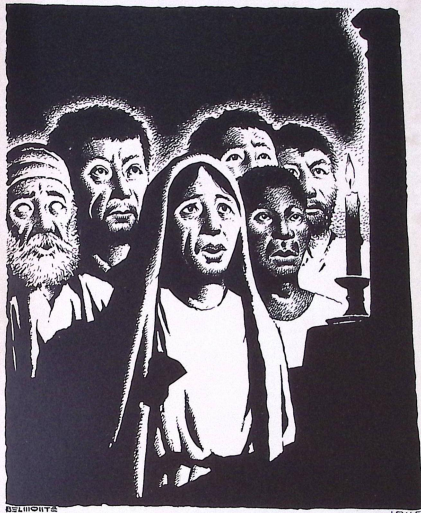
Que alegria vô tê cô dinhêrão na mão,
quando perdê a saude, o gado e as prantação?

Depóis, só maginá
que tudo o que me vê vai garrá me invejá,
ponhando ôio comprido,
— desses ôio trucido
que seca pimentêra! —
que iscangáia c'úm hóme a vida intêra!
O mió mesmo é a gente não tê nada ...
Quem é póvre tambem sabe dá gargaiáda!

Quando a coisa não dá prô café cum mistúra,
se cóme rapadúra !
Tudo o que é doce é bão !
Dinhêro ninguem léva no caixão !

Se o Minino Jisúis quizé sabê
o que na minha vida eu quero tê,
— si eu não ficá ingasgado,
proquê a mim o que mata é eu sê invergonhado ! —
eu dígo pra ele ansim:

— Dêxe eu ansim mesmo ... eu vô vivendo ...
só o meu coração é que já tá piquêno ...
Faça ele maió ... maió que uma cidade ...
do jeito que ele tá, não cabe mais Sodáde !



O Milagre da Santa

O MILAGRE DA SANTA

(A memoria sempre venerada de Da. Anita Costa)

Na fazenda do Coroné Grigório,
mesmo no casarão do fazendêro,
tem uma sala grande, com quatro jinéla,
que eles chama de "sala da capéla",
só proquê o dia intêro,
entra ano e saí ano,
tem gente lá, rezando,
ajuciádo em frente do uratório...

La drênto do uratório tem uma Santinha,
— Nós'Siôra da Bem da Aparicida,
cô uma capa azuzínha, bem vistida,
tão bonitínha, tão infeitadínha,
que a gente oiándo néla garra maginá
que no mundo não tem uma santínha iguá...
— Cum perdão da palavra é iguá uma bonéquinha !

De todas banda chêga gente sem pará,
que a portêra dirêito nem não qué fechá,
só pra não tê trabáio de se abrí !

Aquéla gentaiáda quando garra ví,
a cavalo ô a pé,
a portêra — coitada ! — só fáis "nhiéé" ...
e é branco, é preto, é moço, é criança, é muié
que vem de trôle, ô chega de carrôça,
ô de carrióla, iguá míó que vem da róça,

e a gente larga atôa
em frente do paió, pra despóis recoiê...

Só mesmo vê pra crê!
Chega um carro de boi, rudeádo de istêra,
chiándo longe, numa choradêra,
cheinho ansim de gente pra rezá. ..

Chega os cabôco duênte, incarangádo,
i as criança pançúda, côs óio parádo,
que tão cô amarelão e cô búcho virádo,
só pra móde pedí a Santa pra sará!

Intão na sala grande da capêla,
oiándo pra jinéla,
a gente vê as cabêça de quem tá rezando,
mexêndo os bêicho, sem piscá, falando,
pedindo pra éla tudo o que êles qué...

A gente chega intê a adivínhá,
oiándo só no jeito, o que uma muié
falando bem baxínho péde pra Santínha:

— “Nós'Siôra da Bem da Aparicída,
ajúde a minha fia
que daqui a cinco dia
váí casá e não qué vivê atrupeláda,
nem largáda, nem fique cunsumída
cô marido que Deus mandô pr'êla iscoiê!”

La adiênte, nos óio dum véinho,
a gente via tudo e adivinháva
o que a boca falava e rismungáva
falando ansim, baixínho:

“Santa! Dê um geitínho pra eu sará!
Não pôsso mais guentá

essa dô que ás vês pincha eu chorando e gimêndo...
que sóbe pras viría,
que não dêxa eu durmí, que me judía,
e que só vai morrendo
quando o galo amiúda e vai crareando o dia!”

Otro hóme lá diênte, ajuciádo,
de nariz chato e de barbínha rála,
e côs óio alumiádo de moíádo,
só mexêndo côs bêicho ele péde e ele fala:

— “Meu cachorro viadêro tá que tá largádo...
não morre nem não sára, tá pinchádo,
arfando que nem gente que tá pra morrê...
Minha Nossa Sinhóra, o que é que eu vô fazê?
Minha Nossa Sinhóra, o que é que eu vô fazê?!”

E a Santínha, ponhando bem sentido,
iscúita um por úm tudo os pedído,
cumprendêndo derêito o que êles qué dizê,
e fazendo os milagre que sárva e que cura
aquêla gente tuda que tão na apertúra;
prô hóme incarangádo não se mardizê;
prô póvre maleitêro ficá bão;
pra criança que tá cô amarelão,
que nem pranta sem tráto, côs óio parádo
e cô búcho virádo,
mudá de geito e tê ôtras feição...

Intê prôs animá a santa fáis milagre;
a potranquínha de nhô Zé Machado,
que táva cô pescoço duro, de arrejádo,
côs óio torto, cô uma núve preta,
que nem cum faixa quente de baêta,
nem cum sá e vinágre
não quiría sará e indireitá,
foi só rezá pra Santa e fazê uma preméssa
pra éla ficá curáda tão depréssa
que deu pra tudo povo se assombrá!

Eh, Santa milagrôsa êh, Santa boa !
não tem uma pessoa
que não cunhêça ela,
nem que nunca chegásse
na sala da capêla
só pra môde oiá nela e se benzê,
pedindo quarqué coisa que quizesse tê
pra môde se curá ô pará de sofrê !

E' mesmo; a gente oiando o jeito da Santinha
amôde que ela méxe co'a boquinha,
que se rí de cuntente,
acunseiando a gente
pra gente tê paciência,
pra tratá bem a tudo, sem ufênsa ...
Inté os boi, os burro e os animá
ninguem nunca não deve de xingá,
proquê os bicho' também tem coração
e sente que nem nós quarqué ingratião !

Um ceguinho uma vêis foi lá pedi
que a Santa dêsse um geito de ajudá
pra ele aprendê a lê,
fazê conta e iscrevê,
pra não se atrapaíá
quando quizesse í,
segurando um bordão,
na venda de nhô Adão
na incruziáda ...
E pra môde ele tê,
despôis que ele aprendêsse,
um livro bão que lêsse
e papé pra iscrevê !

Despôis que ele pidíu, despôis que ele falô,
o ceguinho iscuitô
a Santínha dizê esta reispôsta:

— Precúre de falá
co'a Santa que é quáse minha irmá,
que tem pró nóme Dona Anita Costa !"

Pôis o cego falô,
Dona Anita iscuitô,
e devêra ajudô
prô cego tê a iscôla e os livro pra lê !

Hoje o cego pidiu que eu viêse agardecê,
porisso eu tô aqui,
só pra môde dizê que também já pidí
pra Deus Nosso Sinhô,
que nessa hora tava pérto i me iscuitô,
que mande dá pra Dona Anita Costa
tudo de bão e de mió que gôsta !

E que na vida déla
sêja sempre que nem a Santa da capêla
que tá num uratório
no fazendão do Coroné Grigório !

NOTA — Estes versos foram declamados pelo autor no Palacio dos Campos Eliseos, na tarde
de 23 de Abril de 1944, quando se festejava o aniversário da inesquecível Dona
Anita Costa.

CAVÁCO DE PÁU

"Quatro machadêro tão trabaiándo...
Caváco de páu tá avuándo!
Tá-tá-tá-tá trabaiándo..."

— Acérte o córte ahí, nhô Sarvadô,
afúnde mais o táio do seu lado!
Ói que peróva é pau inganadô
que não dá confiança pra machado!

Ê bão ocêis levá o táio cêrto;
não vá a péste istrondá quando caí...
E uma peróva ansim, aqui prô pérto,
eu ja tive campeando e ainda não ví!

Tambem é véia a desgaramada! Óie só
o cascão da diánha! Quantos ano
tava ela aqui, rodeáda de cipó,
côs gáio lá nas núve, balanceando!

Máie firme o machado, nhô Lilíco,
dêxe o suó corrê! Bâmo, nhô Quim!
Compassêie esse córte cô Zarico...
Bão machadêro não trabáia ansim!

Amóde que tem medo que o caváco
púle nos óio! Ansim não tem nem graça!
Ói que o seu pai foi machadêro táco...
desvíe a cara que o caváco pássa!

Esta peróva era que nem rainha
deste matão; arve maió não tem!
Só o jequetivá la da grórinha
póde sê iguá, maió não é tambem!
A peróva é a rainha... ele é o rêis...
Vai vê que o póvre tudo tá sabendo,
chorando proquê chega logo a vêis
dele tambem pra baxo vim decêndo...

Cada báque que iscúita do machado
maiándo na peróva, ele assupíra,
vendo que os dia dele tá contado,
e treme os gáio em riba, meio gíra!

A rainha vái hoje... o rêis chorando
proquê não tem tambem pr'êle o que sárve,
vê que a hórinha dele tá chegando
de dexá o lugá pras ôtras arve!

"Quatro machadêro tão trabaiándo...
Caváco de páu tá avuándo!
Tá... tá... tá... tá... tá... trabaiándo...
caváco de páu tá avuándo!"

Pensando bem a vida é iguá pra tudo...
Inté pra as arve é cheia de amargúra...
O páu maió, mais grande, mais gaiúdo,
sófre iguazínho c'uma criatúra.

Não vê esta peróba? Foi crecendo,
foi pequinínha ansim, mas foi subindo...
Taliquá nós quando era ainda piquêno
a peróva tambem foi páu — menino...
Mas foi indo pra riba, se ingrossando,
ficô despóis páu arto, ingaiarada...
E hoje — ói ahí! — despóis de muitos ano
ficô dos páu piquêno soparáda...

Que nem gente que fica num lugá
desde que náce inté o fim da vida,
e quando mórre tudo vem chorá
prô sê pessoa boa e conhecida,
as sabiá também tão saluçando,
sentindo já a farta da peróva
que dava pôso pra eles, prôs tucáno,
e agora aqui só fica as arve nóva !

Nos gáio déla as pomba se iscondía
quando tava apertada cós gavião;
era iguazinha arguêm que tudos dia
amóstra que pissúi bão coração !

Cada cavaco que o machado tira
é um dia de bondade que ela fêis ...
E ela então vê que a vida é uma mintíra ...
o que se ajunta sóme de uma vêis !

Mórre arve, gente póvre, gente rica,
não ha nada que fique pra semente;
tudo se acaba ... só a Sodáde fica
pra pinicá o coração da gente !

“Quatro machadéro tão trabaiando ...
Caváco de páu tá avuándo ...”

—Bámo, pissoá ! Não pára ! Afirma o táio !
O patrão vem ahi, qué vê trabáio,
ocêis pênse que gáita é birimbáu ?

Tudo de bão que a vida dá pra um hóme
sem a gente isperá se sóme e se consóme ...
vôa no á que nem um cavaco de páu ! ...

A BREGÂNHA ...

Chico Ferrúge andava se ingraçando
co'a Tutónha, do Pedro Apulináro ...
Os dia foi passando, foi passando,
e hoje pr'ôs dois as coisa se azedáro ...

Nos cumêço foi tudo brincadêra;
os dois se oiáva ... os dois se ria ... e o pai
diz que pescô o namôro terça-fêra,
e a Tutónha de casa nem não sái !

Nhô Pedro Apulináro é arrezorvido;
diz que falô, si a fia namorá,
ele vái ranjá pra éla um bão marido
maiándo éla cúm páu inté rachá !

Chico Ferrúge tá que nem não cóme ...
Chegô a imagrecê ... tá derreádo ...
Só vendo o que essas coisa fáis pra um hóme
quando vira em paixão de boi aguádo !

Ainda agórica topei co'ele ... Tava
bardeando lenha, numa carritéla;
falô co êu, cumbersemô ... Saluçáva
cada vêis que faláva o nóme déla !

Nhô Bento — êle me disse — uma facáda
que me ascançásse certo o sangradô,
era cósa ... inté dava gargaiáda ...
mas pra eu perdê a Tutónha, é muita dô !

"Nhô Pedro Apulináro pôde sê
o pai déla, tá certo... Pái é pái...
Mas fazê o que me fêis! Ele vái vê!
Não é prô pau sê arto que não cái!"

Falei prô Chico: Ocê tá brábo atôa...
No amô o mais difíce é o mais mió!
Muié é que nem as frô... E as frô mais bôa
não dá fáce, que nem frô de cipó!

Ocê não vê que as rosa tem ispínho
pra môde fisgá os dedo que qué éla?
Ocê assucégue; óie, devagazínho
é que o feção moléce na panéla...

— "Mas nhô Pedro é teimoso!"

— O que tem isso?

Quando dois qué um só não manda nada...
Se ele teimá ocê québra o fitiço...
arrúma co'éla as côisa e cái na istrada!

— "Capáis, nhô Bento! Isso não faço!"

— Ara, éssa!

Proquê que ocê não fáis, não tem coráge?
Óie, rapáis, nessas côisa quem coméça
léva inté o fim, senão não tem vantáge...

"E as praga?" — ele me disse. "É bem capáis
do véio praguejá, e as praga péga...
Nossa vida despôis garra a í pra tráis...
ói que as praga tem dado muita isfréga!"

E o que ocê vai fazê? — eu perguntei...
— "Tô assuntándo" — ele me arrespondeu...
"O véio é caçadô, e eu ja arranjei
um paquêro iguazinho o que morreu..."

"Ele já breganhô uma novía
c'úm viadêro... tô pensando o jêito
de dá o cachorro, ele me dando a fía...
É negócio, nós dois léva provêito!..."

AGUA DE CACHUÊRA

(Ao Prof. Plinio Paulo Braga, grande mestre
e grande amigo)

Nem oiándo bem néla mecêis fáis a idêcia
pruquê infêito éla ansim e dêxo éla pachóla ...
Ê a minha fia mais véia
esta vióla !

Tuda a Sodade que ajuntei na vida,
que no meu coração véve iscondida,
mecêis ia sabê
se pudêsse intendê
o que ela as véis cumbêrsa côs meus dêdo,
mixiricándo tudo os meus segredo ...

Mas ela fala só pra eu iscuitá ...
pra nós dois se intendê ...
pra nós dois se alembrá !

Tem gente que duvída
que a vida
é que nem cachuêra,
que as água vai levando,
galopeando,
de carrêra ...

Mas as água que corre sem pará,
torna a vortá,
torna a rolá,

torna a caí,
e torna a se visti
cô vistído branquinho e bonito de escúma,
intê que ela se súma,
pra despóis torná a vím de novo campeá
as pedra pra moiá,
e a escúma branquinha pra ela se infeitá ...

Que nem a cachuêra
tive uma companhêra
que hoje é a água que caí e saluçándo róla
dos meus óio, pras córda da minha vióla,
pra móde eu cumprêde
e nunca me isquecê
que ela é a água que caí maiándo tudo dia
no coração do pai a sodade da fia !

Quando éla era piquêna os oínho fechava
quando iscuitáva
minha vióla cantá,
pra ela dormí ... pra ela sonhá ...
Quando ficô mocínha ás véis ela pegava
na viola e reinava,
tocando sem sabê,
só pra me vê dizê:

— Muiê violêra
mórre soltêra !

Soltêra éla morreu; nem quinze ano tinha ...
morreu de tacapóra, a pówrezinha !
Sentí que nem o quê !
Tive vontade de tambem morrê !
Larguei mão da viola, não dormia,
pensando em minha fia !

Uma noite que eu tava triste, me alembrando,
bem despois de uns dóis ano

que éla ja tava morta,
que nem num sonho eu vi éla rênte co'a porta,
me dizendo pra mim:

"Não quero nunca mais le vê ansim ...
largue mão de chorá,
incordôe a vióla pra tocá,
e tire isso da idéia!
Na vióla mecê tem sua fía mais véia!"

Ói só como ela tá infeitada e bonita,
co'esse mundão de fita,
luxênta inté que nem muié facêra ...
A água da cachuêra
que correndo passô,
vortô pra campeá as pedra que moiô ...

O BRASÍ ME CHAMÔ!

Máia, minjôlo, máia! Dêsse geito
tambem meu coração me maiô no meu peito,
batendo forte, taliquá minjôlo,
meio malúco, sem achá cunsôlo!

Ja suspirei, chorei, maginei ... Mas agora
tô vendo que não diânta a gente amofiná ...
o Brasí qué que eu vá, eu vô m'imbóra ...
vô m'imbóra aminhá ...
Deus ha de me ajudá!

Ja tive dando adeus pras capuêra
pra tiguêra e o istradão ...
ja andei ispiando o manguerão ...
ja andei oiândo o taquará, o córguinho ...
a figuêra da fonte ... a cerca do pastinho ...

Ja chamei na portêra
minha besta ruána,
e tive cumbersândo co'éla a tarde intêra,
inquanto éla mascava um tolête de cana,
mastigando, me oiândo, me iscuitândo,
proquê ela acostumô tambem sabê
tudo o que me acuntéce,
e tambem pra ela nunca maginá
que eu vô largá ela ahi pra móde desprezá ...
Ela cançô de vê
meu coração tambem como padéce!

Ja tive na peróva tórta da picáda;
ví sumí uma cotía atrupeláda,
lôca e desimbestáda côs cachorro ...

Ja andei prôs sapezá, prô tupéte do môrro;
já entrei na capélinha
pra vê minha madrinha,
— Nossa Sinhóra Conceição,
pra dizê adeus pr'êla e pedí uma benção ...

O mais pió que eu táva maginando,
que devéra dexô meu coração cismando,
era quando chegásse a hórinha de dizê
pra minha vêia o que eu ia fazê ...

Quando ela oiásse em mim e garrásse tremê,
e eu tremendo tambem, meio intaládo,
fazendo força pra não derretê,
saluçando e dizendo:

— O Brasi me chamô,
minha mãe! O Brasi tá me oiándo e me chamando!
Réze prô Bão Jesúis í sempre me ajudando
prô tudo os lado que o seu fio fô ...
Eu tambem ja rezêi; ja pedí pra madrinha
pra não deixá mecê saluçando e sózinha ...
Vô m'imbóra aminhá ... o Brasi me chamô!

Mas minha vêia, êta véiinha bôa!
Não é déssas muié que se derréte atôa!
Quando eu falei que tava iscuitándo o chamado
do Brasi, que queria que eu fôsse um sordádo
pra guerrea adônde percisásse,
que nem que todos santo me ajudásse,
minha mãe m'incarô, se ríu e me abraçô!

Ela que é tão véiinha,
êla que é tão fraquinha,
ponhô naquele abraço as força que ainda tinha,
e me abraçô, apertô, me atarracô,
que intê sentí nos óio um calô deferênte,
e chorei de repente de contente,
pruquê êla não mostrava que chorava,
e inquanto me abraçava
ela ia dizendo:

— “Vá, meu fio sirví
e defendê o Brasi!

Eu perfíro ficá
cêga pra nunca mais eu inxergá,
do que vê e iscuitá,
taliquá assumbração
que atropéla um cristão,
quarquê um me chegá
pra me falá
que o meu fio é um patife ... é um medroso ... é um
traidô ...

Deus ha de me ajudá e le abençoa ...
Vá s'imbóra aminhá!
Vá cuntênte, meu fio! O Brasi le chamô!”



Cascavé

CASCAVÉ

(*Ao bom amigo Dr. Vital Brasil, glória da ciência médica brasileira*)

Tuda a vês que ele ia na istação,
e arricibía carta do Bastião,
vinha me percurá tão sastifêito,
que o póvre do véinho inté garráva o jeito
de moço que não tem ainda barba na cara...

Correndo ele varáva a cerca de taquára,
e chegava se rindo,
me pedindo,
pra eu lê a "carta que o fio iscrevêu"...

Mais de óito ano sem pará fui eu
que lêu as carta dele uma por uma, e via
a tristeza e a alegria
que o véio tinha
co'as notiça que vinha...

Lia pra ele iscuitá;
despóis nhô Gabrié pedia pra eu guardá.

Vô lê, pra meccês vê, esta aqui que é a primêra ...
— O véio inté chorô co'a brincadêra! —
Quá é o pái que qué vê o fio judiádo?
Iscúite só o que o desisperádo
e póvre do rapáis,
mandô dizê, ói:

— "Nhô Pai, não póssô mais
soportá os desafôro do patrão ...
Só me chama de tônto e caipirão ...

"A péste da patrôa,
que parecia sê boa pessoa,
se acostumô a me chamá de "indíge"
e diz que o meu lugá é a "mata-víge" ...

Como tudo cô tempo vái mudando,
as ôtras carta que despóis de um ano
o véio me pedia pra mim lê,
inté dá gosto vê!

— É escritvida cúm letra de jorná...

Pra lê não é percisoingarupá
os ócro no naríz ...
Iscúite o que esta diz:

"Eu quiria í ahi pra le dá um abraço;
mas o meu tempo aqui é muito iscássio.
Si eu pudé, em Agosto,
vô com meu chéfre ahi... Ele fáis muito gosto
de conhecê o sinhô..."

De alegria o véinho inté chorô!

Túda éssas carta que mecêis tão vendo
foi chegando e eu fui lendo ...
Eu ia lendo e o véio ia iscuitando,
e o tempo foi passando de ano em ano ...
Tem argúma com cada palabreádo
que deixáva nós dois atrapaiádo!
Ói só:

"A minha vida foi a sombria frorésta
que o só do amô mudô numa sala de fésta ...
Nhô pai, vô me casá ...
quebrei meu cumprimisso de ficá
ce-li-ba-tá-ro ..." Ói só: Cilí ... batáro!
Sabe o que o que é? Se não fosse o buticario
nóis dois tambem ficava sem sabê ...
— É que fica sortêro inté morrê!

Co'essa carta o véinho inté cantô!
Inté uma bebedêra ele tomô ...
Contô pra tudo o povo,
comprô um sapatão novo
e um parêio de rôpa no Salím ...
Nunca vímo ele tão alegre ansim!

Iscúite a úrtima carta arrecebída,
Que era mió que fósse cunsumída:

"Acho bão o Sinhô não vim no casamento;
o povo aqui é luxênto ...
Déve cumparecê pessôa de arta róda,
que se trájam de acordo cum a móda ...
Porisso eu não dejêjo
que sua bissulúta farta de traquêjo
me dêxe invergonhado,
jostamênte no dia do noivádo!"

Quando acabei de lê,
ele garrô a tremê ...
O véio ficô branco ... branco ... branco ...
Se assentô saluçándo ali no banco,
bebeu água e foi indo imbóra se arrastando ...

Da jinéla ainda eu vi ele indo atravessando
a ponte do córguinho ...

No ôtro dia, cedinho,
debaixo do páu dáio,
ali no atáio,
tava o póvre isticádo ...
Logo chegô o subredegádo
cum dois sordádo junto,
tivéram vendo o corpo do defunto,
e faláram que foi argúma cascavé
que mordeu Nhô Gabriê! ...

O PRESENTE

No dia que ela foi pagá a preméssa
pra Nosso Bão Jisúis de Pirapóra,
mesmo na hora que tava indo imbóra,
amuntando depréssa
côs pésinho no trem,
ela falô pra mim:

— “Vô le trazê um presente
que ha de dexá ocê muito cuntênte...
Uma coisa que ocê ainda não tem !”

O trem rinchô que nem potrinho chúco,
e foi andando, andando, levando éla,
bufando sem pará, que nem malúco...
Cúm meus óio agrudádo na jinéla,
fiquei oiando firme pra mãozinha
que ela ia la longe saquaiándo,
rênte da jinélinha
do trem que sem pará ia bufando...

Quando tudo sumíu,
eu tava que nem gente que durmíu
e acórda suspirando,
se alembrando de tudo o que inxergô
no sonho que sonhô !

Saí da istação tônto, bestando,
e vim vindo pra istrada,
pensando em tudo e não pensando em nada...

Um mundarão de coisa se ajuntava
na minha idéia... imaginando eu via
ela indo embóra; oiáva pra eu... se ria...
Via a mãozinha que éla saquaiáva,
dizendo adeus pra mim...
Amóde que iscuitáva inté o barúio
do trem, fazendo ansim
que nem burro troteando em pedregúio:
— “Pra-quem-fi-ca, vô-m'im-bóra...
pra-quem-fi-ca, vô-m'im-bóra...
pra-quem-fi-ca, vô-m'im-bóra !”

Ajuntêi minha besta nas ispóra
e taquei fórte o rêio
pra adisfarçá a sodáde que me veio !

Mas quem pôde isquecê quando qué bem ?
Eu via ela no trem,
nas frô dos arvoredro mais gaiúdo,
na passáge da ponte, na portêra,
— hóme, eu via éla em tudo ! —
inté os ródamoínho da puêra
me amostrava a carinha déla rindo...
E vim vindo, vim vindo,
malúco sem sabê
o que fazê prá móde m'isquecê !

Despóis garrei lembrá quando ela táva
incarangáda, a póvre, só chorava
pedindo pra morrê...
Inté dava em dó vê !
Pra móde dá dois passo
da porta da cozinha no quintá,
muitas e muitas vêis foi o meu braço
que ela teve pra móde s'iscorá...
Inté que eu me peguei cô Bão Jesús
— juro por éssa lúis ! —
pra ela sará e ela ficô boa !

Porisso não podia ansim atôa
tirá ela da idécia de repente !
Despois lembrei tambem
do que ela me falô
na hórinha que amuntô
côs pésinho no trem:
— “Vô le trazê um presente
que ha de dexá ocê muito cuntênte ...
Uma coisa que ocê ainda não tem ...”

Garrei a maginá
no que seria que eu ia ganhá !
O que seria ? O que podia sê
que ela quando vortásse ia trazê ?
— Diz que era coisa que eu ainda não tinha ...
Seria uma guruváta ? Um violão ?
Um isquêro de móla, cúm botão,
que acênde com pédrinha ?

E fiquei muitos dia a maginá
no tá presente que ela ia me dá ...

Fêis treisantônte um ano e meio justo
que ela chegô subêrba, deferênte,
malincarándo a gente,
de namôro tramado cô Zé Ógusto ...
Tudo a ingrata isqueceu ...
Foi o presente que ela me trazêu !

Mas decérto acertô
falando o que falô,
quando táva embarcando pra í s'imbóra,
pagá minha preméssa em Pirapóra !

“Vô le trazê um presente ...
uma côisa que ocê ainda não tem ...”

Só numa coisa errô, não tô cuntênte ...
No résto acertô tudo, taliquá ...
Antes déla vortá
eu nunca tive réiva de ninguem !



Prô Dono da Pensão

PRÔ DONO DA PENSÃO...

*(Ao nobre coração do Dr. Cesar Lacerda de Vergueiro,
no almôço festejando seu aniversário, a 11 de Junho de 1944)*

O cabôco parô, oiô pra tudo lado,
cúm medão desgramádo
de morrê amacetádo
debaixo dos tomóve que passáva,
e dos bonde grandão,
desses um vermeião,
chamado camarão,
que avoáva e roncava,
e as paquéra da rua saquaiáva ...

Quando garrô o ôtro lado,
meio atorduádo,
co'as perna bamba, tonto e fazendo carêta,
garrô a suletrá,
resmungando e ajuntando malemá,
as letra branca de uma tabulêta,
desta largura e deste comprimento:
— "R-u-a As-dru-bá do Na-cimênto ..."

Co'a idéia quente, distraviáda inté,
da argibêra da cárça ele arrancô um papé
c'úmas letra piquêna,
iscrivída cum pêna,
botô os ócro nos óio ... ispiô ... suletrô ...
e disse suspirando,
co'a fala triste e o coração arfando:
— "Esta rua não é!"

Despôis atravessô um puerão,
puêra de carvão,
que fêis ele tussí i iscunjurá,
e inté quáse afogá
o cano mestre da suspiração,
e chegô numa isquina, uma baixáda,
taliquá incruziáda,
ispiô a tabulêta que tava pregáda
numa casôna grande, assobradáda,
oiô e suletrô, que nem fêis de premêro,
lêu de diênte pra tráis e de tráis pra diênte,
e gritô gaguejando, regatêro,
cô coração pulando de cuntênte:

— “É aqui mesmo, achei a tá Rua Gandáia !”

Oiô despôis bem firme o númbro do portão;
e, pró sim e pró não,
só pra vê se não tinha pirígo ninhúm
de sê oitenta e úm,
invêis de sê dezóito, que é o númbro certo,
oiô ôtra vêis o *um* e o *óito* bem de péрто,
e se riu mais alegre do que um fazendêro
que tivêsse inxergando, do terrêro,
o argodoá que prantô se abrí e branquejá,
valendo cem mí réis em cada pé ...

Que nem um galo quando impóla o peito
pra abrí o bico e cantá com sustança e cum fé,
perdêu o medo e entrô,
maiándo o sapatão, destrucído e facêro,
fazendo um baruião no corredô
da casa do Dotô Cêsa Verguêro ...

Drênto da casa daquele hóme,
inté na sala que a gente cóme,
a gente vê
côisa que viêram de muitos ano,
que desbotáram taliquá pano,

mas que se oiándo,
é vê um véinho que tá lembrando
côisa passada,
cô uma sodáde lôca e danáda
daqueles tempo do “pérrepê” ...

Tem quadro grande e quadro miúdo
de hóme sem barba, de hóme barbúdo,
de deputado, de senadó,
de presidente, de generá,
dos mandachúva, dos maiorá,
que foram “zápe”, “trúnfo” e “ispadíá”
que só mandava e nunca pedía
naqueles tempo que já passô ...

Tem uma sala só de retrato, mas tão cheínha,
que inté parêce aquêla sala da capêlinha
que o Padre Bagre
— inté é ingraçado quando ele fala ! —
chama de sala
dos mir milágre !

Tá ansim de quadro depindurádo !
Ás vêis, oiándo
naqueles hóme que tão nos quadro se arretratádo,
fico pensando
que á meia noite, nas hóra morta,
um dá um pulo detráis da porta,
ôtro passcia co'a mão no bôrço, pra lá e pra cá;
ôtro, baxinho, devagazinho, gárra a cantá,
medindo a toáda co'a mão no á,
mexêndo os dêdo ...

Então se inxérge durmíndo em baixo dos arvorêdo
uma muiê chamada Fada ... Dêxa durmí !
É os hóme tudo vão se chegando, vão se ajuntando,
falando arto, se arrecordando

do que fizéram, do que falaram
quando mandaram
e guvernáram nosso Brasi !

Eles se alêmbra do companhêro
Césa Verguêro,
que não demúda,
que ainda é a arve forte e gaiúda
que dá risada
dos pé de vento, das chuva gróssa,
das trevoáda,
dos chuvisquêro,
dos temporá ...

Tá co'a cabeça mais branca ainda do que geáda
que cái na róça;
mas se arremóça
só cô geitinho
de fazê amigo,
proquê ele sabe que neste mundo o maió pirígo
é uma pessôa vivê trancado e andá sózinho,
só tendo a sombra pró cumpanhêra pra cumbersá !

Aquêlas frúita que tão na cesta se esparramando,
num quadro grande, tão bem pintado que tá falando,
cô uns gáio verde, cheio de fôia piquininínha,
que nem penínha
de baitáca ô de periquíto,
oiándo néla fico pensando, fico intê afríto,
amó que vendo que as cesta e as frúita fálam baxínho,
contando a gente, devagazínho,
que uma pessôa,
quando éla é bôa,
é iguazínho cêsta de frúita que tá intornando;
frúita docínha que nem melado desses dos bão;
frúita tão doce que méla a cesta, méla a taquára,
e vai melando sempre, não pára!

méla intê a puêra
que tá no chão,
iguá côs fávo do mé mais doce de uma abeiêra !

Ha um retrato naquela sala que a gente cóme,
que oiándo nêle túda as mardáde do mundo sóme,
e fáis a gente pensá na vida com mais reizão ...
É uma véinha, que só oiándo conta o que sente,
séria e calada, mas insinando derêito a gente,
contando as cõisa que éla carréga no coração ...

Quiétinha, alêmbra das coisaráda que se perdêro,
taliquí fogo na derrubáda, que só no acêro
lambe o chão limpo, carpído a inxáda, pra se acarmá ...
Não fala nada, mas só se oiándo no jeito déla,
se sabe logo como éla estima, como éla zéla
aquele fio que pensa néla sem descancá !

Se alembra tanto, que intê na mesa, quando ele assênta,
guarda o custúme do tempo déla que ainda assostênta
— não fica nunca no lugá déla na cavicêra !
Não se incomóda que tudo tēja tão deferênte;
pra ele éla véve ... e ele porisso sênta, cuntente,
num lugá cêrto, perto da ponta, numa cadêra.

Tambem porisso na meza dele não ha tristeza ...
Ela tá sempre juntinho dêle bençoando a mesa !

.....

Nos relojão grandão,
nos relógínho,
o ponterão
brincando de iscondê
cô pontirínho,
tá dizêndo que é hóra de cumê ...

Mêio dia e corênta ...
Chega o girênte
de bengala na mão pra atropelá o só quente !

A fome tá que ninguém mais aguênta !
Ahi intão a gentaiáda
fáis uma baruiáda
de cadêra arrastáda,
e a freguezia intão tuda se assênta,
— qué dizê, os cumilão
da Pensão
Recriativa Pólista !

Na mesa grande que ja tá intupída
de gente de ôio rôxo isperando a cumída,
não cabe mais ninguém ...
O rimédio que tem
é arrumá ôtra meza mais miúda
pra vê se cabe néla a gentaiáda tuda
que ficô sem lugá,
e que tá de ôio branco e bôca trespucháda,
cô uma fomêra lôca, desgramáda,
em ponto de chorá ...

Senta quem senta, e quando vái se vê,
umas ôito pessôa
ficaram em pé, se rindo um prô ôtro, atôa,
pruquê não tem lugá
adônde se assentá
pra cumê o que sobrá,
e que se Deus quizê percisa acuntecê ...
O remédio que tem é cumê no quintá ...
— Nhô Bento, vá pra lá !

As vêis um pansionista intôja a carne assáda,
e diz embrabecido, co'a cara amarráda:
"— Não pôsso cumê isso ... me fáis má ...
Chêga intê a me dá farta de á,

que nem qu'êu ingulisse canivête ...
O Júia, faça ahi um umelête
deste tamánho ansim,
só pra mim !"

Tem mesa de primêra,
tem mesa de segunda e de terciêra,
e mesa de quintá ...
Nêssa uma eu tenho sempre um lugá pra sentá !
As vêis quando o leitão e o Perú tão chegando,
nem não pôsso cumê, proquê tão me chamando !
O Dotô Cêsa diz:

— "Nhô Bento, vá cantando
quarquê bobáge que quizê cantá,
que é prô povo iscuitá ..."

Nhô Bento abre o bocão,
e lasca :

— "Santa Crúis, êh fazendão !"

No meio dos dotô,
dos dezimbargadó,
desses hóme chamado jornalista
e dos ôtros freguêis
e cumilão
tem um amigo novo que chegô
(ás vêis tem dois ô três !)
que tá cumendo lá a prêmêra vêis.

O coroné Tenório passa o guardanápo
com força, no bocão, intê largá fiápo,
alevanta o corpão,
derrubando a cadêra, baruiênto,
taliquí pé de vento,
e esprica prôs nováto que tão lá,
pra eles ponhá sentido, iscuitá e guardá,
como é o regulamênto
que é o "córigo pená" lá da pensão:

— “Tudo sojêito que quizé falá
tem que se alevantá,
nem que a cabeça e as perna garre bambeá !”

“Quem chegá atrazado
e prô má dos pecádo
roncá que já tá cheio e que armoçô lá fóra,
tá murtádo e obrigádo
a rancá da argibêra e a dá na mesa hóra
déis mi'réis pra copêra e a cusinhêra !”

“Quem falá má do ingrêis e bem dos alemão,
sáí de lá a pescção ...”

“Agora quem quizé
metê a língua, taliquá muié,
em quarqué um que têje lá ô não,
inté cortá a casáca e metê o tesorão
no dono da pensão,
póde metê,
que não fáis má ninhúm nem ademáncha a pinta !
O que não póde é quarqué um freguêis
debochá ô falá má do pérrepê
e tudo o que ele fêis
antes de trinta !”
O Coroné diz isso, abre os braço no á,
e tórna a se assentá ...

Dotô Chimêne intão
se alevanta legêro, taliquá rojão,
e vai falando arto, saquaiádo as mão,
que nem que fôsse o dono da pensão,
fazendo a sódação
pra quem foi lá cumê a premêra vês,
pedindo prô sojêito não ficá ingrato,
que a comida não é rúim ... que póde inchê o prato ...
que não se paga nada e porisso é barato,
e convída os tarzinho pra ficá freguêis ...

Quando o Dotô Ximêne para a discursêra
e se assenta cançado na cadêra,
os cumilão intão
batem parma, fazendo um baruião ...

Chega intão o bichêro;
jógam no boi, na cóbra, no carnêro,
na vaca e no perú ...
Quando chega de tarde o que dá é o urubú !

Depóis o ôtro freguêis,
o que foi la cumê a premêra vês,
se alevánta tambem e fala, fala, fala,
que quando ele se cála
em tuda sala
batem de novo páрма,
abençoádo as arma !

Dotô Enéia intão,
táca na bôca a úrtima garfáda
de quêjo e guaiaváda,
óia a segunda crásse adônde tão
os ôtro cumilão cabando de cumê,
e grita: “Bámo vê !
Desacúpa o lugá antes que eu xingue !
Nóis qué é jugá o “Quingue”!

Intão pra treminá
a turma tuda córre prô quintá
pra se afotografá,
e despóis sastifêito arrecebê
uns quadrinho bonito como quê,
que o dono da pensão manda fazê,
e fáis quistão de dá
pra cada um freguêis vê e levá !

.....

O dono da pensão
tá hoje que não pôde nem falá,
nem sabe de que geito pula o coração
de tanto pinoteá !

Mais um ano de idade ele tá festejando
regaladão da vida, alegre, intê brincando,
como quem tá fumando
um cigarro ô um charúto,
sastifêito, contente, de ôio inxúto ...

Ele tá iguazínho
essas arve da bêra do camínho,
que não sabe quem fáis ela mais se alegrá:
se é as frô que éla tem;
se é os passarinho que se ajunta e vem
campeá os gáio déla pra posá e cantá;
ô se é também
a sombra que éla dá ...

Não percisa dizê, nem percisa contá,
proquê ele sabe vê e ele sabe sintí,
que em cada amigo dele que tá aquí,
em cada amigo que não pôde ví,
não tá o sojêito istránho
que se compra, se paga e se méde o tamanho
da adulação que ganha pra fazê !

Não percisa dizê,
proquê ele sabe vê
que em nosso coração tá o coração
do dono da pensão,
que ele cortô miudínho
e deu pra cada um de nós um pedacínho !
Aquí nós tudo intão
ajunta e fáis de novo o coração,

infêita ele de sastifação,
i bôta ele no á,
justínho e taliquá
levantação de mastro no terrêro ...

Pô riba da puêra e mais péрто do céu
nóis bôta lá no arto esse coração
que táva arrepartido e nós fizêmo intêro ...

Agora intão nós réza, cô chapéu
inroládo na mão,
pedindo a Deus que ajúde o dono da Pensão,
Dotô Césa Lacerda de Vergüero !

DIZ QUE AS ISTRÊLA...

Diz que as istrêla — isso me contaram —
dêssas uma que pisca sem pará,
é as moça que morrêram e que deixaram
um coração pra délas se alembra...

Intão no céu, de noite, élas se ajunta
pra ispiá lá de riba os namorado
que ás vês ja nem se alêmbra das defúnta
que morreram pensando nos marvádo!

E élas fica ispiándo... Si o tarzínho
é mesmo bão e sente ainda sodáde,
amóde que vê élas de pértinho,
briándo sempre, sem perdê a vontade...

Mas se o sojêito é coisa atôa, é bísca,
que véve namorando os cão e os gato,
as istrêla — coitáda! — nem não pisca,
burrecída co amô que tem no ingrato!

Mas porem tem os bão; eu sei que a gente
quando ama e qué bem uma criatura,
não vai s'isquecê déla de repente,
nem que éla morra e vá pra soportúra!

Quando éla fica istrêla bem bonita,
dêssas que treme e pisca, a gente sórta
um suspiro bem forte, ansim: — “Ai, Rita”!
— pra móde vê na istrêla a moça mórta!

Pois eu (não sei se ocêis subéram disso...)
ja tive uma paixão, um amô danádo,
que deu pendão, deu frô, virô fitiço,
e intê hoje me bóta amalucádo!

Amô pió que sapé... que a tiriríca
que mata os cafezá — carpí não diánta...
A inxáda córta o mato, e a raiz fica,
e aminhá bróta e tá matando a pranta!

Pois é; nem paga a pena tá alembrando!
Mas a defunta Rita, uma criança,
morrê ansim, pra me deixá pensando
nos dôce, no casório, na festança!

A coitada morrêu; ia dá cumíada
prô cachorro do pái, quando ia andando
sentiu aqui — lá néla; — dô tão doída
que pinchô éla no chão se isperneándo!

Nem não cumeu o póvre do veadêro;
o carderão virô pra riba o fúndo,
e quando veio o Ambrósio Curandêro
a Ritínha ja tava no ôtro mundo!

Ocêis nem póde maginá; eu queria
morrê tambem, palavra! Se não fosse
pecádo a gente se matá, eu ia
co'a Ritínha quando ela se interrô-se!

Ela morreu, mas tudo o santo dia
tenho sodáde... Quando me dissêro
que a Ritínha é uma istrêla que me ispia
côs óio que levô prê sumitéro...

E que oiándo bem néla e assuspirando
eu podia vê a Rita bem de péрто,
si rí — ah, bobáge! — mas fiquei pensando
que tarvêis éssa história dêsse céрто ...

Uma noite vinha eu cô Zé Gadáño,
nóis vinha inté falando néla, e eu ví
no céu um istrelão deste tamánho ...
fiquei ripiádo, quáse que corri!

Intão disse prô Zé: — “Nhô Zé, vá andando ...”
E parei, suspirei: — “Ai, Rita!” — e ela
foi ganhando as feição, foi-se formando,
e eu ví a Rita no lugá da istrêla!

Chorei meio assombrado, a coisa ispanta,
ah, se chorei! Ritinha táva rindo
tão contente ... Era o mesmo que uma santa
que viêsse do céu caíndo ... caíndo ...

Ficô rentínho de eu, como ocêis tão ...
Parô no á ... me oiáva ... im rôda déla
amóde que briáva ainda um craráo
como uma lúis detráis de uma jinéla!

Quando eu púde falá, disse baixinho:
— “Rita como ocê tá, ocê tá bôa ?
Proquê ocê me dexô ansim sózínho
que nem sapo na bêra da lagôa” ?

Ela me arrespondeu: — “Não fui curpáda. !
— “Nem eu — arrespondí ... E ela tornô:
— “Eu nací pra morrê sem sê casada,
fui o que Deus Nosso Sinhô mandô”!

— Mas ocê lembra d'êu, Ritinha ? — Ás vêis ...
— Ás vêis ?! — apreguntêi ja meio azêdo ...
E ela disse: — “Eu me alêmbro que nós três
fiquêmo a bem dizê lambendo os dêdo ...

— Três ?! — mas que conta que ocê tá fazendo ?
E ela contô — ih, réiva que me deu ! —
— Um, o cachôro de nhô pai, vá vendo ...
Ocê, dóis ... e eu, três ... me acumprendêu ?

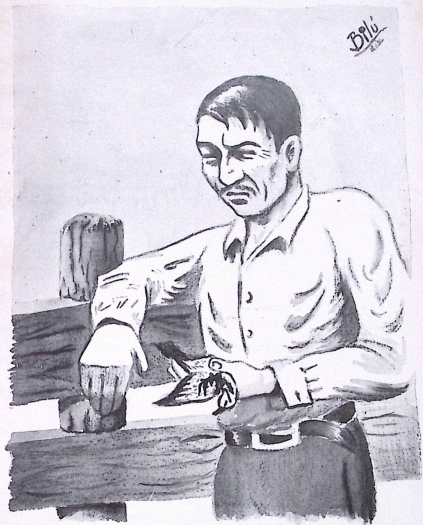
Gritei báio de réiva: — Óie, Ritinha,
eu não aguênto pôco cáuso em mim !
Eu sempre tive ocê como santinha,
e ocê não pôde me ofendê ansim !

Ela então me incarô, impoló o peito,
ficô tão brába que inté meteu medo ...
E disse: “Vô ispricá pr'ocê derêito
proquê fiquêmo os três lambendo os dêdo” !

— “Ocê não ia se casá” ?
— “Eu ia ...”
— “E eu não ia tambem casá c'ocê ?
E o pôvre do viadêro aquele dia
não ficô sem angú pra ele cumê” ?

— É verdade, ocê tem reisão, Ritinha !
E ocê tá vendo ? Eu táva quase lôco ...
Tudo só proquê a gente não divinha ...
pensei que ocê tava fazendo pôco !

Mas ahi eu iscuitêi: — “Que é isso rapáis,
ocê tá besta ? É bão largá mão disso !
Era o mardioádo capatáis
que me acordô pra móde í prô sirvíço !



Paixão de Caçadô

PAIXÃO DE CAÇADÔ

*(A Monteiro Lobato, expressão maxima da nossa
literatura regional)*

Nhô Ditão que era o mais mió matêro,
o mais bão caçadô,
de repente azedô-se e se desfêis
dos cachôro paquêro e veadêro
que ele tanto zelô
cô a maió estimação,
e ficô de uma vêis
sarambé, bambo, côs miôlo môle,
como quem tem quarqué côisa que bóle
cô gosto, c'a saúde e o coração !

Nhô Ditão nunca mais quiz sabê de caçá !
A ispingarda bérquinha, de fogo centrá,
introchada de aço,
que na mão dêle era mais pió que um láço
que nunca arripiáva pontaria,
ficô triste, num prégo pindurada,
e dicérto a ferrúge cunsumía,
si o Cumpadre Zé Elia,
cúm pênna da coitada,
não perdêsse um tempão lixando éla
que ja nem parecia mais aquéla !

A patrôna de côro de pintáda,
cúm fivéla prateáda,
e uns infêite bonito e miudínho
de botão cô de vinho,
que éra um presente do Dotô Fabiáno,

foi se disfigurando, se acabando,
largada num palánque, no quintá,
inté virá imborná
de dá mio a animá...

Pra vê se nhô Ditão assentava o juízo
chegô a sê perciso
mandá ele pra fóra passeá,
pra móde adisfarçá...
Mas o póvre vortô do jeito que saíu;
taliquá cô um tisiu
que vólta pra gaióla pra sofrê
proquê sôrto não pôde mais vivê!

Só ônte é que subémo o que é que havia
pra nhô Ditão sofrê como sofría...

Foi o Antónho Diodáto,
companhêro de mato
do póvre nhô Ditão,
e que estima o coitado iguá a um irmão,
que cumbersando cô ele, dereitinho,
pôde pescá o cáuso com jeitinho,
e contô pra nós tudo pedindo segredo,
proque diz que tem medo
de nhô Ditão zangá e imbrabecê,
quando vié a sabê
que ele foi ispaiá
o que jurô guardá...

Diz que lá em Goiás,
ha uns quinze áno atrás,
nhô Ditão se ingraçô cô uma mocinha
prô nóme Mariquinha...

Quando os dois táva em ponto de casá,
— chegaram inté a tirá
os papé pra igreja e prô civí,

e cô dia marcado! —
intão ahí,
pro via de ciúme os dois brigaram,
e o trato do casório desmancharam...

Diz que na hórinha da separaçã
éla falô ansim pra nhô Ditão:
— “Ocê me larga, mas muié iguá
ocê nunca não háde de incontrá”!

Diz que ele arrespondeu:
— “Muié e cóbra
é o que ha de sóbra”!

Ela tornô a falá:
— “Ocê háde arrepêndê
disso que tá dizendo,
quando um dia subé que me viram morrendo,
que nem uma pombinha,
que tá co'a aza quebrada
e co'as pena do peito insanguentada...
Mas que mesmo chumbeáda e pra morrê
não tem réiva de quem fêis éla padecê!
Ocê hade intão lembrá da Mariquinha
que ocê agora largô
despóis que chumbeô...”

.....
Na tiguéra de mio, de tardinha,
os xororó, os vira e as rolinha
andavam bôbo, campeando tiro;
o Bidito Porfiro
ponháva rênte o chão coxinho de bambú,
botáva mio drênto, e quando que ele via
os passarinho tudo infileirádo,
que nem bando de anú
num arame isticádo,
maiáva a “pica-páu”... Num tiro só barría
vinte, trinta, corênta... os chumbo que tivêsse!

Nhô Ditão também quiz (mas antes não quizesse) !
passá uma bassoráda
na tiguéra largada.

Iscoiêu uma hórinha bôa, e chegô lá
quando as pomba do á
tavam tudo chegando,
as varêta de mio balanceando ...

Foi só chegá, ponhá a bérquinha na cara,
e apontá num coxinho de taquára ...
Táva duro de pomba ! Ele atirô
más só uma ficô,
pulando, chumbeáda,
co'as azínha quebráda ...

Quando ele pegô na póvrezínha
e que insopô a mão
naquele sangue quente,
veio um nó na garganta, de repente,
e levô um saquaião no coração,
que amóde inté que o coração parô
e cunsumiu com tuda força que ele tinha ...

Quiz andá, tropicô ...
Se afirmô como pôde num cupi
pra módê não caí ...
Tomô suspiração, oiô em vórta,
oiô na mão a pomba quase morta,
e, nem sabe contá derêito o que é que éra ...
Amóde que foi avoándo da tiguéra
pará lá em Goiáis,
vendo o que viu ha quinze ano atrás !

Que nem quem vê um retrato,
prô tudos lado via a Mariquinha ...
via a bríga que armô demanchando cô trato
de casá co'a mocinha,

só proquê ela dançô
c'um primo que chegô
de novo no lugá ...
Atôa, atôa, foi se enciumá !
Amóde que ainda via ela tremendo,
e ele brábo, ofendendo,
xingando a éla e tuda a geração ...
E éla, de óio no chão,
falando pra ele, na soparação:

— “Ocê hade arrepêndê disso que tá dizendo,
quando um dia subê que me viram morrendo
que nem uma pombínha, que tá co'a aza quebrada,
e co'as pena do peito insanguentáda ...
Mas que mesmo chumbeáda, pra morrê,
não tem réiva de quem fêis ela padecê ...”

Quando pôde afirmá nas perna e ví vortando,
ele dizia ansim, saluçando e chorando,
oiándo bem na pomba que tinha na mão:

— “Ela tinha reizão ... Ela tinha reizão ...”

Côs cabelo arripiádo
e as feição deferênte,
ele vortô pra casa aguniádo
e ficô ansim doênte !

Desde ahí nunca mais quiz sabê de caçá !

Quando o Antônho Diodáto acabô de contá,
o Compadre Zé Elía
passô as côsta da mão nos óio que iscorria,
guspíu de banda o fumo que tava mascando,
oiô firme em nós tudo, e disse gaguejâdo:

“Paixão de caçadô
só o sojêito morrendo é que se acába ...
É duêça mais brába
que os suspiro de boi no matadô !”

A BÚCHA...

Bem diz que um dia é da caça
e o ôtro é do caçadô ...
Tambem não tinha nem graça
si só a gente querendo
tudo de bão fôsse tendo
sem se moê no trabáio ...
Pois se inté nas árve os gáio
não dão frúita sem dá frô ...

Não ha fogo sem fumaça ...
si ha frío tambem ha calô ...
Porísso um dia é da caça
e o ôtro é do caçadô !

Muitas vêis o anzó campêia
drênto d'agua o que pegá,
pra despôis ví se inroscá
bem no cantinho da orêia
do tá que invêis da taraíra
só pôde pescá a caguíra !

Nhô Gigíca, que varáva
somána intêra caçando,
muitas vêis, quando vortáva,
vinha cô'as mão abanando !

Uma vêis (quando ele cônta
a gente intópe de rí) !
topô um bando de quatí,

que era prôs gáio, pras pônta
dos cipó, quatí quaiáva
que inté co'as fôia tapáva ...
— Que nem formíga que tão
assanháda, em curreição !

Nhô Gigíca ia iscoiêndo :
— Aquêle, não, é piquêno ...
aquêle ôtro é mais maió ...
Pêgo três num tiro só ...

Nho Gigíca magináva
e os quatí se atrupeláva !

Iscoiêu, fêis pontaría,
maiô fogo ! A quatzáda
inté dava gargaiáda
proquê nenhúm não morría !

Acabô co'as munição,
inté fêis calo nas mão
de tanto maiá varêta ...
E os quatí quando caía
de um por um tudo sumía
que nem arte do capêta !

Lôco de réiva, bufando,
garrô a ispingarda prô cano,
maiô a corônha num tôco !
E chegô em casa tão brábo,
que nem que visse o diabo,
chorava inté de tão lôco !

Quem pagô o pato foi a póvre nhá Dedéia ...

Ela, naquele dia,
sem maginá a bestêra que fazia,
rasgô uma saía véia
e deu pra ele levá de búcha na caçada !

Foi a conta ! — dexô a ispingarda istraviáda !

Proquê trapo de rópa de muié
póde sê muito bão pra enxugá os pé,
ô pra amarrá ferida ...

Feito búcha ele deixa a ispingarda perdída ! ...



Sabiá-Colêra

SABIÁ - COLÊRA...

*(Para o Cicero Marques, gloria da aviação brasileira,
grande espírito e grande coração)*

De premêro ele foi levado do capêta !

Diz que tinha o custúme
de fazê apôsta intê côs vagalúme,
pra vê quem que podia
nas noite mais iscúra e mais brába de prêta,
andando a pé, deprêssa, ô devagá,
— intê mesmo avoándo —
achá o que tivêsse mais longe, iscundido ...

Parícia mintira ! Ele pegáva, ía,
campeáva e incontráva as coisa que quiría,
pra despôis roncá papo de não tê pirdido
as apôsta mais lôca que fazia,
i acabáva ganhando !

Era triste de artêro !
Ispiculáva túdo,
dava difinição em tudo o que ele vía,
que intê ás vêis parícia
que ajuntáva e isprimía o mundo intêro,
ponhava ele intrínho drênto de um canúdo,
e garráva a ispiá, dando risáda !

Eh, criatúra leváda !
Pintô a saracúra ! Nunca teve medo
nem nunca andô cô coração azêdo ...

Tinha mais força do que um boi de carro
que tópa quarqué isbárrro
e ainda impóla o peito ...
— Quando ele dizia “eu faço”, táva feito !

Uma vêis ele viu um gavião avoando
e ficou co'as idéia quente, trabaiándo,
pensando e maginando
como é que póde sê que um passarínho atôa
chegava intê no céu, quando quiria avoá,
só mexêndo cô'as aza ...
E ás vêis uma pessôa,
só pra móde pregá um papé de figura
na parêde da casa,
percisáva uma iscada bem sigúra ...

Levô pensando nisso, maginô,
fêis as cônta, iscrevêu, torná a riscá,
de repente pulô,
dançando o miudínho,
botô o bocão no mundo e cumeçô a gritá:
“Tá certo ! É isso mesmo ! Eu tambem vô
me virá em passarínho !
Quero tambem avoá taliquá bêja-frô !
Patatí ... Patatá ... patatí ... patatá ...”

Sei dizê que arranjà
um baduláque desses que rônca no á,
taliquá mamangáva rudiándo a frô,
se batizô e crismô de avoadô;
amuntáva despôis no bicho roncado
e garráva avoá pra lá e pra cá,
que éra vê um taperá !

Foi adônde quiria ...

Mas um dia
que São Pedro acordô

e que botô primêro o pé canhôto
quando pisô no chão,
e prô má dos pecádo o café foi no isgôto
em ponto de tapá a suspiração,
vendo ele apostá co'as nuve que passáva,
pra vê quem que chegáva
e que ascançáva a mais maiô artúra,
mandô garrá uma abôbra bem madúra,
e apinchá no aparêio macriádo,
que ja tava incostando,
e intê furando,
o fôrro branco de argodão arvejádo
que eles bótam por fóra do céu, isticádo,
pra apará as istrêla que se despencá,
pra elas não se perdê !

Nem não quêra sabê !
Quando a abôbra caiu bem no focínho
do bicho avoadô,
ele pinoteô,
perdêu o requebrado e se apinchô
que nem lambarizínho
que despêncá do anzô, quando a gente chasquêia,
avôa e vái caí se mexêndo na arêia ...

Intão o cavaiêro que tava amuntádo
no bicho avoadô,
que no á se virô
em potro redomão, passarinhêro,
que istranha o domadô
e saí desimbéstádo,
se machucô, sumíu, foi se tratá,
e desde essa hora então
pegô e largô mão
da cisma de querê sustená cô custúme
de apostá côs gavião e os vagalúme
pra vê quem era mesmo o maiorá
de ganhá na avoação ...

Ele hoje dá um grito pra recordação,
ela vem la de longe, chega bem pértnho,
e os dois intão cumêça a cumbersá baixinho
que nem irmã cô irmão,
quando garram desfiá, devagazinho,
o rosário que tá no coração...

Ele então fica ispiando a vida, tão contente,
que fécha os óio, e sonha, de repente,
que os anjo vão levando ele cantando
taliquá um passarinho...

.....

Prô falá em passarinho, garrêi me alembra
de um sabiá-colêra
que quando eu era moço fazia eu pará,
só pra móde iscuitá
quando ele garrava a cantá, sem pará,
nos gáio da aruêra...

Tinha uma aza quebrada
de argúma pelotáda
que decérto tomô;
a aza dêle ficô
imendáda e curáda,
mas ele não podia
voá pra longe como ele quiria...

Intão ele ficava sempre na capuêra,
perto do pé de aruêra...

A gente véia tuda do lugá
dizia que o sabiá
garrô esse jeito assim de cantadô
só despóis que ficô
co'aquéla aza quebráda!

Que de primêro não cantáva nada;
só avoáva... não tinha tempo de cantá...



MUNDO TORTO

Tá vendo um mastro largado,
cô santo disfigurádo,
que nem se inxérğa o retrato ?
Ahi morô nhô Ascáno ...
Ja tá fazendo três ano
que ele istorô cô Donato !

Desde o cungóte do morro
inté o córgo do Socôrrô
éra dele — um sitio só !
Amóde que tô inxergando
o póvre passá chorando
côs sordádo ... Dava em dó !

Tinha um sitio que era um brinco !
Cavalo bão tinha uns cinco
e umas déis vaca leitêra ...
Tá vendo a cerca no chão ?
Isso foi pasto, um pastão ...
Óie os moirão da portêra !

Pois aqui nas redondêsa,
tirando o "Santa Terêza"
não tinha ôtro sitio iguá !
Nhô Ascáno não descañava !
As róça dele brilháva ...
— dáva gôsto a gente oiá !

Pois é... o Capêta amóde
que desmancha, prô pagóde,
a aligria de um cristão...
Quem havéra maginá
que isto tudo ia acabá
largado nêsse matão ?!

Bem diz que o mundo é uma bóla;
uma creatura róla
que nem pédra pras bibóca...
A gente as vêis tá contente,
sem sabê que de repente
a vida vira em passóca.

O irmão do Pedro Pasquá
cêm conto queria dá
por isso aqui, ocê tá vendo ?
Nhô Ascáno não quiz vendê !
Agora intê dá dó vê !
O mato é que tá cumendo...

Tá vendo ali os dois istêio ?
É do minjôlo, tá feio,
desmanchado, sem gaméla...
Óie a bica... póvrezinha !
Era ahi que a Bastianinha
lavava os pésinho déla !

Quando nhô Ascáno enviuvô,
a Bastianinha ficô
minininha de uns déis ano...
Mas era que nem muié...
na casinha de sapé
era a santa de nhô Ascáno !

Bastianinha cusinháva,
lavava rôpa, arrumáva
a casa — só se ocê visse !

Sabia lê e iscrevê carta...
Supríá devéra a farta
da defunta nhá Craríce !

Foi crecêndo, se incorporando,
quando garrô os quinze ano
ficô um istrôndo de môça !
Nóis achava graça e ria
quando nhô Ascáno dizia:
— "Minha bunéca de lôça" !

Tudo acuntéce. Veio o Zacaría,
cô Bedito Tomé, e o Zé Izaia,
prantá argodão prô conta do Donato;
tuda aquélas baxáda dos Veádo
mexêram e arremexêram côs arado...
Deixaram o chão que nem fundo de prato !

Tudo o dia chegava camarada
pra se ajustá; saía bordoáda,
quase mataram o Bastião Canfrô !
Êta gentinha rúim, má procedida,
mais pió do que casca de ferida...
Gente que o Satanais fêis e largô !

De noite, lá na venda do Angilúque,
se juntavam, pra móde jugá o trúque,
pra êles o zápe era bala e cacête !
Uma vêis que o vendêro se increspô-se
fizêram ele comê sabão cúm dôce
e bebê criozêne cô anizête...

Nos domingo inventavam pagodêra,
cúm barúio, sanfona e bebedêra,
debochando das moça do lugá,
tudo só proquê as moça nunca ía
nos fandango que os tá sempre fazia
isperando que as moça fosse lá !

Diz que o Donato intão tava assanhádo,
falando ahí que andava apaxonádo
prô uma moça que o nome tinha um "B";
preguntavam quem éra, ele caláva ...
— a Bastianinha é que ele cuviciáva !
— nem percisáva mesmo ele dizê ...

No casamento do Manéco Osório
nhô Ascáno e a Bastianinha
tivéram na festança do casório
proquê ela era a madrinha ...

Eu tava inté pra í, foi um festão !
Mas um bicho arruinádo
no sabúgo da únha do dedão
quáse deixô eu leijádo !

Diz que quando o pessoá táva dançando
o Donato chegô
co'a turma dele, e foram logo entrando ...
o povo não gostô !

Tudo êles, sem vergonha, descarado,
prô despique ô vingança,
amóde inté que de cáuso pensado,
se meteram na dança !

As moça não ficaram sastifêita;
foram inté prô quintá !
Despóis, pra não fazê maió desfeita,
resorvéram dançá !

Donato tirô logo a Bastianinha,
dançô co'êla apertado !
Diz qu'êla tava muito bonitinha,
c'um vistido rameádo !

Vorteando, o canaião juntava éla
e apertava demais !
Bastianinha tava inté amaréla ...
— óie se isso se fáis !

Diz que a póvre depois ficô vermêia
proquê ele assuspirô
quarquê bobáge pra ela, nas orêia,
que só ela iscutô !

Me contaram que inté deu que falá !
Donato e a Bastianinha
não se largaram mais: foi só dançá
tuda a festa interínha !

Nhô Ascáno táva alegre, cumbersando,
tinha bebido um pôco,
mas quando viu a fía namorando
ficô inté meio lôco !

Diz que chamô éla e disse carrancúdo:
— "Bámo imbóra, dormi" !
E falô prô Donato:
— "Eu sei de tudo,
seu feição de sagui" !

O Zé Izaíia logo foi chegando
cô Bedito Tomé,
medindo de arto a baixo a nhô Ascáno ...
— táva armado o banzé !

A muiêrada, ché ! — desimbêstô-se
quando a piúva cantô ...
Inté a noíva caíu, se machucô-se,
diz que foi um cramô !

Quando a briga acabou, nhô Ascáno táva
caído na cozinha;
e o Donato — veiaço ! — galupeáva
levando a Bastianinha !

Choverá hoje ? O só tá que tá ardêndo ...
Só, vida e chuva são três coisa cêrta:
muito calô — chuva tá prometendo ...
muita alegria é lagrima incuvérta !

Criança as vês amóde que adivinha:
minha fía mais véia, a Jinuára,
uma noite sonhô que a Bastianinha
fisgô o pé num istrépe de taquára ...

Não vê que o sonho quase deu derêito ?
O istrépe era o Donato — coisa atôa !
fugiu co'êla ... Vêja que sojêito !
Pra se amigá ... coitada ! Ela tão bôa ...

Largô as prantação côs camarada,
nem não pagô a ninguém ... o Zé Izaía
diz que ainda andô levando umas facada
pro querê se metê cúm valentia ...

O agordoá ficô tudo perdido
no matagá ... Não viu ? — virô capuêra ...
E o coisa rúim intão andô sumido
co'a moça que robô pra cumpanhêra ...

Pois entre a vida e a morte andô berándo
o póvre do nhô Ascáno ...
Nhá Isóra, a muié do Vicentinho,
diz que um dia interinho
a véla não saiu da cabcêra !

Chegô intê a tê cancêra
e os óio invidrá, que nem difúnto !
Ele padecêu muito
quase três mês no fundo de uma cama !
Intê um dotô de fama
veio, viu ele, e disse que morría !

Pois não morreu ! — ainda me alembro o dia
que passei por aqui,
se encontrei co'êle, cumbersêmo e vi
como tava acabádo,
com um jeito ansím amóde amalucado,
se rindo sem querê !

O mato tava quase pra lambê
as parede da casa ...
É ansím mesmo a vida ... quando atraza
não é fáce ajeitá ...
nhô Ascáno largô intê de trabaiá !

Pra ele cumê — nhá Isóra é que contô —
pediam prô favô !
Diz que oiáva pro prato, assuspirava,
despóis então garráva
sem vontade nenhuma na cuié ...

Inquanto isso Donato, o lucifê,
injoádo da mocinha,
pinchô na istrada a póvre Bastianinha !

* * *

Foi num São João; debáxo de geáda
éla chegô moída de cançáda,
veio pedi perdão ...
O véio abraçô éla, saluçando,
e as lagrima dos dois, se debuiándo,
cortava um coração !

Diz que ele preguntô:
— “Cadê seu hóme” !

E ela contô:
— “Me judiô de fôme
e se sumiu, o canáia” !

Ele tornô a chorá, cúm pena déla,
e disse:

— Vá la drênto; na panéla
tem feijão cúm serráia !

Ela parô, amóde invergonhada ...
Ele intão, vendo a fía atrapaçada,
garrô no lampeão,
ponhô em riba da meza e foi trazendo
tudo o que tinha e deu pra éla í cumêndo
cô resto de feijão ...

Despóis, fingindo tê muita aligria,
tambem garrô a cuié, fêis que cumía
da comida da meza.

E inquanto Bastianinha ia ceándo
tudo o jeitinho déla ia oiándo
moído de tristeza !

Vendo éla, ele via nhá Craríce
quando antes de morrê
chamô ele e disse:

— “Éla só tem ocê ...

Mórre a mãe ... fica o pái ... não tá sózinha;
faça tudo prô bem da Bastianinha ...
não dêxe se perdê” !

Ele sentiu um nó, que nem uma dô,
que subiu na garganta, e intê travô
os ôsso do queixá !

Teve vontade de saí correndo;
mas ficô como tava: quiéto, vendo
Bastianinha ceá !

Despóis que éla cumêu não se falaram;
mas oiándo um bem no ôtro, os dois ficaram,
diz que bem um tempão ...
Ele intão disse:

Se ocê tá cúm sôno,
sua cama tá ahí ... inda tá sem dôno ...
E apontô cô'a mão.

Ela pediu abênça, levantô-se,
e foi deitá. Dormiu nem bem deitô-se
tão cançada éla tava !
nhô Ascáno ainda ficô quiéto, pensando ...
quantas côisa decérto maginando ...
'móde intê que sonháva !

Quando o ôtro dia tava crareándo
éla fêis o café, chamô a nhô Ascáno,
cançô de campeá !
Ele ja tava longe, néssa hora,
galopeando o lazão que é meu agora,
lôco pra galopeá !

Cortando atáio, andando intê prôs mato,
prô tudo lado campió o Donato,
intê topá o sojêito
numa venda pras banda do “Retiro”;
chegô, nem cumbersô: — foi só dois tiro,
que foi mesmo de jêito !

Tá na cadêia o coitádo;
diz que ja foi cundenádo ...
o sitio virô sertão !
Pra móde ele tê uma ajúda
venderam as criação túda ...
foi quando comprei o lazão !

Não sei proquê os animá
sente as coisa taliquá
uma pessoa quarqué...
O cavalo andô doente,
sentiu que nem fosse gente,
pensei que morresse inté!

.....
Diz que o irmão do Donato, um fazendêro,
tem moído um dinherão pra vê nhô Ascáno
cundenádo a trinta ano...
Na prisão ele véve o dia intêro
triste, pensando como o mundo é tórto...
Quarqué dia tá morto!

A Bastianinha, nos comêço, ia
nos domingo vê o pai, despóis largo!
Agora se amigô
cô Zé Rozêndo, e isquêce inté que é fia
criada que nem moça de famia!

Dá inté réiva vê a Bastianinha,
tão nova e bonitinha,
c'um mulatão daquêle ficá amiga!

Bem diz o povo que a mió ispiga
o porco é que mastiga!...



Istrilinha do Trem

ISTRELINHA DO TRÊM...

(A bôa amiguinha Srta. Irma Simoni, generosa e incondicional admiradora da minha arte)

Quando a gente não tem o que fazê,
e tá quiéto, parádo,
o pensamento vai pra longe, soparádo ...
I adônde que ele vai fica tão costumádo,
que é perciso brigá
pra ele vortá ...

Decérto o que ele inxérga é tão bão de se vê
que ele qué ficá lá,
pra não pará de oiá ...
Si é ansim, tem reizão ... Vortá pra quê ?

O pensamento ás vêis tambem gárra pulá,
frissúra e regatêro,
que nem caxinguelê,
que se apíncha de um gáio de jaracatiá
num gáio de ingazêro ...
Com dois sarto mortá e três corcóva
púla nos gáio de uma guaviróva ...
Ascânça num pinóte um cambuí;
dança nos taquari,
e nos cipó comprido de maracujá ...
E que nem lôco vái pulando sem pará,
mais pió que saci !

Os óio, ás vêis, ajúda o pensamento avuá;
oiándo ás vêis numa coisinha atôa,

vira a idéia da gente em pendão de tabôa
nas ponta das varêta, no brejá,
que quando o vento dá
garra a se desmanchá,
se despencando no á,
pinoteando prô riba do córguinho,
dando sarto mortá prô riba do arroizá,
inté que nem se vê: — fica ansim, miudínho ...
Mas não pára — vái indo, vái avuândo,
prôs sapezá e prô mato se ispaiândo ...

Ônte, de tardezinha, eu táva na istação,
na venda de nhô Júca,
pra móde vê se achava um bocádo de açúca
i três pão de sabão,
quando o ispréso chegô.

Nem malemá amuntô
a gente do dotô,
sortô um bérro lóco e saíu se arrastando,
ispirando fumaça e faísca prô canúdo,
fungando braza prô nariz pontúdo,
e gritando, fanhóso, que inté me assombrô:

“Eu vô ... eu vô ... eu vô ...
eu vô quemá
tuda as lenha que huvé
nos matagá ...
Não dêxo um páu em pé ! ...”

E as brazinha no á,
dançando e se mexêndo,
era que nem que fôsse um bandão de istrelinha,
bonitinha e miudínha,
vorteando num catíra ô num cateretê,
que dava gosto vê !

Meu pensamento então virô caxinguelê ...
Eu, sem sabê proquê,

virei menino,
desses um bem levádo e bem ladino,
do chifrinho furádo,
que fáis o pái fica cô coração geládo
e deixa a mãi malúca !

Intão no pensamento eu ponhei um anzó,
um laço de cipó
e uma arapúca,
só pra móde caçá,
co'a sodáde que veio logo, me ajudá,
lá longe adônde tá pra nunca me ascançá,
tudo de bão que a vida ja me deu
e que já se perdeu,
e também pra eu pegá
tudo de bão que éla ainda tem pra dá !

Istrelinha do trem ! — ocê é iguazínho
as coisa que eu perdí,
que me fugíu das mão sem eu sentí !

Istrelinha do trem ! — ocê me fáis lembrá
tudo o que eu nunca mais pôsso ganhá !

Istrelinha do trem ! — não súma ! Eu tô le vendo !
Pára, istrelinha, pára ! Não vá imbóra !
Ara, istrelinha ! Agora
é que eu tava derêito comprendêndo
tudo o que ocê pulando ia dizendo !

Pruquê ocê se sumíu ?
Pruquê ocê s'iscondêu na iscuridão ?
Pruquê é que ocê fugíu ?
Que ingratiidão !
.....

Bão; dêxa vê se arranjo cô nhô Júca
um bocádo de açúca
e três pão de sabão ...

A ISTRADA, O BRÉJO E A PONTE DE UM PAU SÓ...

Pác... pác... pác... pác...
êh, gostusúra!
Que nem ponteado é o báque
da ferradúra!

E o tordífo vai marchando
cúm tanta fé,
que amóde que vai cantando
e maiándo os pé...

Córta atáio, vára istrada,
sóbe ispição,
que nem fôgo na roçada
cúm vento bão!

A gente as rédia bambêia
pra maginá
que quem diz que a vida é feia
deve apanhá!

Pra frente, de banda, em róda,
só se vê frô!
Inté fáis lembrá da móda
do cantadô,

que diz:

“A vida e o trabáio
é iguá a rosêra;

carréga ispinho nos gáio
mas ás vês chêra”!

Pác... pác... êh, gostusúra!
Inté o alimá
fica mais bão de andadúra
pra viajá...

Inté o só, prô desafôro,
sái das cuvérta,
e amóstra os dente de ôro
cô'a boca abérta...

Um galo canta, perdido
lá nas baxáda...
se iscúita longe o latido
da cachorrada...

Uma portêra que ringe
e bate: “Baá”!
Que nem arguêem quando finge
que qué brigá!

Na cerca de arame frôxo
tá ansím de anú...
e no pasto um tôro môxo
berrando: “Múú”!

Bem no terrêro, parada,
a moça ispia;
mas de cabeça abaxáda
me diz “bom dia”...

Acompanhando o caminho
o córgo passa;
do terrêro do ranchinho
sóbe a fumáça...

Três caçadó, cós cachorro
incoorentádo,
vão subindo a arto do morro
campiá veádo ...

Passa o vento, assobiando,
que nem sací,
levando as frô, pinoteando,
inté caí !

E o tordíio sóbe e déce ...
Eh, viáge boa !
Inté a gente se isquíce
que as hóra vóa ...

Nas fôia a puêra se incráva,
gróssa e vermêia,
taliquí quem não se lava
drênto da orêia !

Cô só que já tá bem quente
o mato istrála,
que nem rêio quando a gente
saquáia a tála !

De repente o chão da istrada
vira areão,
E o alimá muda de toáda,
fica trotão ...

A gente risca as ispóra
meio amuádo;
óia o só, magína as hóra ...
Areão danádo !

O casco afunda que sóme
inté o artêio !

Agora a prêssa co'a fôme
acordô e veio !

E o córguinho atôa que vinha decêndo
não é mais aquele córguinho piquêno,
proquê no caminho ficô mais maiô ...
Um brejá danádo formô nas baxáda !
Sô se vê tabôa de fôia empináda,
côs pendão vermêio secando no só !

No rumo da istrada ficô mesmo um rio,
e a ponte que tinha decérto caiu
proquê só tranquêra ficô no lugá ...
Quem é que astrêve passá em riba déla ?
E um hóme a cavalo não passa em pinguéla ...
Ói só o que o Capêta cismô de arranjá !

Passá cô tordíio prô brêjo dá medo;
se o pôvre se afunda nargúm atolêdo
nem déis boi puchando não tira ele mais !
A noite tá vindo deprêssa chegando,
e a idéia da gente, cô sangue isquentando,
não dá nem vontade de vortá pra tráis !

E a gente resmúnga, coçando a cabêça ...
não ha uma arma quarqué que aparêça,
não se vê prô pérto nenhum moradô !
Zangado, guspíndo de banda na arêia,
a gente só pensa nas coisa mais fêia
proquê de bonito ja tudo acabô !

Os sapo no brêjo, fazendo caçoáda,
amóde que púlam, que dão gargaiáda,
que sórtam foguête vendo a gente ansim ...
Ja tá iscurecendo ... o só tá sumído ...
cô coração triste, tremendo, encoído,
se iscúita la longê chorando o "Sem fim" ...

Que nem que a gente e o animá
cançásse de sê bocó,
se vê despóis que é bobáge
querê continuá viáge,
teimando em querê passá
numa ponte de um pau só !

E a gente fica pensando:
atravessá mais praquê ?
De noite só prós curiángo
que na istrada fáis fandango ...
Mas pra quem vái viajando
que graça que pôde tê ?

Se em vêis das rédia eu pegásse
uma violá na mão,
ponhando a réiva de lado
eu riscava no ponteádo,
e inquanto a vóis me ajudásse
cantava pra esse mundão:

“A vida é iguazinho a istrada
que o meu cavalo passô;
tem buniteza ispaíada
que nem num ramo de frô ...”

Máis éla pôde sê bôa
inquanto não fô brejá,
proquê as frô da tabôa,
que a gente vê tão vermêia,
ficô ansim cô de têia
de tanto éla suspirá ...”

Porisso é que muita gente
de repente
de rôla vira em socó ...
Só ansim pôde passá no brejá
e na ponte de um páu só !

CÉGO DE AMÔ ...

A Maria do Antónho “Masca-prégo”
quando incóntra co’um cégo,
se bënze, óia pró céu, réza baixinho ...
Amóde que tem medo dos céguinho,
ô medo da ceguêra ...

Me deu em dó vê moça tão facêra
ansim dessa manêra !

Nôtro dia que eu táva de venêta,
na istrada do sitio do Lulú Baêta,
ascancêi éla pérto da portêra,
e só pô brincadêra
apreguntêi ansim:

Maria, esse medão
que ocê tem dos coitado dos ceuguinho
que tópa no caminho,
proquê é? Deve havê uma reizão ...
me conte só pra mim !

Os óio déla se istanhô nos meu,
despóis me arrespondêu:

“Tenho medo, não négo” !
—Medo de que, Maria? Ocê é criança ...
Medo é bobáge ... judiação ... lambança ...

“Mas tenho medo, ué” !

Despóis baxô a cabêça, oiô prôs pé
e assuspirô

—“Diz que o amô é cêgo”!

Quando éla alevantô a cabecínha
de pombínha sem fé,
duas lagrimazinha
tão bonitinha,
sem éle nem sentí,
veio rolando, veio vindo, inté caí
bem no cantinho da boquinha
de Maria!

Intão desde esse dia,
— êta agonia! —

(meu Nosso Bão Jesúis! Prôs quinto! Que os barrêu!)
quem pra morré de amô tá faltando bem pôco,
e vive quáse cego e meio lôco
pra casá co'a Maria,
sô eu!!...

FOI CASTIGO...

Abênça, tíu!

— Deus te abençõe, Pedrinho!

Ué! Ocê acordô hoje cedinho

pra ví aqui em casa... que é que acutecêu?

Entre, tóme um café... Ocê tá branco!

O que ha rapáis? Me conte, sêje franco...

— Tíu Juca, é que... a Bidíta deixô eu!

— A Bidíta?!

— É verdade...

— Oriêssa! Conte

o cáuso como foi; ainda tresdônte

eu falei co'êla e caçoêi de ocêis...

— Não fale néla, tíu! Éla é uma... eu mato,
líquido os dóis como quem mata um pato...

— Os dois?

— Os dois: éla cô Zê da Inêis!

— O Zê da Inêis?!

— Ué... Intão não sabia

que eles fugiram?

— Eu não!

— Eh, porcaria

que eu vô fazê! Ara se faço! É agora

quando os dois vim vortando, ja casado;

istóro co'êla e aquele impalamádo,

meto a cara no mundo e vô m'imbóra!

Porisso, tíu, eu vim me adispídí;
mecê faça de conta que eu morri,
e só aminhá conte o cáuso a meu pai...
Quando a gente tá ansim meio malúca
loquêce de uma véis! Adeus, tíu Juca!

— Pedrinho, espére ahi, ocê não vae!

— Eu vô, tíu...

— Não! Não quero que ocê vá...

— Tíu Juca...

— Apêie, bámo cumbersá,

é cumbersando que se entende os hóme...

— Eu não quero cumbersa!

— Mas eu quéro!

Como diz sempre nhô Joaquim Leotéro,
quem não cumbérsa em vida se cunsóme!

Ocê tá aguniádo? — eu aquerdíto...

— Tô pra morré!

— Mió! — falô bonito!

A Bidíta foi rúim?

— Não fale néla!

— não falo mais... Chi! — mas ocê é igigênte...

não falá na Bidíta! — póde a gente

fazê o angú sem pegá na panéla?

— Não zômbe, tíu!

— Ocê tá bôbo... Oróra,

faça um café pra nós... Sente; eu agóra
vô le contá umas coisa, vá escuitando:

O que ocê tá sentindo hoje, Pedrinho,
tambem senti quando eu era mucínho...

Fiquei cô coração aguniando...

A minha história ocê não sabe! Quando

eu tinha a sua idade, uns vinte ano,
ansim como ocê tem, fartava um mês
pra me casá; eu tava alégre, um dia
minha noiva dexô eu... Éta agunia!
Casô co'ôtro... tá quá a Bidíta fêis!

— E mecê não matô os dois tratante?

— Matá... matá os dois... Mais adiante
ocê vai vê se eu tive juizo ô não!
Passô o tempo... isquici...

— Não viu mais éla?

— Éla?! Sua mãe: difúnta Gabriela...
Ele, o Chico... seu pai, e meu irmão...

— Tíu Júca, isso é verdade?!

— Qué que eu jure?

Pedrinho, a vida é ansim... Ninguem percúre
o que não póde sê nunca da gente!

Assucégue, ocê foi quáse assassino...

E ocê tá vendo? A cúrpa é do destino...

Bámo tomá o café que ja tá quente...

Ora! Ocê tá chorando? Ocê é criança!

Quem chora é lenha verde, prô lambança,
proquê as lágrima déla o fogo apága...

O que se deu c'ocê, se deu comigo!

É um ezêmpre da vida... foi castigo...

Os pecado do pái os fio pága!...

...BICHO NÃO CÔME!

(Para o Desembargador Paulo de Oliveira Costa, coração amicíssimo de caboclo, na festa íntima pela sua promoção)

Diz que Nosso Sinhô demóra um bocadinho,
mas não érra o camínho,
nem nunca farta adônde qué chegá
pra intregá os presente que êle tem pra dá!

Bem os mais véio diz que não dianta nada
a gente andá cõ'a idéia quente e arvorocáda
que nem içá — bitú;
nem não dianta a gente se virá
em galinha que tá cúm gôgo, jururú,
que óia triste pró chão e pérde a fôme,
proquê as cõisa que tem de sê de um hóme
bicho nenhúm não côme!

O ezêmpre ta ahi: Dotô Pólo isperô,
pra não cançá co'as pérna pegô e se assentô...

Nosso Sinhô, do céu, viu como êle ficava,
viu que não se azedáva nem batía o pé,
e isperáva quiétinho, sem perdê a fé,
e achô bunito vê como êle táva,
que êle não se zangáva nem se arrimináva,
e maginô fazê
essas coísa bunita que foi contecê!

Depóis intão São Gabrié chegô,
bateu papo um tempão com Deus Nosso Sinhô
e se sumiu, avoô...
Mas viéram São Cipriano e São Tumé,
que nem pomba, avoando, fazendo tropé,
e ahi intão Nosso Sinhô falô:

— “Eu quéro que ocêis mande hoje la pra báxo,
na garúpa do vento númbro dezanóve
(que galopêia bem, sem barbicácho
e não pára na istrada nem se chóve)
o meu presente que eu pensei de dá
pra aquele juiz lá da minha istimação”!

E apontô cô dedão
o Dotô Pólo Costa ainda vistido
de batinão comprido,
c'uma faxa bem largá na cintúra, em vórta,
co'úm fivelão grandão que nem tranca de pórtá...

“Proquê esse juiz (êle garrô falá)
as senténcia que dá
é tirada da lei mais dirêita que há,
a lei de coração,
que sabe e nunca érra
quem tem reizão ô não;
e que acérta justínho, taliquá quem réza,
quando méde pra dá, óia o tamanho e péza
a justiça da terra”!

“Que êle sêje tambem um dizimbargadô,
pra móde semeá o que sempre semeô!”

“Que êle sêje, cos ôtro companhêro,
um juiz verdadêro,
iguá co'esses juiz e dezimbargadô
que sabe sê juiz e fazendêro,

que trata das criação,
proquê os bão juiz deve sabê zelá
da justiça e da lei também dos animá
iguazinho a justiça dos cristão"...

"Que êle sêje um juiz bão prantadô
que nem esse ôtro dezimbargadô
que prantô laranjêra em Santa Branca,
só pra módê ficá oiándo a briga
dos pé de laranjêra co'as formíga,
que, quando dão nas prantas, élas inté arranca
as casca e as pelánca ...

E o dezimbargadô intão quando vái lá
garra a istudá dirêito a quistá pra jurgá
e vê quem tem reizão,
se é as formíga ô se é as prantação,
pra dá a opinião:

— "Isso é cáusa pirdída" !
E táca furmicida !

"De quarqué geito êle que sêje bão,
que não apinche fóra nunca a istimação
dos cabôco miudínho taliquá nhô Bento,
nem que não fique nunca cô arrependimento
de tudas côisa boa que ispaio
e que ainda ha de ispaiaá,
proquê quem chega a sê um dezimbargadô
quando fécha e ajúnta os dedão de úa mão,
dexando éla incoiída pra não dá a reizão,
abre a ôtra pra dá" !

"Bámo vê se nós fáis esse juiz
côs companhêro dêle sê muito feliz" !

.....

Quando Nosso Sinhô acabô de falá,
um padre bem véinho veio, devagá,
se ajueio e cumeçô a rezá ...

Ahi então nessa hora
o céu intêro amóde que se alumiô
e se rindo chegô
Nossa Sinhóra,

— Nôss'Siôra do Rosario, co'as mão saquaiándo,
que nem madrinha quando tá abençoando !
Chegô rênte do padre que tava rezando,
bateu no hómro dêle e foi falando:

— "Ói, aqui, Padre Chico, quem mecê qué bem,
eu quero bem também !
O Dizimbargadô Pólo Costa é dos meu...
dêxe dêle se alegrá co que êle merecêu" !

Diz o ditado que o que é d'um hóme
bicho nenhúm não cóme !

NÃO VIU O VÉIO...

Quando nós dois se viu, e éla pinchô pra mim
uns óio de querê gostá de uma pessôa,
eu garrei suspirá, garrei gemê atôa,
e intão, no meu pensá, eu maginei ansim:

Se éla me qué querê proquê não íde agora
aporveitá tambem a pinchá o meu fitiço ?
Mas o meu coração dizia: — “Dêxa disso ...
muiê não é bicho bão ... larga mão ... vá s'imbóra !”

Quá o quê ! Não registí os óio da cabôca !
Garrei a bambeá, que nem gente malúca,
como um nambú chorão eu caí na arapúca
que pra está junto co'éla as noite era tão pôca !

Tramêmo uma paixão tão grande, tão danáda,
que cheguei a pensá que táva lóco — é certo !
E uma noite eu não vi que o véio tava perto
e convinêi fugi co'éla de madrugada !

Nhô Tico, que é manhoso, só tussiu pra drênto ...
Eu fiquei fríu de néve e tremí, de pagóde !
Que animá que fui eu ! Proquê não oiêi pra móde
vê se ali tava arguê ? — êta arrependimento !

Não tem nada — eu pensei — agora é isperá o tranco ...
Meu tordío tá ahi ... tá ferrado de novo ...
E o se o práino gorá, que nem pinto no ovo,
as paquéra de bóde de nhô Tico eu arranco !

Maginei ... maginei ... A moça tava quiêta,
só prô chão éla oiáva, triste, a póvrezinha !
Eu nem podia vê a cara que éla tinha
no susto que levô, só proquê eu fui patéta !

Cada uma que aconteçe a gente ! — eu maginava ...
Inté parêce déis ! E prô má dos pecado
eu inda nem vendí o mio impaioládo,
pensando que despóis mais dinhêro me dava !

Nisto a moça falô: — “Cumé, ocê morrêu ?
Não diz nada pra gente ? Crie coráge, hóme !
Parêce inté que viu sumbração, lubisóme ...
Eu tô quáse dormindo aqui nos hõmbro seu” !

— Mas falá o quê ? Não viu aquele satanáis
iscuitando o que eu disse pra ocê agóra pôco ?
Eu tô pra me mordê de réiva ... eu fui um lóco ...
Fui falá de fugi sem vê seu pái ahi atrásis !

Ela garrô se rí; se ríu, se ríu a péste !
Despóis me disse: — “Ocê assucégue ... Agora eu conto:
Da ôtra vêis que eu fugi cô Chiquinho Sirvéste
ele só me xingô de semvergõnha, e pronto !. . .



O Lubisóme

O LUBISÓME

Ocêis tão duvidando ? Os lubisóme
quando eles cisma de amolá um hóme,
pra livrá deles custa muito caro ...

Amóde inté que os tá sabe, prô faro,
dos lugá dônde a gente tá passando ...
Na incruziáda da Figuêra Branca
me ví e me dejejei ! Minha potranca
que é uma pomba de mansa, crocucô,
prô riba do pescoço me apinchô,
que a puêra do chão fiquei bejando !

Quando agrudêi nas rédia pra amuntá,
uví o barúio ... éra o saquaiá
das orêia do bicho ... Os meu cabelo
se riplô tudo, êh lasca ! Inté o pêlo
do animá ficô que nem palíto ...

E o tá veio chegando, vagazínho,
oiô pra eu, prô animá, trucêu o fucinho,
saquaiô o rabo, iscancarô a bôca,
mostrô os dente pra eu — êh, coisa lôca ! —
eu quiz gritá mas não saíu o grito !

E fiquêmo um tempão se namorando;
eu oiando bem nele, ele me oiando,
rezei uma oração, não diantô ...
Fiz o "pêlo siná" ele afastô,
mas eu errei, não fiz co'a mão derêita,

e o “coisa rúim” vortô... Deu três vórtinha,
como os cachorro fáis quando se aninha,
e deitô retirádo braça e meia...
Despóis oiô prô céu, pra lúá cheia,
e me încarô cúm cara de desfêita !

Mas ahí eu fiquei com mais coráge,
me deu réiva, eu não corro da bobáge...
intão ranquêi da cinta mi'a garrúcha
e gritei: — “Oce imbúcha, ô disimbúcha” ?
Engatiêi, puchêi ! — quá tiro nada !
A garrúcha intupíu... No desispêro
eu tremia que nem um maleitêro
proquê o lucifê ficô valente
quê nem leão... e istraláva os dente
mais brábo intê do que quarqué quexáda !

Eu dava púlo ansim, deste tamanho,
pra me livrá dos dente do diáño...
Uma hóra que ele quiz me atarracá,
mi'a potranca azulô no matagá
e me dexô sózinho cô ladrão !
Gramêi cô tá um pedacinho dúro...
Intê que eu gritei pr'êle: “Te iscunjúro !
Sêja quem fô súma prôs quinto já” !

Ahí ele murchô, garrô a uivá
triste, que retaiáva o coração !
Quando parô de uivá, dava dó vê !
Êle oiô pra eu, como quem diz: “Ocê
proquê me iscunjurô ? Mi'a sórte é esta...”
Coitado ! Eu sei que escunjurá não prêsta,
mas só fazendo ansim ficáva em páis...
Deus me perdôi se iscunjurando errei...
Afiná não fui eu que prevoquêi !
Despóis êle me oiô muito sentído,
como arguêem quando fica arrependido,
entrô drênto do mato e eu não ví mais !

Fiquei a pé; como eu tava contando
mi'a potranca sumíu; eu vinha andando,
inda pensando o cáuso que passô,
quando ascancêi o sitio do Dotô
topei cô meu cumpádre Zé Corrêia...

Contei o cáuso pr'êle, contei tudo...
Ele iscutáva, e tá, más tava mudo,
maginando decérto que eu mentia !
Eu que não minto e sei o que dizia,
fui ficando co'a púrگا atrás da orêia !

Intê que eu catuquêi: — “Cumé mecê
duvída” ? Ele me disse: — “Ê... póde sê...”
— “Póde sê, não, ariêssa ! Pois eu ví !”
Eu, que tava queimádo, intão ahí
xinguei a assumbração de tudos nóme !

Quando oiêi prô cumpadre êle choráva...
Dava dó vê como êle saluçáva !
Ahí é que eu percebí ! Quá ! — esta vida
ha de tê sempre história assim doída...

Era êle, o Cumpadre, o lubisóme !...

CISMANDO ATÔA...

Não sei não, mas quando a gente
qué gostá de uma muié,
fica amuádo, cuntente,
móde que fica duênte ...
garra a falá atôa ... Ché !

O coração pinotêia,
que nem burro redomão,
que inféza quando se arrêia,
e píncha a gente na arêia ...
— É um porquêra o coração !

Intão quando a muié é déssa
que só azéda um coitado,
proquê pra amá não tem préssa,
e acaba nem má coméça,
dêxa um hóme iscangaiádo !

Nos óio elas tem vinêno
de caçunúnga ... É o bastante
lumiá os óinho piquêno
pra um coração í remoêndo
e amalucá num istante !

E quando a muié é valente ?
Déssas uma que incha o papo,
múda de cô, ringe os dente,
mais brába que uma sorpênte ...
Um hóme pr'élas é trapo !

Pôis o Totónho Tissuíra,
que era um cabôco derêito,
casô co'a Rosa da Irvíra ...
Hoje, coitado ! — tá gíra ...
Apanha que não tem geito !

É porisso que nhô Afrêdo
diz que o amô é uma bestêra ...
que o amô só pró brincadêra,
proquê o amô sério dá medo ...
dói mais que dô nas cadêra !

Diz que primêro é o dejêjo ...
os dois só véve de abraço ...
Das boca fáis percebêjo ;
um chúpa o ôtro de bêjo ...
despóis ... só fica o bagáço ! ...

TRÊS CARAVÉLA...

(Para o Oscar Reinaldo Muller Caravelas,
industrial, estéta e sonhador)

Na Fazendinha Trêis Caravéla,
la em Santo Amaro,
a gente chega, botá repáro,
e é a mesma coisa que a gente ispiásse,
de uma jinéla
que o céu tivésse, e adônde a gente se adebruçasse,
pra vê os anjo inchendo as núve de frô e de fita,
e a lua cheia, taliquá moça muito bonita,
piscando os óio, dando risada,
e bicótinha pra aquele mundo de água paráda
que tá la em báxo, que nem ispêio prô só se oiá...

Falá a verdade,
a gente sonha que tá num sonho de qualidade,
sem tê vontade
de largá o sonho pra se acordá...

Na Fazendinha Trêis Caravéla quarqué pessôa
não anda, avôa !
O pensamento vai se trançando,
se vorteándo,
batendo as aza que nem pombínha,
igúá co'as núve mais ligeirínha,
e que nem fita vermêia, branca, rôxa e azuzínha,
que o vento fôsse mexendo nélas, balanceándo...

Desde a portêra, que a gente atóra pra pegá a istráda,
as frô e as fôia tão nas ramada

dando risada,
dando gritinho de criançáda,
que tão brincando,
pinoteando,
fazendo arte sem descançá !

Inté parêce que as Santa e os Santo, de vêis em quando,
do céu espiándo
a bunitêza da fazendínha,
vão se virando
em garça branca, pomba e andorínha,
e vem avoándo pra oiá de péрто
a fazendínha que se chamasse de "Céu Abérto"
não tava errado
nem era nome desageitado,
táva bem cêrto !

Na capélinha, Santa Eduvíge, que é milagrôsa,
fála baixínho, muito baixínho, e a fala déla
o vento ajúnta e vai levando devagazínho ...
E adônde passa crêce um raminho,
násce as rozêra cheia de rôsa
e os arvorêdo cheio de frúita, cheio de frô,
que ispícha os gáio verde e foiúdo balanceando,
pra í infeitando
os carreadô,
e o terrerínho
tão bonitínho
lá da capéla ...

Inté o nome "Trêis Caravéla" quem iscoiêu
(Ansím me disse gente que sabe mais do que eu) !
alembro côisa do tempo antigo e da valentia
de um hóme lôco que diz que havia,
que andô falando que se encontrasse
quem ajudásse,
ele amostráva como era fáce
descobrí terra sem dono ainda pra governá ...

O rês da Espanha sôbe do cáuso e mandô chamá o hóme que andava roncando papo que era pião, e disse pr'êle:

— “Oi aqui, moço, na sua mão eu bóto tudo o que ocê percisa pra viajá; co'a condição que tudas terra que ocê incontrá eu tómo conta pra fazê a Espanha a maió nação” !

E só pra móde vê se o sojêito não era guêla, pegô três barco de póрте grande, três caravéla, desses que anda só quando venta pra estufá as véla, garrô um pincé, moió na lata cheia de tinta, e foi ponhando nos barco os nome que ele queria ...

Fêis o primêro: ponhô o nome “Santa Maria”; batisô o ôtro com cinco letra formando “Pinta”, e ponhô “Nina” no úrtimo barco pra terminá ... E disse prô hóme:

— “Ta ahi os três barco, faça a viaége; Amóstre o mundo que o que ocê pensa não é bobáge ... Campêie as terra que só ocê sabe dônde élas tá !”

E o hóme valentão ajustô os camarada, viajô e encontrô tanta terra largáda que intê passô da conta que ele magináva !

— O rês da Ispánha é que se arregaláva ...

.....

A história tambem da fazendinha é taliquá essa historia, iguázinha, iguázinha ... Nhô Oscá Reinardo, que é o dono déla, taliquá o rês da Ispánha campeô e achô tambem três caravéla ...

Mas não manda a ninguem; ele sabe o caminho e porisso ele vai viajando sozinho !

Cô só, cô'a lua chêia, de noite ô de minhá, ele mesmo é que vái, que anda e que viajêia campeando amizade nova intê encontrá !

As caravéla intão que ele arranjô tuda gente ja sabe os nome que ganhô ! Na primêra se vê direitinho pintado, que nem botão de rosa que intê deixa arcádo as pontinha de um gáio, a palavra “TRABAÍO” ...

A ôtra tem um nome cheio de nóve hóra iscrivido com tinta cô de amóra, que vai trançando as letra quando principia intê chegá no fim, taliquá tangará quando garram dançá, intê formá co'as letra a palavra “ALIGRIA” !

O nome da tercêra quem ponhô primêro oiô prô céu bem firme e se benzêu, pensô bastante em Deus, fechô os oiô e iscrevêu rezando uma oraçáo co'a maió devoçáo, e quando ele acabô tava feita a palavra “CORAÇÃO” !



Ribeirãozinho

RIBEIRÃOZINHO

Aquela cabôca ladina e facêra,
que um dia, na istrada,
parô na portêra,
me oiândo incantada,
gostando de mim;
Aquela cabôca que eu sendo tão feio,
me achava bonito, vistindo um parêio
de rôpa de brim...

Aquela cabôca que ispía o que eu faço;
que de vêis em quando me manda um abraço,
e quando cumbêrsa comigo parêce
que tudas istrela do céu aparêce
pra me alumia...

Aquela cabôca que insina eu cantá;
aquela cabôca que véve dizendo
que eu tô me perdendo,
pruquê as coisa bôa larguei no sertão,
e que na cidade a vida é um tição
que quanto mais quente
mais queima co'a gente...

Aquela cabôca que sempre me ispía,
falô que eu devía
oiá o ribeirão,
ponhando tenção
no que as agua fala deprêssa, correndo,
e no geito délas, pra quem fica vendo,

quando tão parada,
dormindo, impoçada,
sonhando e falando,
um mundão de coisa, decerto alebrando,
que nem gente véia que tá resmungando...

Oiando bem nêle, de ôio istanhado,
côs ôio agrudádo,
e orêia de gato que tá negaceando,
é que a gente péscia o que vai fazendo
o ribeirãozinho que passa correndo
artêro e assanhádo,
que despôis, parado,
cochíla i descança,
taliquí criança
que quando parêce que cái de cancêra
tá logo assuntádo quarqué brincadêra...

Quando ele ispernhêia, que nem cabritinho,
pregando pulinho,
rasgádo a ropinha de escuma que fica,
é mesmo a criança levada e surica
que brinca e que canta
desde que alevanta...
Que atrêpa nas arve que nem serelépe;
que se desimbêsta prô riba do istrêpe
côs dois pé no chão;
que máia o dedão
nas pédra da istrada,
se rindo, zombádo, fazendo caçoáda,
proquê não ha nada
que faça pará
criança levada
quando qué reiná...

As água que passa ligêra, pulando,
é iguá co'as criança quando tão brincando
de "mestre mandá"... de "pique será"...

Prô riba das água se ajunta as bólinha,
redonda e branquinha,
taliquí menina brincando de rôda,
de uma por uma, co'as mão agarrada
e a vóis cumpassada,
cantando esta móda,
— cantiga bonita
que ja nem se canta nos tempo de agóra:

"Sinhóra nhá Bidíta
entre drênto desta rôda,
cante um bérso bem bonito
díga adeus e vá s'imbóra..."

E as água vão indo,
correndo e sumindo,
aluíndo os barranco, mexendo as pédrinha,
fazendo fósquina,
taliquí criança
que méxe com tudo que tópa e que aseança...
fazendo micáge, ponhando defeito,
co'a gente mais véia fartando o respeito...

Si encontra na istrada c'úm hóme alejádo,
ja bóta apilído, pra deixá zangádo:
— "Mané Trevoáda!
Afróxe a ôtra perna que tá incarangáda!"

As véis drênto dagua despênca um barranco,
fazendo barúio, que nem nome feio
que o sojêito manco,
côs ôio vermêio,
chorando de réiva co'a judiação,
xingásse as criança com tuda a reizão!

As água se ispanta, que nem criançada
que fica assombrada;

— iguá passarinho
que vê gaviãozinho ...
É a gente intão vendo
as água tremendo,
é o mesmo que oiásse criança que tão
sentindo ligêro batê o coração
despôis que fizêram quarqué reinação ...

Mas logo adiante, que nem quem se isquêce,
as água aparêce
correndo ligêra,
fazendo bestêra,
vestida de rôpa bonita e nóvinha,
tuda infeitadinha
que intê tá brilhando,
de novo se rindo, de novo reinando ...

Na bêra do córgo as arve gaiúda
se infêita de frô ...
E as água intão múda
co geito da cô,
conforme o lugá
que o córgo passá
e as frô que tivé ...

Proquê iguazinho com muitas muié,
que sêje bonita, ô sêje mais fêia,
tambem frô do mató deprêssa campêia,
intê incontrá,
ispêio que préste pra móde se oiá ...

E as frô, despencando,
vão se debuiando
no ribeirãozinho,
os gáio das arve largando sózinho,
que nem fio ingrato
que isquêce do trato
que teve do pái ...

Ponhando sentido nas frô, quando cái,
quarquê comparança
se fáis co'a isperança
que a gente pissuú
e se cunsumiu ...
Pruquê se a esperança a vida da gente vai logo infeitando,
tambem dentro dagua do córgo que passa vai se debuiando !

E quando o córguinho, decérto caçado,
cochíla, parado,
as frô que caíram,
que se consumíram,
que tambem parô,
mas mudô de cô
de tanto rolá,
dá pena se oiá !

Tá tudo juntinha,
tudo agarradinha,
que nem se cunhéce ...
Vendo elas parêce
que a escúma vermêia
que dêxa élas fêia,
é que nem as cóva mostrando os ossinho
de um corpo de anjinho !

Em ródá do poço que as água fizéro,
ponhando sentido é iguá a sumitéro ...
Tá tudo quiétinho ...
Intê os passarinho
cumbêrsa baixinho !

Oiándo o arvorêdo
a gente tem medo,
que nem que inxergásse um vúrto quarqué,
que tivêsse im pé,

côs braço comprido
no á istendído,
fuzilando os óio no córgo parado,
c'úm ódio danádo
prô via das frô
que a agua matô !

De noitinha é triste passá no córguinho...
Se iscúita barúio, gemido, istralínho,
cumbêrsa perdída
de gente que fica co'a fala sumída
de tanto chorá...
Prô riba das agua só se vê riscá
os óio isverdeádo
de argum vagalúme que písca assanhádo !

.....

Se aquéla cabôca bonita e ladína,
que sempre me insina
as cõisa mais bõa pra mim aprendê,
quizêsse sabê
o que é que eu magíno
do córgo que veio pulando e se rindo;
que despõis, cançado,
cochíla, parádo,
taliquá um véinho que pérde a coráge
de seguí viáge,
proquê no caminho as força acabô,
eu só arrespondía:

— “Cabôca ladína, que sempre me ispía !
Aquéla agua fria
é vê minha vida, que tambem parô !...”

SANGUE PRÔ BRASÍ!

*(Ao ilustre amigo Prof. Eduardo Vaz,
como cooperação humilde à sua patrió-
tica idealização do Banco do Plasma)*

Agora sim ! Eles não fáis mais pôco
do que vale um cabôco !
É hora de amostrá prô mundo intêro
que nós sêmo devêra brasiléro !

Aqui é ansim ! A gente do Brasi
paga pra não brigá...
mas quando no barúio chega a entrá,
pága pra não saí !

O Brasi que nem pái tá ajuntando a fiaráda...
Váí dá pra cada fio uma impreitada,
e falá como quem não percísa pedí:

— “Eu me chamo Brasi !

Meu nome vem da brazia !
Desafôro nenhúm nunca levei pra casa,
proquê o cabôco bão, que sabe arrespeitá,
não abaixa a cacúnda pr'ôs ôtro amuntá...”

“Tudo o qu'ê meu e qu'ê d'ocêis também,
não robêi de ninguem,
infiándo a mão no saco
do vizinho mais fraco...”

“O que eu tenho de meu
eu merecí ganhá, proquê Deus foi quem deu !

Deu pra mim, prôs meu fio brasileiro,
e prô bão istrangêro
que me ajúda a prantá
e me ajúda a coié,
e junto côs meu fio percêisa vivê!"

"Prô bem eu sô mais doce do que o mé!
mas prô má sô pió que a cascavé!"

"Ocêis agora vão se adividi
e fazê dereitinho o que manda o Brasí!"

"Inquanto tudo tá se perparándo
é bão í ja pensando
no que ocêis vão decérto percisá
quando as côisa apertá!"

"Porísso eu quero que ocêis me dê,
antes de í pra guerra combatê,
um bocádo do sangue que ocêis tem
que mais tarde vái sê prô nosso bem!"

"Como pai vô guardá esse sangue sagrado,
pra despóis eu curá quem ficá machucádo,
e fazê que ele vórte a sê sangue ôtra vêis...
Quando quarqué de ocêis
se aguniá, ferído,
sarvando o que o inimigo venha cunsumí,
ponhando bem sentido,
decérto ha de sentí,
e assombrado iscuitá,
esse sangue falá:

— "Meu fio, eu sô o Brasí que le bêja i le abraça...
Essa dô logo passa,
quem le fala é o seu pái..."

Levante e vá guerreá,
Brasileiro não cáí!"

FITIÇARIA...

(A Augusto Esteves, à guiza de impressões sôbre a memorável exposição dos seus desenhos a bico de pena)

Nhô Ógusto Istéve garrô na pêna, moiô na tinta,
oiô em vórta cô ôio comprído, campeô um papé,
ponhô ele em frente, fêis um risquínho, fêis vinte, trinta,
e foi fazendo risco e mais risco com tuda fé!

De vêis em quando nhô Istéve oiáva pra aqueles risco,
dando um suspiro, parando a pena pra descançá;
e via os risco que nem peixinho dos mais arisco,
dando pinôte e corcuveándo pra lá e pra cá...

É que nos risco tinha mandínga de fiticêro
e o sangue brábo de gato preto, galo ô cabrito,
matádo na hõra que o sací táva nargúm terrêro,
dando pinôte na pórva acêsa, pregando grito!

Proquê se ispiándo firme os risquínho de nhô Istéve,
não sei o que éra, mas as idéia ficáva lôca!
Proquê não via risco nem letra que a pena iscréve,
só via igrêja, lagõa e gente mexendo a bõca!

Foi assim que ele fêis num papé as figura
das capélinha véia como quê...
Das capélinha que hoje quando Deus precúra
campêia élas do céu e não acha pra vê
as capéla véinha que ja se acabô,
que nem um tijolinho e uma têia sobró!

Nas capélinha véia foi que a gente antiga
se batisô, rezô, se confessô e casô...

Nas capélinha véia é que as mãe de família
se ajueiáva, chorando, de noite e de dia,
rezando Padre Nosso e Ave Maria
e fazendo preméssa pra acabá a bexíga
e acabá tantas morte co'a fébre amaréla...

Capélinha véinha... dônde tá as capéla ?
Gente nóva imbirrô, não quiz mais éla,
fêis pôco cáuso em tudo o que os véio dexô...
garrô a tê réiva déla... adesprenzô...
Elas sentía tanto... e choráva, choráva,
que quando arguêem garráva no sino e tocáva
as póvre capélinha saluçáva,
e os salúço da póvre ninguém iscutitô !

Morreu a gente véia que rezáva;
gente nóva não réza, pegô e derrubô !

Nhô Istéve uma véis se assentô na cadêra,
ageitô bem na mão a pêna mandiguêra,
foi isfregando a pena no papé,
fêis uns riscô quarqué,
inté a pêna gemê de tanto se isfregá,
e as capélinha tuda vortô no lugá !

Despôis ele garrô a cumpará
(óie só o que nhô Istéve havéra maginá !)
que as capélinha que ja tão caida
é iguazínho — sem tirá nem pô —
co'as pessôa que fica famosa na vida,
côs hóme bão, côs hóme de valô,
que quando morre deixa arrespeitádo o nóme
que nunca se consóme,
proquê quando se fala é taliqúá capéla
cô artazínho infeitado de frô e de véla,

e os santo e as santinha la em riba do artá
chamando a gente pra ajueiá e rezá !

Nhô Istéve ahi então tornô a riscá...
Riscô, riscô, riscô,
fêis quâse um bataião de hóme de valô,
ponhó um pértinho do ôtro, infilerô,
e despôis ajuntô
os hóme bão co'as capélinha antiga...
— Ficaram tão iguá que nem míio na ispíga !

Muita gente óia aquilo e garra a maginá
como é que nhô Istéve fêis vortá
aqueles hóme tudo e as capélinha intêra...
É que o ladino nunca disse pra ninguém
que ele fáis tudo isso só proquê ele tem
a pena mandiguêra,
que quando reina em riba do papé
de quarqué riscô fáis o que o dono quizé,
quarquê hora que seja, de noite ô de dia...

É incantáda a diánha ! Fáis fitiçaria !

NESTE MUNDO NÃO HA NADA PREFÊITO!

Não é co'a cara as vês, nem cõs óio bunito,
nem cõs pé, nem co'as mão,
que uma muié quarqué gruda um cristão,
ô fáis um coração
saluçá de paxão,
ô intão isperneá que nem cabrito!

Proquê tem muié feia que nem sumbração,
déssas que oiando nêla a gente discunjúra,
mas vendo éla falá
é o mesmo que melado cùm cará...
— Fica mais doce do que rapadúra!

A Tiodóra, fía do Jiróme,
não é bonita, é? Tirando o nome
perdeu o requebrado!
Mas quando fala tuda feiúra se sóme...
E o coração da gente
de repente
vira inté arvoredado desgaiádo...

Oi que graça que tem
quando éla diz pra arguêem:
— "Tenho muito prazê
de le vê e cunhecê...
Aparêça la em casa pra tomá
um café com bolínho de fubá!"

Ja a Dirce de nhô Jango é muito deferênte!
Oiándo nêla a gente fica inté
cùm cocêra, iguazínho de bicho de pé,
tão bonita éla é!
Mas tambem quando fala ispanta cô'as pessôa...

Não vê como éla diz?!
— "Caipíra é gente atôa!"
Pra um hóme se casá c'úma muié ansim,
ô fica incoidinho que nem mindoím,
ô tem que amarrá a lingua déla cùm imbíra
pra éla não falá má de caipíra!

Mas é mesmo... Tem moça co'a fala tão mansa,
taliquá uma criança!
A gente fica inté sonhando, uvíndo éla,
mastigando um nó cégo inroscado na guêla,
c'úma vontade lôca de chorá...
Cô coração dando sarto mortá
pra cá, pra lá... pra cá, pra lá...

No sábedo eu dancei inté aminhecê...
Nem não quêra sabê!
As coisa boa vem sem a gente isperá,
taliquá o garrotúo quando dá no animá!

Eu tava inté injoádo,
ansim meio de lado,
quando nhá Lidovína
me falô: — "Vá dançá co'a Cilistrína!"
"Tanta moça pra entrá na brincadêra,
e ocê ahí assentádo, isquentando cadêra!"

E a péste da muié foi me impurrando
pra péрто de uma moça que tava me oiándo,
vistidínha de azú, c'úma rósa no peito,
se rindo do meu jeito

ansim meio avexádo,
de í pra lá, impurrádo,
pará pértinho déla
rentínho da jinéla ...

Quando o diánho da véia me largô,
a moça me falô:

— “Fui eu que pidí pr’éla í le buscá ...”

Eu intão, atrapaiádo,
arrespondí ingasgádo:

— Ara, não percisáva incomodá !

— “Incômodo ninhúm, que é isso agóra P”

E eu disse:

— É um rojão que sortáram lá fóra !

E garrêmo dançá. Foi só dançá uma véis
pra nós ficá freguêis !
Aquilo ja não éra mais dançá,
era dromí e sonhá
o sonho mais bonito,
mais gostoso que pato com parmíto,
mais doce que curáú
com mé de páú !

Amóde que inté agora tô alembando
do que a boquínha déla foi falando
nas marca que dancêmo os dois juntínho,
se rindo, agarradínho,
éla cô coração dando sarto mortá,
e eu cô’éla dançando sem pará ...

A sanfôna do Dito Malaquíá
pinoteáva e dizia:

— “Arrásta o pé, minha gente, arrasta o pé ...
o báile é feito só prôs hóme cô’as muié !”

Nóis dois ja nem dançáva !
Eu e éla avóava
vorteándo,
que nem dois passarinho que no á tão brigando ...

— O sinhô dança bem ! — éla disse baxinho ...
— Nem por isso — eu falei ... Só se arguêem me insiná !
Ela ahí atarracô na ponta do meu dêdo
e garrô apertá
com tanta força, que inté tive medo !
Ranquêi a mão depréssa
e disse:

— Apérte a ôtra, não apérte éssa ...
néssa mão tem unhêro !

Ela se ríu, me oiô meio de isguêia,
se incostô a boquínha em minha orêia,
e me falô pra mim: — “O sinhô é o primêro,
o mais mió de tudos cavaiêro
que inté hoje comigo ja dançô ...”
— Cavaiêro ? (eu pensei ...) Decérto éla pensô
que eu éra dumadô !

Despôis me preguntô se eu tinha namorada;
quando eu disse que tinha, era o cabo da inxáda,
deu uma gargaiáda
tão gostósa,
e garrô me xingá de isprituoso ...
E me disse que gente ansim é perigósa ...
que um hóme déve amá que é pra ficá bundóso ...
Éta moça sabída !
Moça ansim sabe tudo o que inzêste na vida !

Quando o baile acabô e o Dito Malaquíá
guardô a sanfôna,
ja tava cráro o dia,
e o só ja tava quase istralando mamôna !

Ela que tava rôxa de cancêra,
se assentô suspirando na cadêra,
oiô ni mim, e disse, amostrando os dentínho:
— Cô sinhô só capáis de í prô mundo intirínho ...
Proquê o coração meu
de hoje em diênte é só seu !”

Não é pr'uma pessoa amalucá
iscuitando fala
dêsse jeito pra gente ?
Tô aguniádo ... tô inté duênte !

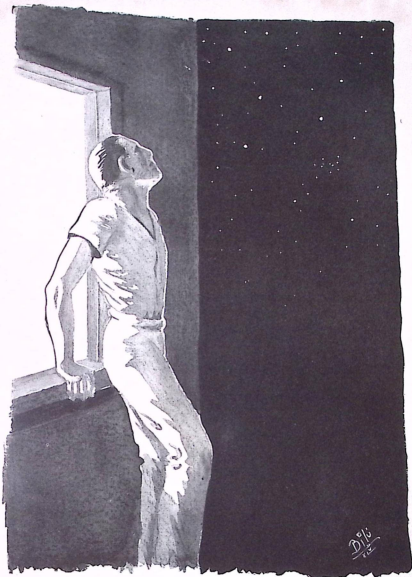
Mas é que a Cilistrina
ja vortô pra Campina ...
Agora é que a portêra ingasgô na tramêla ...
Como é qu'eu pôsso i lá bigitá éla ?

Quá ! A vida de um hóme
é que nem urubú que tá sempre cúm fóme ...
Agora que arranjei a namorada
a péste vai morá arretiráda !

Se eu aqui no lugá
pudêsse dá um jeito de arranjá
uma moça bonita, taliqá
a Dirce, do nhô Jango ...

Sacudída devêra no fandango
que nem a Cilistrina,
de Campina,
e boazinha iguá co'a Tiodóra,
— que inté má comparando,
Deus que não me castígue se eu istô pecando,
de tão boa parêce inté Nossa Senhóra, —
tava tudo arranjádo !

Mas neste mundo tudo tá trocádo !
As muiê boa é feia que inté assômbra a gente ...
As bonita são brába, pió que sorpênte ...
As que fala co'a gente e que dança e que agráda
vão morá nos inferno, arretiráda !
Ói só se isso não dá pra arrevortá um sojêito ...
— Neste mundo não ha nada prêfeito !



Si as Istrela Fosse Minha

SI AS ISTRELA FOSSE MINHA...

(A Profa. Lelia Vellini, colega infatigável na campanha pela redenção cultural dos cegos, retratando o seu sonho de felicidade para aqueles que não vêem)

Fiquei oiando o céu ônte, de tardezínha,
ponhando bem sentido nas núve que tinha.
Tinha uma cô de abóbra, ôtra roxinha...
ôtra que nem um bôï com três pérna e cúm aza...
Tinha uma vermêia, taliquá uma braza
assopráda cô vento pra não se apagá...
Tinha uma, grandôna, que era vê iguazínho
uma lagôa cheia de pixinho,
dando pulo prô á,
iguá côs tambiu e os lambarí
pegando sirirí...

Que nem criança que levô pancada,
o só ia sumindo, co'a cara amarrada,
amuádo e tremêndo,
incoído cô fríu que já táva fazêndo.

A iscuridão intão, que nem puêra,
veio chegando, veio se ageitando,
passando aquélas únha lambedêra,
ajuntando e amontoando
num monte grandaião,
que ia ficando preto taliquá carvão,
o morro co'as roçáda, o atáio e o paió...

Xingando a iscuridão
gritô um xororó;
os grilo intão garraram temperá o istrumêto,
chiãndo feito bôbo, baruiêto ...

Taliquá côs menino do coléjo,
quando chega na hóra de contá,
tudos sapo do bréjo
começáram a lição,
gritando ansim, fazendo um baruião:

“Um, dôis i três ... um, dôis i três ...
um, dôis i três ...”

De vêis em quando o sapo prefessô
gritava prôs sapinho:

“Ocê errô ... ocê errô ...”

E a sapaíada tuda garráva ôtra vêis:

“Um, dôis i três ... um, dôis i três ...
um, dôis i três ...”

Brincando de iscondê, no meio do arvorêdo,
os vagalúme cumeçáram cêdo
a riscá fórte atôa,
regatêro que nem muitas pessôa
que gôsta de amostrá que tem o que acendê !

O céu ahi tambem garrô se inchê
de istrêla: era uma aqui, era ôtra ali ... eu ía
oiando nélas, quando aparecía ...

Aquéla é minha ! — eu maginei oiando
na mais maió, que tava intê lumiando !
Tambem aquela ôtra mais miudínha,
que bão que fôsse minha !
É aquéla ... aquéla ... aquéla ...
que bão que Deus me dêsse tudas éla !

Si fôsse minha tuda as istrêla do céu,
eu ponháva umas vinte no chapéu,
iscoliía umas trinta mais briãnte,
furáva élas no meio e passava um barbãnte
só pra móde fazê um peitorá
bunito pra ponhá
no meu cavalo ...
Só pra tudo que visse me invejá
oiãndo o peitorá de istrêla saquaiá
i as istrela pulando, dando istrálo ...

Si fôsse minha tuda as istrelínha,
ninguem me havéra de fazê fósquinha,
proquê eu tapáva a boca bem derêito
de quarqué um sojêito ...
Havéra de pissuí tudo o que cuviçásse ...
cô dinhêro no bôrso tudo é fáce !
E quem me atrapaiásse ô oiásse tórto
podia intê iscrevê que tava morto !

Morto ?! — mas óie só o que tô pensando ...
que idéia que fui tê ! Crédo im crúis, tô pecando !

Proquê pensá em luxo quando ha quem percíza
intê de uma camisa
e de um prato de angú pra mastigá ?!
Proquê infeitá de istrela um peitorá ?
Tanta gente que véve côs óio fechado
proquê é cego e não vê nada, nada, coitádo !

Si Deus me dêsse o céu quando fica agrudádo,
cheio de istrela ansim,
pra mim pegá as istrela só pra mim,
tudo os céguinho e tudas as céguinha
ganhava de presente uma istrelínha !
Como eu havéra de ficá cuntênte
vendo eles inxergá que nem a gente !

Bão Jisúis! Se as istrela fôsse minha,
eu ponhava elas tudo agrudadinha,
fazia uma iscadinha
e ia falá cum Deus Nosso Sinhô,
pedindo pra ponhá nos óio que cegô
uma lúisinha de istrelinha...

Só nos óio, isso não!
Tambem nos coração!...

ÊTA AMÔ!

Ja não sei mais nem contá
os ano que se passô...
Más quando garro alembrá
que tudo ja se acabô,
proquê não pôsso isquecê?
Proquê inda alembro d'ocê?
— Héin, proquê?

Que nem quem tá com quebrante,
côisa feita, ô mau oiádo,
tô vendo ocê tudo istante...
Será que eu sonho acordado?
No sonho então é um perigo,
ocê inté fala comígo!
— Eu não digo?!

Na úrtima vêis que falêmo,
— móde que tô vendo, inté! —
nóis ia andando, parêmo,
fiquêmo parado, im pé...
Eu oiáva, firme, oiáva...
um faláva, ôtro iscuitáva...
— Eu gostáva!

E ocê me disse, nervósa,
que inté me dexô afríto:
C'ocê não quero mais prósa...
Bámo falá por iscrito!
E se sumíu, de repente...
Cada uma ocê fáis pra gente!
— Ai parênte!

Pois mais de um mês interinho
maginei que ocê fugisse...
Mas quando iscrevo uns bérzinho
me alembro o que ocê me disse...
E amóde que a minha mão
iscúita o meu coração!
— Ai que bão!

Oí, nessa hora inté parêce
que iscúito ocê me dizê:
—“Quem iscreve não se isquece;
falando é fáce isquecê...”

E eu sinto que nem um nó
se inrosca no meu gogó...
— Oie só!

Mas também vô comprendêdo
que ocê tá perto de mim,
falando o que eu vô iscrevêdo
c'uma tristeza sem fim!
Meus bérzinho nem é meu...
A sodáde é que iscrevê...
— Que os barrêu!

Ocê me fáis tanto agrado,
que ja nem sei o que faço...
Me insína, manda recádo,
chega inté a mandá abraço!
Meu coração é um pau mórto
que a sodáde dexô tórto...
— Ché! — tá sórto!...

Quando ocê chêga ele véve...
de alegre gárria a batê...
e a minha mão logo iscreve
uns bérzinho só pra ocê!

Diz que a sodáde é uma frô
que nem sêca pérde a cô...
— Êta amô!...

TÁ PÉRTINHO DE NÓIS!

(*A memória de Casper Libero —
chefe exemplar e amigo inesquecível*)

Neste mundo ninguém nunca póde sabê,
nem póde adivinhá,
o que o distino cisma de fazê
quando tá cúm vontade de reiná...

As vêis fáis coisa rúim... as vêis fáis coisa bôa...
As vêis atôa, atôa,
que nem um fórfe acêso na invernáda,
acaba tudo só pra se amostrá
que é valentão, que é brabo, e que é o maiorá,
que tudo o mundo tem de arrespeitá,
proquê quando ele pensa as coisa pra fazê
ninguem póde trocê!

Quem é que póde comprendê o distino?

As vêis é taliquá que nem menino
artêro e pereréca,
que ajunta os ôtro pra jogá petêca,
brincá de pegadó, jogá pião,
dando risada atôa, sem ninguém mandá,
falando assim pra quem quizê iscuitá:

—“Tá túdo muito bão... muito bão... muito bão...”

Porquêra do fingido!
Quando ele fica de nariz trocido,

ché! — nem é bão pensá!
É pió que animá!
Amolêce co'a idéia de uma vêis
e iscangáia com tudo o qu'êle mesmo fêis!

Farêja aqui, méte o focinho ali,
péde imprestado a pérna dos saci,
ajúnta os sete fôlego dos gato
pra móde não cançá quando tivé
fazendo o que quizé,
e ahi, sêja prôs hóme ô sêja pras muié,
judía inté matá,
inté inscangaiá,
inté moê,
inté se desfazê,
o desgramado ingrátó!

Uma côisa que tá arrumada de um jeito,
proquê assim que é derêito,
ele imbírra, não qué, fica má sastifêito...

E tem gente que pensa que o distíno é bão,
que é maciú, iguazínho cô argodão
que a gente ispáia e báte na parma da mão
pra sentí a cósquinha no meio dos dedo,
que nem fala de amô, cumbersáda em segrêdo...

Veiáco é que ele é! Bem pensando, o distíno
é, sem tirá nem pô,
que nem esses sujêito matadô;
é iguá côs assassíno
que mata um hóme dando gargaiáda,
só pra vê ele rolá,
de riba do animá
na puêra da istráda!

Quem havéra dizê, quem havéra pensá
que atôa, de repente,

(nem não é bão lembrá!)
tudo ia ficá tão deferênte,
só proquê o distíno, tалиquá boi lôco,
passô aqui bufando,
iguazínho c'um tôro amalucádo,
pinoteando e uivando o desgramado,
pregando cabeçada inté nos tôco,
de réiva dos cipó que infêita eles de frô,
proquê ascançô os tôco e se inrosco...

O péste do distíno andô tambem aqui
fazendo mais estrágo que o saci!

Quem é que havéra adivinhá e dizê
que nós ia perdê
esse chéfre tão bão,
esse amigão que era taliquá um irmão?!

Quá o quê! Dotô Cáspe não morrêu...
Não póde morrê nunca o hóme que nacêu
pra tê um lugá marcaado,
e um cantinho escoido
adônde que ele fique bem guardádo
drênto dos coração,
que nem botão de frô
que a foiáge tapô
e que fica iscondído,
só pra gente pará,
oiá bem, campeá,
cismá e maginá,
e perdê um tempo intêro
querendo adivinhá
de adônde vem o chêro...

Não! Não póde morrê quem nacêu pra sê fórté!
Pra sê mais duro ainda do que a morte,
e iguazínho, derêito, tалиquá
cô uma arve grandôna de jiquitivá

que prô riba das fôia sêca da picáda
dêxa a sombra ispicháda,
pra sempre sê aleembráda e percuráda ...

Não fáis má que ele um dia
de temporá, de chuva, raio e ventania,
se apínche de comprido ...
Não vai morrê porisso, nem ficá isquicido,
proquê nem que ele súma do lugá,
quarquê pessoa quando passá lá
vai logo se alembando,
e diz baxinho ansim, como quem tá rezando:
— "Aqui é a picáda do jiquitivá!"

Dotô Cáspe tá vivo e tá contente ...
Tá pértinho de nós, tá oiándo pra gente,
tá assentadínho ali, me iscuitando falá,
tá aqui, tá no jorná,
tá ponhando atençaõ
em quantos coração
abriram as pórtinha devagá,
e tão sempre pedindo pra ele entrá!

Tá pértinho de nós, sastifeito e se rindo,
fazendo pôco cáuso do distíno,
que pensô matá ele e consumí,
fazendo tudo isso que o distíno fêis ...
Mas ha de se moê,
não ha de saí certo o que ele quiz fazê!

Proquê o Dotô Cáspe tá aqui bem pértinho,
e invêis de se sumí,
ele entrô de uma vêis,
bem derecítinho,
no coração do povo do Brasi! ...

FRÔ DE ISPINHÊRO

Os ispinhêro
que eu fico oiándo
do meu terrêro,
me arrecordando
que todos ano
frorêce ansim,
é iguazinho noiva bunita,
tudo infeitada,
que invergonháda
dá gargaiáda,
salúça e canta, suspira e chóra
devéra afrita,
pensando a hora
brába e danáda
de dizê o "sim" ...

É iguá co'as noiva que vão pra igreja
tuda de branco,
sintindo os tranco
nos solavanco
e os pinoteádo do coração ...

Vão múda, as póvre! Não fala nada,
mas se falásse,
dicerto tudo o que élas dissêse nem se iscuitásse,
proquê elas fica tão trapaiáda
na capelinha,
que o que élas fala ninguém intênde, proquê gagueja,
fica amaréla ... fica coráda ...
repúcha os beíço ... franje a boquinha ...
e abáxa os óio cheiinho d'água campeándo o chão!

Frozínha branca dos ispinhêro,
que ispáia o chêro
que o vento léva, dando pinóte, cheio de dedo,
co'as mão trançada, fechada firme, pra não perdê...

Tive sabendo, frozínha branca, dos seu segredo;
proquê eu cumbérso, proquê eu me intendo côs arvorêdo,
e eles me conta derêito as coisa pra mim sabê...

Ocê padéce, mas se adisfárça proquê é branquinha,
e o branco incóvre proquê a aligria tem éssa cô...
Mas quando eu óio pr'ocê, frozínha,
de tardezínha,
só mesmo um bobo le oiândo firme não adivinha
que os seus oiinho de frô branquinha
tão orvaiádo,
cum quarqué coisa dos seu segredo, dos seu pecádo,
que a gente sabe logo derêito que ocê chorô!

Um pintassírva véve doênte
cô seu fitiço,
co'a idéia quente,
cô juizo bambo, cantando atôa pérto d'ocê...
E ocê — marváda! — fica orguíosa prô via disso,
que fáis o póvre gastá a garganta, cançá o biquínho,
pra í judiando do coitadínho,
tacando ispinho,
prô póvrezínho do passarinho
garrá a sofrê!

Frô de ispinhêro
que eu vejo sempre do meu terrêro,
me arrecordando
que tudo os ano
tão sempre iguá...
Bem deferênte
do que acuntece cum tuda gente,
que em cada ano que vái passando
fica pensando
a assuspirando,

proquê nós tudo quanto mais véve mais inveíce,
que chega um tempo qu'inté s'isquíce
das frô bunita, que, se campíasse,
tarvéis achásse,
garrando élas cum unha e dente pra se infeitá!

Prô falá nisso, tenho um cunsólo pensando a hora
que eu fô bem véio, bem arcadínho, pra mim ficá
côs meu cabêlo cô de giáda, tudo branquínho,
bem iguazínho
co'as frô bunita que eu fico vendo do meu terrêro,
sem tê vontade de dá três passo pra í m'imbóra,
só proquê gosto de oiá bastante, inté injoá,
as frô branquinha que infêita os gáio dos ispinhêro!

Frozínha branca que quando chega tráis a fartúra,
que nem que os anjo tudo abaxásse,
e se ajuntásse,
dando risada, pulando alegre, se dando as mão...

— Frô de ispinhêro, ocê paréce co'a criatura
que veio rindo, me infeitá os gáio do coração!

Ela iguazínho frô de ispinhêro,
que os méis intêro, que os ano intêro,
tá frorcêndo na minha vida pra móde eu vé
como é bunita, como é branquinha, como me infêita,
me fáis mais moço... me dá consêio...
me agráda e ajêita,
arrepertindo as coisa bôa justo prô meio,
guardando um póco e me dando o résto pra móde eu tê!

Frô de ispinhêro da minha vida, não vá cô vento!
Ocê bem sabe com'é que eu tenho contentamento
quando ocê chega, me agráda e ajêita,
— falando e rindo tão sastifêita! —
ponhando tudo bem dereitínho no seu lugá...

Frô de ispinhêro da minha vida, não vá cô vento!
Frô de ispinhêro da minha vida, fique onde tá!...

FROZINHA DO MATO

No meu baú de fôia, véio, amacetádo,
de tanto andá cumígo prô mundo apinchádo,
tem drênto um mundarêu de coisa que eu guardei:
— tem cartinha, santinho, tem lembrança
do meu tempo de moço e de criança,
tem coisa inté que eu óio e nem não sei !

Tem oração; tem córda de viola;
tem botão de camisa de apertá cum móla,
e tem cartilha do “a, e, i, o, ú...”
Tem um raminho sêco de guiné e arruda;
São Pedro, São Jusé, Nôssiôra da Ajúda,
e uma casca azuzinha de ovo de anú...

Tem um lenço de seda cum ramáge
que eu ganhei quando fiz uma viáge
pras banda de Goiáis e Mato Grosso;
Tem um facão lapeáno ferrujando,
meu sapatão que gême quando eu ando,
e duas gurutáta prô pescoço...

Tem também meu parêio de brim branco
que nos dumíngo eu bóto ele pra dá tranco
nos coração de tuda as cabocrinha...
Mas de tudo o que eu tenho no baú guardado,
o que tem mais valô, e o que é mais istimado,
é um raminho sequínho de frozínha...

Quando eu óio nas frô mirráda, incoiidínha,
amóde que éla vem, que abre a mãozinha,
bóta drênto da minha pra móde iscondê,
e bámo andando os dois, que nem naquele dia
que ela jurô que dava, e me deu a alígría
de nós dois passeá inté se aborrecê !

Ela nunca foi feia; mas quando eu oiáva
pras feição déla amóde que éla se amostráva
mais vistôsa e bunita do que éra...
E andêmo taliquá siriêma pirdída,
si rindo, cumbersando, isquicído da vida,
pra aqueles carreadô im vórta da tiguéra !

Tinha frô azuzínha, rôxa, cô de vinho,
e nós dois magináva que o mundo interínho
naquêla hora tava ansim cheio de frô;
proquê nós dois (óie só como nós tava prósa !)
é que fazia tuda as frozínha cherôsa,
desfoiándo juntinho o bem me qué do amô !

Um hóra ela parô; levô a mão num gaiínho,
pregô um saquaião e arrancô um raminho
de uma frozínha rôxa pra me dá;
me intregô, eu garrei, dando risada,
e ela disse: “— Tá, guarde ela bem guardada,
pra mais tarde ocê vê frô do mato falá !”

Quando eu campêio num canto,
meu baú véio, e alevanto
a tampa, e ispío pra drênto,
logo vem no pensamento
o meu raminho de frô...

Intão agarro o raminho
mirradinho e incoiidínho,
mas que nunca múda a cô !

E as frô miudínha e sequínha
vão se virando em boquínha,
falando pr'êu iscuitá !

— “Sodáde é que nem retrato
que fala sem cumbersá;
eu só a frozínha do mato
que arguê le deu pra guardá !”

CASA DE MÉ...

Nóis era em sete podadô: o Terênon, eu, o cumpádre Róque Oio Furádo, o Jão Rabi, nhô Léco, nhô Jijú e o Candínho Lorênon.

Nóis tava dando murro, podando café, no taião do "Incantádo", quando o cumpádre achô uma casa de mé de bêspa irapuá, rênte de um tôco de jacarandá.

Tava tão iscundída e tão adisfarçada, qu'inté o Jão Rabi garrô teimá pió do que muié, duvidando que fôsse uma casa de mé, maginando dicérto que éra argúm cupí.

Sei dizê que fizémo uma festança lôca ! Mas antes de ponhá o mé na bôca tivémo que brigá co'as bêspa alvorocháda que vinha se inroscá no cabêlo da gente, chiándo de fazê o juízo ficá quente !

Não quiriam, dicérto, nem prô nada, que nóis cumêsse o mé, que com tanto trabáio, élas foram buscá nas frô, de gáio em gáio !

Mas não adiantô nada as bêspa se azedá, se arriminá com nóis, chiá e se isperneá !

Nóis rachêmo o cupí de bêspa cô podão, e despôis cada um de nóis passô a mão

nos pedaço mió, que tivêsse mais favo e fôsse mais maió, e tóca cumê mé... cumê mé... cumê mé, de agrudá os bêíço cô nariz, inté !

A metade da casa de mé que ficô nóis ponhêmo num tôco, no carreadô, pra despôis nóis cumê.

Mas nem quêra sabê o que foi cuntecê !

Esse danádo dêsse cabocrínho, (sojêito sem vergonha que é êsse Vicintínho !) amóde que de longe ele cherô a metade da casa de mé que sobrô, e cumêu tudo o mé que nóis tinha guardádo !

Sojêito sem vergonha, desgramádo ! Cumêu, cumêu, qu'inté se arregalô !

Despôis ele chegô dônde nóis tudo tava trabaiándo, dêu "bastárde" pra nóis e se riu, preguntándo prô Candínho Lorênon e o Jão Rabi:
— "Ué ! Ocêis acháro mé ahí ?"

Me deu vontade de agrudá o sojêito, saquiá bem prôs peito, e apinchá ele em báxo de um pé de café...

Cabôco desgramádo ! Eh, cabocrínho ! Sojêito sem vergonha ! Eh, sojeitínho ! Tava cô bigódinho ispetadínho, duro, isticádo de mé !

Pensando bem, a vida é taliquá uma casa de mé que a gente acha num lugá quarqué...

Ela ás vêis é de bêspa irapuá,
ô de bêspa mumbúca,
que fáis uma pessoa pulá de malúca
cô chiádo que tem !
Otras vêis é de bêspa mansa, mandassáia,
que não mórde a ninguem,
não chía e não trapáia !

Mas também pôde sê casa de abêia
que dêxa a cara tórta, impoláda e vermêia,
e ainda largá o ferrão
agrudádo e doêndo na inchação !

Ê ansim mesmo ... a vida é taliquí
uma casa de mé
de bêspa irapuá,
ô ôtra bêspa quarqué ...

Ê uma casa de mé ... Uma pessoa
tá lóco pra cumê o mé ... despôis injôa !

Guarda intão pra cumê mais tarde o que sobrá ...

A quistã tuda é não passá prô lá
um sojeitinho istrépe iguá cô Vicintínho ...
Proquê intão ahi — ché ! —
um cristão pérde a fé !

— “Ué, ocêis acháro mé ahi ?! ...”

Sojêito sem vergonha ! Eh, sojeitinho !
Cabôco desgramádo ! Eh, cabocrínho !
Tava cô bigódinho
ispetadínho ansim ... duro de mé ! ...

NHÁ CHIQUITA

*“Mas acenando, ao longe, reaparece
o teu vulto mimoso e pequenino,
seguindo-me, através do meu destino,
porque o primeiro amor ninguém esquece !”*

(Do poema “Evocação” - do autor).

(SE EU SUBÉSSE CANTÁ...)

Não sei pegá na viola,
nem sei cantá;
pra tudo percisa iscóla
pra se estudá...

Nunca púde sê violêro,
proquê o defeito
que me fêis sê canhotêro
não me deu geito...

Pra rasgá minhas toáda
a vóis não dá;
por isso não canto nada,
só sei falá!

Mas se eu cantasse, eu queria,
num ponteádo,
contá como eu fui um dia
disinganádo!

(PASTO SÊCO)

O coração da gente é uma viola...
O distino da gente é o violêro...
Quando ele é bão, sái cõisa que cunsóla
inté o chão barrido do terrêro!

Mas quando o tar só sabe sê gavóla,
desses um trapaião e cavortêro,
a vida de um cristão não véve — róla!
Póde contá que se istragô o pesquêro!

Meu coração eu tinha incordoádo
e esperáva o rasgá do ponteádo
que um violêro bão me aprometêu...

O porquêra chegô... nem deu pra saída!
Destemperô-se a viola... e a minha vida
virô internada onde a geáda deu!

(QUATRO ÓIO...)

Quatro óio... dois meu, dois déla... Os déla,
ladino cumo quê, foi precurando
meu coração, inté ascançá a traméla,
abrí a pórtá e entrá, rindo e cantando...

Tudo os dia, mas tudo os santo dia,
os óio déla vinha me buscá;
me aprevoçáva, convidava, e eu ia
cúm meus óio, nos déla se incontrá!

Amóde inté que nós tava dromíndo
e sonhava umas côisa... umas bobáge...
E no sonho nós ia indo e vindo...
a passo, ás vês; ás vês voando, quáge!

Intão meus óio, o rosto déla vendo,
ia fazendo as conta do que tinha:
uma boquinha ansim... naríz piquêno...
feiçõ de santa im corpo de rainha!

Os cabelo bem preto; as sombrancêia
preta tambem; cabêça de bunêca
num pescoço mais branco do que a areia
do fundo da cachoêra, quando séca!

Aqueles óio déla... Aqueles dois
diamante, sempre tava me ispetando
o coração, inté que os meu, despóis,
nos óio preto déla ia incostando!

E quando os meu co'os déla se incontrava,
como quatro pombinha num teiêro,
não sei proquê meus óio se incharcáva
como quando cái drênto argúm argüero...

Quatro óio... Dois meu, dois déla; agóra
só de dois sei contá como é que eu lévo,
como ficô sózinha, como chóra,
que inté ás vês nem pra alembrá me astrévo!

Más não fáis má... Nem que cego de tudo
ainda eu fique (Deus que me perdô!)
eu não morrendo, nem ficando mudo,
quéro contá meu cáuso como foi!

Quero contá que eu tive imparcerádo
quatro óio que só nim dois ficô...
Proquê os ôtros dois tão soparádo...
e o destino não conta onde ponhô!

(CUMO CHEGUËI)

O trem apitô na linha,
zangado, roncando grôso;
drênto desse trem eu vinha,
era quâse hora de armôço ...

Desapei assustado,
nã conhecia o lugá,
muntêi num tróle impuerádo,
vermeio de tanto andá !

O cochêro era o Joãzinho;
parô o tróle numa venda,
pra despôis pegá o caminho
do estradão da fazenda.

Cortando o chão nós furáva
um puerão desgramádo ...
E o nosso tróle avuáva
côs cavalinho suádo !

Quando ascancêmo um barranco
de sambambáia e sapé,
voô um bando de anú branco
ispantado cô tropé ...

Lá adiênte, naquela vórta
que descamba na baxáda,
uma caninána morta
tava istindída na istrada ...

Eu vinha quiêto, pensando
nas coisa da minha vida:
ficá num lugá morando,
im terra discunhicida ...

Tava triste, a maginá,
nas vórta que dá um hóme ...
Despôis garrei suspirá
meio amuádo e cúm fóme !

Inquanto na minha idéia
os pensamento passava,
o Joãozinho na buléia
os cavalo chicoteáva ...

Ja tava pérto; as casinha
da fazenda ja se via;
ascancêmo a colóninha
passava do meio dia ...

Mais um pedaço de istrada
e cheguêi; a minha gente
ja tava co'a mesa armada
e nós cumêmo, cuntênte !

Meu primo se adisculpô-se
proquê me esperá não foi:
Tropaiação ! — se acupô-se
vendendo as carne de um boi !

(SANTA CRÚIS)

Fazenda Santa Crúis, êh fazendão !
Os cafezá sumía no ispigão,
a culónha éra mesmo uma cidade !
No terrêro, co'a túia bem no meio,
os quadrado limpinho era um ispêio
dônde o café secáva cúm vontade...

Pra baixo tinha as máquina, a oficina
co'as ferramenta ... as serra grôssa e fina
que as peróva mais dura desdobráva ...
moínho de fubá, carpentaria,
e um fóle que assopráva tudo o dia
um brazêro vermêio que istraláva !

Pra tráis se via o morro co'a igrejinha ...
Tão branca ! — parecia uma pombinha
cochilando, rodeada de arvoredô ...
Um pasto ... quatro ô cinco taiuvêra ...
donde vinha a galópe, pra cochêra,
os burro prô serviço, logo cedo !

A par cô pasto era um matão bunito
dônde nhô João ia cortá parmíto
e tinha séva la num picadão ...
Êta véio danádo de capricho !
Amóde que faláva intê cós bicho ...
térétété, apanháva uma proçãio !

Na entrada da culónha, um calipá,
os gáio arto saquaiando no á,
o vermêio da estrada ia tapando ...

E um açúde grandão, de agua paráda,
ficava uvíndo quiêto a muieráda,
batendo rôpa, rindo e cumbersando ...

Bem defronte da casa adônde eu táva,
um terraço comprido se espaiáva
intê a casa do aministradó;
tambem tinha um cercado, cô uns coquêro;
neste canto o pombá, no ôtro o vivêro,
um gramádo, a figuêra, e uns pé de frô ...

Uma cerca de pau ia siguíndo
rênte co'as casa; no arto tava o sino
atarracado forte numa víga ...
Era o iscritório ahí ... também havia
dois quarto que guardava as sacaria
e os maquinismo de matá formíga ...

Mais pra diênte era a casa do patrão,
uma casa grandôna, um sobradão
batisáda cô nême de chalé ...
No fundo tinha a hórta, o bambuzá,
a painêra e as arve do pomá,
e na frente uma môita de guaimbé ...

Bem pra tráis do terrêro, na capuêra,
se via as fôia de umas bananêra
largada ansim no mato, se perdendo ...
Tambem tinha umas pranta de guaiáva
que sem trato ninhúm os gáio arcáva
com cada frúita doce, que só vendo !

Fazenda Santa Crúis, eh fazendão !
Foi néla que prantei meu coração,
e cançêi de isperá que dêsse frô ...
Intê os cafezá tem as froráda ...
Só eu não tive frô ... não tive nada ...
— êsta paxão marváda é o que ficô !

(BÊRA CÓRGO)

Diz que quando um hóme gósta,
véve mió na cadêia
do que cós santo do céu...
Mas quando a tristeza incósta,
túda a chuva que inchurrêia
não dá pra moiá o chapéu...

Fui bêra córgo atrazado;
mas o que eu tive me dava
como a furtúna maió...
Hoje o que eu tenho, ajuntádo,
não vale a frô que brotava
de uma vórta de cipó...

Nos puerão dos caminho,
nos fumaçá das queimáda,
na iscúma do riberão,
se perdeu devagazínho
e foi se fazendo im nada
tudo o que eu tive de bão !

As vêis na lúis da cidade,
que a cerração quáse incóvre,
me alembro os luá que eu ví...
E o fríu que eu sinto é sodáde
da vida que sendo póvre
foi furtúna que eu perdí !

Quando o só vai se iscondêdo
amóde que os meus uvído
iscúita as pirdís cantá...
Meu coração vai incoiêdo...
meus óio fica duido
pra em lagrima arrebenhá...

Fico isquecido do mundo;
amóde que avô e ascanço
a sorte que me logró...
E pésko no poço fundo...
e iscúito os grito dos ganço...
e assúbo um carreadô...

Dois semetróle que passa,
cô o Locatéle e o Desóte,
vão pra culónha... A boiáda,
com um tóro araçá, de raça,
o Juaní, cô um chicóte,
grita e ajunta na invernáda...

Ê mesmo de tardezinha;
Nhô João desapêia, manco,
diz que o sapatão machúca...
Nem desarrêia a "Nigrínha";
e amarra as rédia, com um tranco,
piscando os óio pró Lúca !

Déce a turma de inxadêro,
trocando os passo miudínho,
vem xújo, vem jururú...
Trabaiáram o dia intêro
no taião do Borbãozinho,
puxando pró guatambú...

Nhó Giromé, o carpentêro,
passa, levando nas cósta,
uma táboa apareiáda ...
se acênde a luis do terrêro ...
e as do terraço, em reispósta,
tambem se acênde, zangáda !

Na iscuridão pinotêia
uma lúis verde, com ciúme
de ôtra lúis que vái chegá ...
Luz feita de lua cheia,
e de tudo os vagalúme
drênto de úns óio, a me oiá !

Lúis que eu ja tive pértinho,
lúis maió que a craridade
da lua quando se assánha ...
Despóis que eu fiquei sózinho
ficô o craráo da sodáde
na sombra que me acumpánha !

(MÃI D'AGUA)

Intão quando éla chegava
tuda as coisa cuntênte de vê éla
amóde inté que chorava ...
vorteando nos quadrado da jinéla,
as maripósa tuda se ajuntáva,
pra vê quando éla passava,
e vorteá im róda déla !

O terraço aladriádo
dônde os pésinho déla ia passando,
se ria, meio avexado,
cô barúio dos passo, assuspirando:

“— Ah, quem déra que eu fósse acurchoádo
de crina, argodão e pano,
pra sê por éla pisúdo !”

No céu, uma estrela vendo
o craráo que dos óio déla vinha,
dizia ansim prô sereno:

“— Sereno, veja se éssa lúis é minha !”
É o sereno pra estrela arrespondia:

“— Ocê tá boba, istrilinha,
seu craráo é mais piquêno !”

Inté o vento, que é artêro,
descarado e ladino cúmo quê,
largava mão das fôia dos coquêro
e ia co'êla mexê...

Despôis, avoando, ia o mexiriquêro
pra uma rosêra dizê:
—“Cabelo ansim é o primêro !

E ela vinha como as fada
das história que contam pras criança,
taliquá como a mãe d'água encantada
que alisa os cabelão, e ajêita as trança,
nas pédra do rio sentada...

Como a mãe d'água encantada,
êla vinha se rindo, alegre e mansa,
trazendo na mão fechada
o meu mundão de isperança !

(CUMBÉRSA FIÁDA...)

Um mês... dois mês... passô um ano intirinho...
ôtro ano veio, andô e foi-se imbóra...
Eu não sabia o tempo nem as hora...
Era filiz que nem os passarinho !

A noite e o dia era uma coisa só;
co'êla juntinho de eu, e eu junto déla
tinha o leite e a farinha na tijéla...
podia querê mais côisa mió ?

Cada frô, que nos gáio arrebetáva,
ria pra eu, cumbersando co'as ramada:

—“Sojêito mais feliz do que o “Facáda !”
E os gáio, as fôia, as frô, tudo me oiáva !

Quando eu ia pescá no ribirão,
os lambari de rabo avermeiádo
ficava longe, de ôio arregaládo,
vendo o anzó taliquá um coração...

Inté um galo, saquaiando as aza
pra cantá, ele oiáva bem nim mim,
e o que cantava amóde que era ansim:
—“Como é, rapáis, ocê casa ô não casa ?”

As abêia, avoando, ia dizêndo
pra cada frô dônde tirava o mé:

—“Tudo dá certo quando os dois se qué...
mas o distino ás vêis só tráis vinêno...”

Uma sabiá, cantando, me dizia:

—“Um coração quando ama véve prêso
num brazêro, cô fogo bem acêso,
que tambem pôde se apagá, um dia!”

As baitáca, em bandão, prô mato a drênto,
nos gáio arto dos jiquitivá,
garravam a se ri:

—“Quá... quá... quá... quá...
isso amóde que acaba em casamento...”

Nos óio déla os óio meu ponhando,
os mixirico tudo ia escuitando,
se rindo deles, se me incomodá...
Querendo bem quase três ano intêro,
fechava o uvido prôs mixiriquêro
e abria o coração prô amô passá!

(FOGO APAGÔ...)

Despôis que o só passava a incruziáda
do meio dia, era a passarinhada
mais miúda que garrava a zumbaria;
nos gáio insombreádo das figuêra,
nos arvorêdo ralo das capuêra,
as cuié tórta deles ritinia...

Os tico côs chupím, fazendo pôco,
dizia: — “Êta amô lôco, lôco, lôco...”
I os anú branco:

— “Ispêra, bámo vê!”

Os cabêça de fogo só escuitáva
o que o tisiú có a rôla cumbersáva
e dizia baxínho:

— “Póde sê!”

As taperá chamava as andorínha,
elas largava de avuá e vinha,
e o bate-bôca intão era um horrô!
A tá pombinha rôla não se aguênta,
precúra um gáio que ainda o só isquênta,
e diz: — “Fogo apagô... fogo apagô...”

Fiquei sintido, uvíndo aquele agôro...
me deu um nó, quáse caí no chôro...
Oiêi em róda, oiêi prô ceu, oiêi
pra ígrejinha do morro... o cafezá...
tudo amóde que táva a confirmá...
Minto se não contá que inté chorei!

Amuádo e sintído eu vinha vindo,
pensando na ruindáde do distíno
que não podia vê ninguém cuntênte ...
Mas quando abri a portêra do pomá
ela veio se rindo me incontrá ...
e eu tornei ficá alegre, de repente ...

Intão meus óio e os déla cumbersando
me fazia o agôro í desprezando
pra móde acreditá no nosso amô ...
Mas a rôla marvada — êh tentação ! —
me isfaqueô de novo o coração,
gritando sem pará: — “Fogo apagô !”

(ASSUMBRAÇÃO)

De minhá muito cedo,
inda cô a iscuridão da madrugada,
quando nos capinzá e nas baxáda
branqueáva de geada
e o friú metia medo,
eu acordava pra batê o sino
e fazê levantá
o résto do pessoá
que ainda tava dromindo ...

Gostava de vê o sino saluçá
e iscuitá quando o éco ia sumindo,
que nem leitão que intála, e qué gritá,
garra a se isperneá,
sem sai do lugá,
e só sôrta uns gritinho muito fino ...

Tava tão costumádo,
que intê as vêis, cuchilando,
garrava a córda, meio aterentádo,
e ia maiádo ... maiádo ...

Sino véio, coitádo !
Ponháva a boca no mundão, chorando,
e os pecado um por um ia pagando !

Uma vêis que eu maiáva ele de jêito,
quase morri de susto ! No meu peito
meu coração gelô,
e decérto sortô
um grito tão prefêito,
que intê o sino, só pra uví, parô !

Na iscuridão
se levantô um crarão,
uma tócha, que nem de boi tatá,
taliquá cúm rojão ...

Foi indo, indo, indo, intê apagá
pra lá do cafezá !

Êta, medão danádo !
Larguei o sino véio sucegado,
e chamei no dedão, mais que depréssa !

Mas fiquei muitos dia ainda cismando
e maginando
Ara éssa ! Que assumbração foi éssa ?!

Tres somána despóis tava tudo ispricádo:
Nhô João me chamô eu de lado, pra contá,
que a cáuso de nós dois tava muito falado ...
que pra acabá côs diz-que-diz-que invenenádo
Nhá Chiquita ia embóra ôtra vêis prô Pinhá ...

Ahi intão eu cumprendí que aquilo foi aviso,
agôro-assumbração, que, cô éco do sino,
acordô, pra mim vê e guardá bem no juízo,
que uma separação tava sendo percíso,
como a tócha de lúis que no á foi sumindo ...

(RÉSTINHO DE ALEGRIA...)

Denoitinha ela veio falá cô eu, se rindo ...
(Se ria prô se ri; mas tava triste, eu via !)
E tudo me contô ... e tudo eu fui uvindo,
cô pensamento longe, amóde que fugindo
de gosá esse réstinho triste de alegria ...

Meus óio, sem querê, fugia de encará ...
Não sei o que me dêu ... amóde que avuáva
que nem pêna, que o vento léva, sem pará,
e despóis faz a póvre pinoteá, no á ...
Assim fiquei tambem, sem sabê dônde táva !

Ela falô, falô, despóis parô, me oiándo ...
Minha afrição passô ... e fiquêmo, nós dois,
se oiándo múdo, triste e quiêto, maginando
tudo quanto de bão ajuntêmo em três ano,
pra pinchá fóra ansim, num dia só, despóis !

Vô-me imbóra aminhá ! — éla falô baxinho ...
Eu tambem quiz falá e a fala me intalô ...
Mas éla cumprendo tudo, dereitinho,
se riu, não disse nada, alevantô o bracinho,
e a mão déla co'a minha forte se apertô ...

Intão eu cumprendí que era a filicidade
que tava despedindo de êu, naquela hóra;
e apertei a mãozinha déla, cúm vontade

de pedí pra éla ansim:

— Fique, pró caridáde,
Nhá Chiquita, não vá mais aminhá s'imbóra !

Mas quem póde trocê cô que manda o destino
que do dia fáis noite e da noite fáis dia ?
É ansim, como num sonho bão que vai sumindo,
tambem pra úrtima vêis nós se oiêmo, se rindo,
gozando esse réstinho triste de alegria ...

(A SORTE)

Dá murro em ponta de faca
quem co'a sorte se atarráca
e pérde o tino,
pensando que éla arrepênde
de fazê o que bem intênde
cô destino ...

Fique lôco quem ficá,
chóre quem quizé chorá,
que éla nem vê !
É vai, de peito impoládo,
ponhando tudo trocádo,
só pô prazê !

A sorte véve brincando ...
Fica de longe, ispiando
quem tá cuntênte,
e donde éla tá iscondida
dá o bôte e férra a mordida,
que nem sorpênte !

É animá passarinhêro
que o mais mió cavaiêro
pincha no chão,
e sái na desimbestáda,
deixando a gente na estrada,
batendo as mão ...

As pintada mais treichoêra
perto déla é brincadêra,
proquê no côro
da sorte, nada não cála ...
Nem chumbo grôso ... nem bála ...
quanto mais chôro !

Mas o que éla fáis pra um hóme
remói por drênto, cunsóme,
cô uma pessôa ...
Eu quiz sê forte, sô franco ...
mas quando tomei o tranco,
chorei atôa ! ...



a. c. / 1909
1911

(PAU PIÚCA)

De minhãzinha, quando o só chegô,
eu tava atravessando o carreadô
que vai prô manguerão ...
Pulei cedinho só pra não inxergá
quando o tróle chegava pra levá
éla lá pra istação ...

E fui andando, andando, que nem gíra ...
Inté ascançá aquéla guaivíra
perto do "Matãozinho";
debáxo da arve intão fiquei sentado,
oiándo longe aquele descampado,
e cismando sózinho !

Despóis oiêi pra riba ... Um gáio morto
da guaivíra véia, quáse sôrto,
táva caíndo, quáge !
Eu queria isquecê, mas ché — não vê !
Minha idéia garrava a me dizê:
— Ela ja tá em viáge !

Fiz força e oiêi de novo o gáio ... E o gáio
amóde que me disse:
"O mundo é fáio,
e a vida é ansim, rapáis !
O que é bão éla léva e o que é rúim dêxa ...
Mas não dianta chorá, nem fazê quêxa ...
a gente sófre mais !"

“Tambem ja fui filiz, e hoje, que sô ?
Dônde tão minhas fôia ? Cadê as frô
que vinha me infeitá ?
Perdi tudo ... Inté o só que me aquentáva,
quando as geáda brába me maiáva,
não vem me percurá ...

Triste, derreádo, aqui vô padecendo,
na sombra de ôtros gáio apodrecendo,
inté que um pé de vento
me pégue eu e me apínche, quarqué dia,
soparádo do résto da famía ...
— nem sei como me agüento !

Pois é; ja fui filiz, do arto inxergando
os boi trabaiaidô passá puxando
os carretão e os carro ...
Era um prazê pra mim, quando fui gáio,
ficá vendo a paciêça, cô trabáio,
dos tá de João de barro !

De tarde, quando o só tava abaxando,
eu ficava encantado, quiêto, oiándo
as núve tão vermêia !
De noite intão ispiáva as brincadêra
dos curiángo pulando na puêra
branca, cô a lua chêia !

“Nunca fui rúim ... sempre fiz bem pra tudo !
Prôs vira, os picapáu e prôs bicúdo
muitas vêis dei posáda ...
Falava inté cô as bêsba e as imbutúca;
mas despóis que eu virei quáge páu piúca,
sô coisa desprezáda !

Ja fui filiz ... Um dia o vento forte
me lascô e eu caí; a minha sorte

sumiu desde esse dia;
minhas fôia ficô tudo amaréla,
e foi caindo, caíndo tudas éla ...
Que tristeza eu sintía !

Minha casca despóis foi se intortando,
e eu tambem fui secando, fui secando,
inté o que sô agóra !
Ja tô ficando piúca, apodrecido;
não demóra que eu têje consumido ...
Eu sei que não demóra !

Perdi o sôno muitas noite a fiu ...
Me batia um tremô ... uns arrepíu,
que o sôno atropeláva ...
Eu rezava e pidia o Bão Jisúis
pra í m'imbóra tambem de Santa Crúis ...
Nada me cunsoláva !

Uma noite que o sôno intão me vêio,
eu dromi; mas sonhei um sonho fêio,
só de idéia malúca !
Diz que eu ia pegá meu coração
e o pôvre desfazia em minha mão ...
Táva feito páu piúca !

(A RIQUEZA DA SODADE)

O tempo cô o isquicimento
vévem trabaiándo junto,
levando o contentamento
como quem léva um defunto...

No sumitéro da vida
o póvre fica interrado;
e o tempo coméça a lida
pra ele não sê mais lembrado.

E a sodáde, arma pirdída
da alegria que morreu,
anda pra noite da vida
campeando o que perdeu...

O tempo judía déla
cô companheiro birrênto;
mas as vês éla atropéla
o tempo cô isquicimento!

Ja vai fazê vinte ano
que eu perdí a filicidade,
mas ganhei no disingáno
a riqueza da Sodáde!

Co'éla eu vô adônde intêndo,
amostrá prô coração,
que sonha que ainda tá tendo
tudo o que perdeu de bão!

(TRÊS BÉRSINHO...)

Uma cantiga ha que sempre me atropéla...
Três bérsinho que é um brinco e que alémbro chorando...
Só proquê quando alêmbro, o retratinho déla
meu pensamento bêja e me dêxa sonhando!

Quando eu canto eu vêjo éla... Inté assômbra a gente,
crúis crédo! Mas é mesmo, eu vêjo éla vim vindo
naquele terração, pulando de contênte...
ponhando os óio em mim, sastifêita e se rindo...

Despôis mais lá adiênte tópa com nhá Aninha...
Se ri... dá gargaiáda... óia pra êu... tórna a rí...
Marváda! Despôis brinca co'a ôtra, de ródinha,
cantando aquilo intão que nunca me isqueci:

"Inda não comprei,
mas hei de comprá
um lencinho rôxo
só pra apaixoná..."

Não foi perciso não que éla comprasse o lêngo,
proquê pra me imbeijá só ela me chegô...
Foi tão grande a paixão que inté hoje inda eu penso:
— Que seria de mim cô tá lêngo de cô?!

Eu vejo éla cantando... A cantiga que canta
sái da boquinha déla e vem me acalentá;
não é cantiga atôa... é os vérsos que uma santa
canta no céu e a gente pensa que é no artá...

Eu vêjo éla brincando... acompanho o jeitinho
que o corpo déla tem, quando méxe, vorteando
que nem pião... ligêro como um Sacisinho
vistido de muiê de quágê trêze ano !

Canta, pomba crioula, canta ! Eu vou sintindo
a cantíga que vem meu coração moê !
Canta ! Que eu le iscuitando isquêço o meu distino
que nunca mais dexô que eu le pudêsse vê...

"Vai de ramo em ramo,
vai de frô em frô,
vai nos braço déla
com seu lindo amô !"

De gáio em gáio eu vô... De ramo em ramo vái
meu coração que amô, pra nunca sê filiz...
Proquê os gáio é sem frô... e as fôia atôa cá...
proquê os gáio só é bão quando é boa a raiz !

Ah ! Se nos braço déla eu tivêsse a aligria
de meus braço ponhá juntinho, na capéla...
Mas quá ! — não foi pra mim... Eu só tenho a aguna
de sonhá que éla canta, e que iscuíto a vóis déla !

Eu não quero mintí... nunca fui cavortêro...
mas amóde que tô vendo éla, de verdade...
tá brincando ôtra vêis... tá vorteando ligêro...
Tá de novo cantando e trazendo a sodáde !

"Óia a rolinha, sinhô, sinhô,
caíu no laço, sinhô, sinhô,
se imbaraçô, sinhô, sinhô,
e lá ficô..."

Não foi a pomba rôla que caíu no laço...
foi o meu coração ! Se imbaraçô-se tanto
que intê hoje não sei o que fáis — o que eu faço ! —
nos pinóte que dá quando estes bérso canto !

A rolinha fui eu... me prendí na armadía
que nem as jurutí que nhô João inganáva,
dando mio, na séva, intê chegá o dia
que as póvre ia cumê e o pescôço istraláva !

Pra que me amofiná ? Diz que Deus nunca érra
quando dá tudo a um, e aos ôtro não dá nada...
Ela que viva em páis, se inda vivê na terra...
Proquê se ja morrêu, no céu tá descançada !...

(INTÉ AS PEDRA SE INCÔNTRA...)

Mecê morreu, Nhá Chiquita ?
Se mecê véve, onde tá ?
Tá feia ? Tá mais buníta ?
Não canço de preguntá ...

E o meu coração, cismando,
proquê não sabe tambem,
me diz:

— Quá ! Fáis tantos ano,
decérto casô cô arguê !

Póde sê ... tudo aconteçe ...
muid pra casá nacê !
E o tempo me diz:

— "Isqueçe !" !

— Isquecê ? ! — pudêsse eu !

Isquecê não é tão fáce ...
Isquecê ... quantas vêis quéro !
Isquecê ! — só se eu ponhásse
meu corpo no sumitéro !

Ansim mesmo, se é verdade
que a arma dos defunto avúa,
eu ia como a sodáde,
vistindo um crarão de lua,
campeá a casinha déla
por êsse mundão sem fim ...
e atravessando a jinéla
assuspirá pra éla ansim:

Mecê me isquecê, decérto;
mas não se alembra, siquê,
que só não ha lugá pérto
quando a sodade não qué ...

Se me isqueceu, que me impórta ?
proquê eu vivo me alembando ...
Amô véio não se córta
nem com um facão mil áno !

Não fáis má que tudo os contra
quêra a sodade matá ...
Inté as pedra se incôntra ...
Nóis tambem se ha de incontrá ! ...



Oração de Cabôco

ORAÇÃO DE CABÔCO

(A minha esposa e aos meus filhos)

Cabôco bão, que vale im ôro o que ele pésa,
inquanto ele trabáia é o mesmo que uma réza
que o machado, que a foíce e a inxada vái rezando ...

Quando ele tá prantando,
Deus fica abençoando e vendo de pértinho
— adisfarçado ás vês num passarinho —
a rôça que vai sê mais tarde um miará,
arroizá, mandiocá, canaviá,
ô rôça de feijão,
ô quarqué prantação ...

Quando o mio ja tá granando nas ispíga
o vento amóde inté que canta esta cantíga:
—“Que bunita que tá sua rôça de mio !
Só cóie quem prantô !
Deus le ajudô, meu fio !”

O cabôco intão pára no carreadô,
maginando cuntente:
—“O mio ja granô ...
O feijão tá coiído ... o mantimento é certo !”

Óia despóis prô pasto; óia o chiquêro péрто;
óia a fia que vái buscá agua na fonte,
e diz baxinho ansim:
—“Amóde que foi ônte
que eu co'a Dita casêmo e ja tá môça a Júia !”
“Tá im ponto de casá, sabe pegá na agúia,

"no fogão não se apêrta ... é inducáda ... jeitôsa ...
Môde que anda riscando os óio co Zé Rosa ...
Será que ela tem prêssa de me vê avô ?
— Tá tudo muito bão, o mio ja granô !"

E o cabôco vai indo, ascançando o terrêro;
rincha na linha um trem, matraqueando ligêro,
largando um fumaçá
que se inrôsa no á ...
O só ja tá baxinho; as perdís tão cantando;
um nambú xinga o ôtro; e o cabôco alebrando
chama o fio:

— Ó Tumé, tratô das criação ?"

— Tratei, nhô pai ..."

— E o báio ?"

— Tá mio ..."

— Tá bão !"

Drênto de casa istrála a gurdúra frigída;
ele diz pra muié:

— "Anda co'êssa comída

que a fôme tá batendo aqui no meu nariz !"

No brejá de tabôa as saracúra diz,
sustáda cô tropé de um cavaieiro a tróte:

— "Quebrei três póte, quebrei três póte, quebrei três póte !"

E o cabôco que vale im ôro o que ele pésa,
senta rente co'a pórta, óia nas núve e réza,
sem falá, mas cúm tanta devoção,
que amóde inté que para o coração:

— "Meu Nosso Bão Jesúis, meu feijão tá coiido ...
meu mio ja granô ... meu fio tá crecido ...
mia fía tá môça e a muié cúm saúde ..."

"Que Nosso Bão Jesúis sempre me ajúde,
proquê inté hoje eu sô um bão pái de famía ...
Que eu pôssa tê coráge tudo dia
pra sê trabaiadó
como inté hoje sô ..."

"Não fáis má que me xinguem de caipira ...
A bondade de um hóme ninguem tira ...
Essa gente de fóra

cheia de nóve hóra,
é que me xinga ansim ...
mas quem véve na rôça,
trabaiando com fé, os cabelo não côça
prô não tê o que cumê ... E a gente da cidade,
se o sertão não mandá o que fala a verdade,
morre de agua na boca e a barriga no fundo,
proquê a fome é a pió duênça que ha no mundo !"

"Quero fechá meus óio aqui no meu lugá,
ouvindo as araponga e as sabiá,
vendo o córgo í sumindo nas baxáda ..."

"Que eu tenha força pra pegá na inxada
pra todos ano inchê o meu paió ..."

"Que eu sendo avô e a Dita sendo avó,
os nosso néto quêram bem a gente,
proquê nós qué vivê sempre cuntente ...
cantando de alegria ...
sem havê óio tórto na famía !"

"Meu Nosso Bão Jesúis: nós sêmo brasilêro ...
que eu pôssa tê sempre no meu terrêro
o feijão pra batê,
prô gasto e pra vendê ..."

— "Nhô pái, pra vim cumê !"

— "Que a lua que ja tá nacêndo, devagá,
venha me abençoá ..."

— "Pra vim cumê, nhô Pái !"

— "Não sô surdo, ja vái !
E venha abençoá o lugá que eu naci,
abençoándo, cuntente, o sertão do Brasi ! ..."

VOCABULARIO

A

<i>Abêta</i>	Abêtha
<i>Abeliêra</i>	Colmêcia
<i>Abênça</i>	Bênçam
<i>Acêro</i>	Acêiro
<i>Acunseiáva</i>	Aconselhava
<i>Ademôstra</i>	Demônstra
<i>Adiênte</i>	Adiante
<i>Ademanche</i>	Desmanche
<i>Adispidi</i>	Despedir
<i>Afrito</i>	Aflito
<i>Agardecê</i>	Agradecer
<i>Agardecêa</i>	Agradeceu
<i>Agôro</i>	Agôuro
<i>Agudêi</i>	Grudei (agarrei)
<i>Agûia</i>	Agulha
<i>Ajuciádo</i>	Ajoelhado
<i>Aladriádo</i>	Ladrilhado
<i>Alamão</i>	Alemão
<i>Alejádo</i>	Alejado
<i>Alumiá</i>	Alumiar
<i>Amarrio</i>	Amarriho, atadúra
<i>Amigá</i>	Amigar (amancebar-se)
<i>Amó que</i>	} Parece que
<i>Amóde que</i>	
<i>Amolecida</i>	Amolecida
<i>Audêjo</i>	Andejo
<i>Apinchásse</i>	Jogasse, atirasse
<i>Aporvéita</i>	Aproveita
<i>Ara se !</i>	Ora se !
<i>Argibêra</i>	Algibeira
<i>Arguêr</i>	Alguem
<i>Argûm</i>	Algum
<i>Arguêro</i>	Argueiro
<i>Arma</i>	Alma
<i>Artêro</i>	Arteiro (peralta)
<i>Arve</i>	Árvore
<i>Arvejádo</i>	Alvejado

<i>Arresorvido</i>	Resolúto
<i>Arretrada</i>	Retirada
<i>Arretratá</i>	Retratar
<i>Arrimináva</i>	Zangava
<i>Arroizá</i>	Arrozal
<i>Ascancêmo</i>	Alcancamos
<i>Ascânço</i>	Alcânço
<i>Astrêvo</i>	Atrevo
<i>Atálo</i>	Atalho
<i>Atarracô</i>	Agarrou
<i>Aterentádo</i>	Atarantado
<i>Atóra</i>	Atravessa
<i>Atrêpa</i>	Trêpa
<i>Avexádo</i>	Vexado (envergonhado)
<i>Azedro</i>	Azedaram
<i>Azú</i>	Azul
<i>Azúzinha</i>	Azulzinha, azuisinhas

B

<i>Bichêro</i>	Bicheiro
<i>Bigitá</i>	Visitar
<i>Borbãozinho</i>	Bourbonzinho (talhão do cafezal. Tipo ou espécie de café)
<i>Brábo (a)</i>	Bravo (a)
<i>Bregánha</i>	Bargánha
<i>Briándo</i>	Brilhando
<i>Briánte</i>	Brilhante
<i>Bulindo</i>	Mexendo
<i>Burricido</i>	Aborrecido
<i>Baitáca</i>	Maitáca (passaro)
<i>Bámo</i>	Vamos
<i>Barbicácho</i>	Cabeçada ou freio de corda para animais mures ou cavallares indócês.
<i>Barreáda</i>	(Casa barreáda) paredes de pau a pique ou taipa, revestidas de barro.

<i>Barria</i>	Varría
<i>Barrido</i>	Varrido
<i>Baruicento</i>	Barulhento
<i>Bassorida</i>	Vassourada
<i>Baxêro</i>	Baixeiro (manta que se põe por baixo da sela do animal).
<i>Baxinho</i>	Baixinho
<i>Bêra</i>	Beira
<i>Bêra côrço</i>	Beira côrrego (expressão regional que designa o caipira cem por cento).
<i>Bêrguinha</i>	Belguinha — tipo de espingarda.
<i>Bêrsinho</i>	Versinho
<i>Bêspa</i>	Vespa
<i>Bespêra</i>	Vespeira
<i>Bicôtinha</i>	Beijinho
<i>Bibôca</i>	Abismo

C

<i>Cachueira</i>	Cachoeira
<i>Caçununga</i>	Espécie de vespa
<i>Cabeça de Fôgo</i>	Passarinho de cabeça encarnada.
<i>Calipá</i>	Bosque ou horto de eucalipto.
<i>Campeá</i>	Procurar
<i>Caquira</i>	Azar
<i>Cambuí</i>	Árvore das nossas matas e capoeiras.
<i>Cancêra</i>	Canceira
<i>Canhotêro</i>	Canhoto
<i>Caninãna</i>	Espécie de cobra
<i>Capêta</i>	Demonio
<i>Caôio</i>	Caólho
<i>Capiá</i>	Denominação por certo deturpada que na região litoral norte do Estado de S. Paulo se dá á graminea <i>Croiz lacrima</i> . Entre os caibolos do planalto dão-lhe os nomes de "Lágrima de Nossa Senhora", "Conta de Nossa Senhora" ou "Lágrima de Santa Maria".
<i>Capiazêro</i>	Planta do capiá

<i>Capêva</i>	Árvore frutífera
<i>Capêra</i>	Capoeira
<i>Cascavê</i>	Cascavel (cobra)
<i>Cardêro</i>	Caldeirão
<i>Casôma</i>	Casarão
<i>Catuquêi</i>	Cotuquei
<i>Cavaiêro</i>	[Cavalleiro Cavaleiro
<i>Cavortêro</i>	Manhoso, arditoso
<i>Cavicêra</i>	Cabeceira
<i>Cáuso</i>	Caso
<i>Caxinguelê</i>	Serelêpe
<i>Ceá</i>	Cear
<i>Chêfre</i>	Chefe
<i>Chiqueêro</i>	Chiqueiro
<i>Chiminê</i>	Chaminé
<i>Chúco</i>	Chucro
<i>Chupim</i>	Chopim (passarinho)
<i>Cô</i>	Cor
<i>Cocêra</i>	Cocceira
<i>Côco d'agua</i>	Vasilhame feito da parte consistente do coco da Baía, utilizado para tirar água de pote ou de outro recipiente.

<i>Côrço</i>	Côrrego
<i>Conviniê</i>	Combinei
<i>Compasscando</i>	Ritmando
<i>Curáu</i>	Doce, crème de milho verde
<i>Curiángo</i>	Ave noturna
<i>Curpa</i>	Culpa
<i>Cumêndo</i>	Comendo
<i>Cuiê</i>	Colher
<i>Cuvêrta</i>	Coberta
<i>Cuviçásse</i>	Cobiçasse
<i>Cô' ele</i>	} Com ele, com ela
<i>Cô' ela</i>	
<i>Cô' ocê</i>	Com você
<i>"Corgo pená"</i>	Código penal
<i>Cô' o</i>	} Com o — com a
<i>Cô' a</i>	
<i>Corênta</i>	Quarenta
<i>Côcca</i>	Cócega
<i>Cramô</i>	Clamor
<i>Craçêia</i>	Clareia
<i>Crâsse</i>	Classe
<i>Crucuveô</i>	Corcoveou
<i>Cunvinádo</i>	Combinado

<i>Cumê</i>	Como é
<i>Cupi</i>	Cupim
<i>Cumêmo</i>	Comemos
<i>Calônda</i>	Colônia
<i>Cumbersaudo</i>	Conversando
<i>Cangôte</i>	Cançote
<i>C'um</i>	Com um
<i>Cuviçáva</i>	Cobiçáva

D

<i>Debniádo</i>	Debulhando
<i>Deiz</i>	Dez
<i>Dejêjo</i>	Dejejo
<i>Desgaiádo</i>	Desgalhádo
<i>Desfêz</i>	Desfez
<i>Despêna</i>	Depena
<i>Despôis</i>	Depois
<i>Detráis</i>	Detraz
<i>Devêra</i>	Devêras
<i>Destraviá</i>	Estraviar
<i>Dezôte</i>	Dezotti (sobrenome de pessoa)
<i>Diáño (a)</i>	Diabo (a)
<i>Difíce</i>	Difícil
<i>Discunjúra</i>	Eseconjúra
<i>Disimbestar</i>	Correr desabaladamente
<i>Domadô</i>	Domador Amsador de animais de montaria
<i>Drênto</i>	Dentro
<i>Dromi</i>	Dormir
<i>Duêndo</i>	Doendo

E

<i>Espada</i>	Espadilha (ás de espadas)
<i>Ezêmpre</i>	Exemplo

F

<i>Facêrava</i>	Faceirava
<i>Fáio</i>	Falho
<i>Famía</i>	Família
<i>Fartando</i>	Faltando
<i>Fiêra</i>	Fieira
<i>Fia</i>	Filha
<i>Fiaráda</i>	Filharada
<i>Figúêra</i>	Figúeira
<i>Fiticêro</i>	Feiticeiro
<i>Fizêro</i>	Fizeram

<i>Fôia</i>	Folha
<i>"Fôgo Apagô"</i>	Rola muito comum no nosso interior.
<i>Fômo</i>	Fomos
<i>Fôrfe</i>	Fôforo
<i>Fôsinha</i>	Escárneo
<i>Frangido</i>	Franzido
<i>Frigida</i>	Frigida
<i>Frissúra</i>	Alvorçado
<i>Friu</i>	Frio
<i>Frúita</i>	Fruita

G

<i>Gaiúda</i>	Galhúda
<i>Gavôla</i>	Gabôla
<i>Garratio</i>	Garrotinho
<i>Girassô</i>	Gira-sol
<i>Goiás</i>	Goiaz
<i>Guaibê</i>	Planta silvestre
<i>Guaivêra</i>	Goiabeira
<i>Guaivôra</i>	Nome de árvore
<i>Guapuruvú</i>	Guapuruvú (arvore)
<i>Guatambú</i>	Arvore do mata; cabo de enxada.
<i>Guaivêra</i>	Guaibirôba (arvore)
<i>Gurdúra</i>	Gordura
<i>Guruváta</i>	Gravata
<i>Guspia</i>	Cuspiu

H

<i>Huvê</i>	Houver
-----------------------	--------

I

<i>Içá-bitú</i>	Içá — vitú (saúva)
<i>Ide</i>	Hei de
<i>Igigênte</i>	Exigente
<i>Imbira</i>	Cordêl de fibra vegetal (embira)
<i>Impapuçádo</i>	Inchudo
<i>Impareiaáda</i>	Emparelhada
<i>Infára</i>	Enjora
<i>Ingáço</i>	Ençáço (talo das frutas, cabo)
<i>Indevezá</i>	Amadurecer
<i>Ingênhôca</i>	Engênhôca
<i>Intê</i>	Atê

Intrepára . . . Tecido de barbante (rede) que se colóca junto à borda da embaração de pesca, servindo de anteparo, afim de colher os peixes que saltam fugindo ao cerco.

Inchurréia . . . Que provoca enchurrada.

Incóvree . . . Encobre

Inxadêro . . . Enxadêro (trabalhador de enxada).

Incruzáda . . . En cruzilhada

Intáda . . . Entala

Intója . . . Entoja

Imbutúca . . . Mutuca

Incoído . . . Encolhido

Incoiido . . . Encolhido

Incharcáva . . . Encharcava

Invidrá . . . Embaçar

Indíge . . . Indígena

Inducáda . . . Educada

Ingaiarada . . . Galhuda

Ingrêis . . . Inglêss

Intêro . . . Inteiro — inteirinho.

Inteirinho . . . Inteiro — inteirinho.

Inzêste . . . Existe

Iscoia . . . Escolhia

Ispôia . . . Espelho

Ispinho . . . Espinho

Isquêro . . . Isqueiro

Ispiculá . . . Indaçar

Isugúta . . . Pesquiza

Iscumando . . . Espumando

Isguêta . . . Esguêta (olhar de esguêta; de soslaio).

Ispáia . . . Espalha

Istanhã . . . (Estanhou) — fixou.

Istrálo . . . Estalo

Istovê . . . Estourou

Iscunjará . . . Esconjurar

Ispriçá . . . Explicar

Izóra . . . Izaura

J

Jaracatá . . . Árvore do mato, cujo fruto é muito apreciando.

Jequitivá . . . Jequitibá

João de Barro . . . Pássaro muito conhecido

Juani . . . Corruptela italianizada de João.

Jurufi . . . Juriti

Jinêla . . . Janela

Jirôme . . . Jeronimo

L

Lazão . . . Alazão (cavalo cor de canela).

Leijádo . . . Aleijado

Lográdo . . . Enganado

Loqêce . . . Enlouquece

Locatêle . . . Locatelli (sobrenome de pessoa)

Lubisóme . . . Lobishomem

Lúis . . . Luz

Lumiá . . . Alumiar

M

Má . . . Mal

Machête . . . Instrumento de corda parecido com a viola.

Malaquia . . . Malaquias

Malncarándo . . . Mal encarando

Maravia . . . Maraviha (nome de boi)

Marca . . . Contradãca

Mardiz . . . Maldiz

Matozinho . . . Colônia, povoado com esse nome.

Mata virge . . . Mata virgem

Matêro . . . Mateiro

Mê de páu . . . Mel de abelhas, colhido no úco das árvores.

Mi — Mir . . . Mil

Mi'a — Mia . . . Minha

Micáge . . . Macaqueice

Miará . . . Milharal

Mindoim . . . Amendoim

Manhãzinha . . . Manhãzinha

Minjolo . . . Monjolo

Mió . . . Melhor

Mixiricando . . . Mexericando (fazendo mexicano)

Móde que . . . Parece que

Amóde que . . . Parece que

Moiádo . . . Molhado

Molêce — Mulêce . . . Amolêce

Mucinho . . . Mocinho

Muieráda . . . Mulherada

N

Nambú . . . Nhambú (pássaro)

Nina . . . Acalênta

Nós'siôra . . . Nossa Senhora

Novia . . . Novilha

Námbro . . . Número

Nim . . . Em

O

Ôcê . . . Você

Ôcro . . . Oculos

Oiá . . . Olhar

Ônte . . . Ontem

Orêla . . . Orelha

Oriêssa! . . . Ora êssa!

Oro . . . Ouro

Oróra . . . Aurora, (nome de mulher)

P

Palabreádo . . . Palavrêado

Páia . . . Palha

Páis . . . Paz

Papádo . . . Gabóla

Paquêro . . . Paqueiro

Parêto de rãpa . . . Têrmo de roupa

Parêmo . . . Paramos

Parmito . . . Palmito

Patrôna . . . Bolsa para caçada

Pau d'áio . . . Pau d'alho

Pau piãca . . . Pau pôdre

Paxão . . . Paixão

Pedregúio . . . Pedregulho

"Pelo siná" . . . Sinal da Cruz

Percáre . . . Procure

Perdiqêro . . . Perdiqeuero

Perjóro . . . Prefiro

Peróva . . . Peróva

Perrepê . . . P.R.P. (Partido Republicano Paulista).

Pesquêro . . . Pesqueiro (Local apropriado à pesca).

Pião . . . Briquêdo; também têm esse nome os domadores de animais.

Pica páu . . . Espingarda de carregar pela boca.

Pinguêla . . . Ponte do um pau só.

Pinica . . . Belisca

Pintada . . . Onça pintada

Pirdiz . . . Perdiz (ave dos nossos campos)

Pissúe . . . Possúe

Pitíva . . . Cacete

Píco cásto . . . Ponto caso

Ponhãdo . . . Pondo

Párra . . . Pólvara

Posáda . . . Póuso

Pôre . . . Pôbre

Práino . . . Plano (projêto)

Pra qué . . . Para que

Para riba . . . Para cima

Prêfêto . . . Perfeito

Pr'êla . . . Para ela

Pr'êle . . . Para êle

Premêsa . . . Promessa

Presepêro . . . Manhoso

Primêro (a) . . . Primeiro (a)

Proquê . . . Porque

Pro via . . . Por causa de

Puêra . . . Poêira

Purga . . . Pulga

Q

Quebránte . . . Quebranto

Queixa . . . Queixa

Quexada . . . Queixada (porco do mato)

Quingue . . . "King" (jogo de cartas)

R

Redomão . . . Animal de montaria que não está bem manso.

Regatêro . . . Excessivamente alegre.

Registí . . . Resistir

Reiná . . . Reinar (fazer travessuras)

Rêio . . . Relho, chicote

Reizão . . . Rasião

Retaládo . . . Retalhado

Ripiádo . . . Arrepiado

Rôda de mandiôca . . . Pêça circular, com rala-dor, disposta sobre um banco alto ou caivete, para ralar mandiôca.

Rua *Gundáa* . . . Rua Jandaia
Rôda moinho . . . Remoinho

S

Sá Sal
Saira Pássaro da nossa fauna.
Saquinando Mexendo
Saquitê Saquinho estreito para
conduzir chumbo nas
caçadas.
Sarambê Abobalhado
Sarve Salve
Sêje Seja
Semetróle Semitróle
Sêmo Somos
Sentência Sentença
Serelêpe Caxinguelô
Serráia Serralha (planta).
Sêsto Séstro, hábito.
Siquê Siquer
Sirvi Servir
Sá Sol
Sábe Soube
Somána Semana
Saparação Separação
Soportura Sepultura
Serpente Serpente
Sábodo Sábado
Sortêro Solteiro
Subêmo Soubemos
Samitério } Cemitério
Samitério }
Suó Suor
Sarica Peralta, irrequiêto.

T

Tabôa Planta muito comum nos
bréjos (Tabôa)
Táco Afamado, hábil
Táio Talho
Tambiá Peixe fluvial
Taperá Passarinho da familia
das andorinhas (ando-
rinhão)
Taquari Taquara fina
Tatorána Taturána; lagarta vene-
nosa.
Têje Esteja

Tençaô Atençaô
Tico Tico-tico
Tiu Tio
Tiziu Passarinho preto
Tomóve Automóvel
Tordáa Tordilho
Traxêa Trouxe
Três Três
Trêsdônte Tras ante-ontem
Trocê Torcer
Tropicô Tropeçou
Tudo Tôda, tôdas.

U

Ufênsa Ofensa
Umelête Omelête
Unhêro Unheiro; tumor entre
úňa e o dedo.
Uratório Oratório
Úrtima Última
Uvir Ouvir

V

Vadia Vadio
Vantáge Vantagem
Vêinho Velhinho
Vêis Vez, vezes
Vermêio (a) Vermelho (a)
Vêve — Vêvem Vive, vivem
Viadêro Veadeiro
Viagêia Viaja
Vige Virgem
Vira (Pássaro preto)
Vóis Voz
Vartá Voltar
Vurto Vulto

X

Xororó Pássaro — espécie de
nhambú.

Z

Zápe Zápete (quatro de paus).
A carta de maior va-
lor no jogo de *truque*.